



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURAS

MESTRADO EM ESTUDOS LUSÓFONOS

**BENTO GONÇALVES DA SILVA, O HOMEM E O MITO NA
LITERATURA**

Alexandra Helena Tobias Coelho

Orientadora:
Prof.^a. Doutora Beatriz Weigert

ÉVORA, 2009

Alexandra Helena Tobias Coelho



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURAS

MESTRADO EM ESTUDOS LUSÓFONOS

**BENTO GONÇALVES DA SILVA, O HOMEM E O MITO NA
LITERATURA**

Alexandra Helena Tobias Coelho



Orientadora:
Prof.^a. Doutora Beatriz Weigert

ÉVORA, 2009

Alexandra Helena Tobias Coelho

DEDICATÓRIAS

À minha família, amigos e colegas pelo apoio transmitido ao longo deste processo.

Aos colegas e Professores do Mestrado em Estudos Lusófonos pela camaradagem e ajuda dos últimos anos.

À Professora Beatriz Weigert por ter inculcido em mim os Pampas e os heróicos Centauros que os percorreram. Orientadora dedicada e, acima de tudo, amiga.

Aos meus pais pela cumplicidade e pela amizade que sempre nos ligou e com a qual sempre contei. À minha mãe em especial, pela sua dedicação e impulso para seguir este caminho.

Bento Gonçalves da Silva, o homem e o mito na Literatura

RESUMO

No início do séc. XIX, o Rio Grande do Sul vivia momentos conturbados que resultavam de condições políticas, sociais, culturais e económicas singulares. Nesse contexto, um grupo de homens deu início a uma insurreição. Entre os revoltosos ganhou destaque Bento Gonçalves da Silva, líder da Revolução Farroupilha e primeiro Presidente de uma República em território brasileiro.

Baseando-se na dicotomia História/Literatura e recorrendo às teorias do Romance Histórico e do Regionalismo Rio-Grandense, este trabalho procura identificar semelhanças e contradições entre o homem histórico que foi Bento Gonçalves da Silva e a personagem ficcional criada nas obras: *Contos Gauchescos*, de João Simões Lopes Neto; *A guerra dos Farrapos*, de Alcy Cheuiche; *A Prole do Corvo*, de Luiz Antônio de Assis Brasil; *Os Varões Assinalados*, de Tabajara Ruas e *A Casa das Sete Mulheres*, de Letícia Wierzchowski. Procura-se inserir as obras estudadas no tempo e na ideologia dos seus autores.

Palavras-chave: Literatura e História, Rio Grande do Sul, personagem ficcional, Bento Gonçalves da Silva

Bento Gonçalves da Silva, man and myth in Literature

ABSTRACT

In the beginning of the XIX century, Rio Grande do Sul lived difficult times due to political, social, cultural and economical singularities. In such environment, a group of men began a revolt. Among them, a man was vital: Bento Gonçalves da Silva, leader of the Farrroupilha Revolution and first President of a Republic in Brazilian territory.

Centered in the dichotomy History/Literature and using the theories related with the Historical Novel and the Regionalismo from Rio Grande do Sul, this work tries to identify the similarities and contradictions between the historical man that was Bento Gonçalves da Silva and the fiction character created in: *Contos Gauchescos*, by João Simões Lopes Neto; *A guerra dos Farrapos*, by Alcy Cheuiche; *A Prole do Corvo*, by Luiz Antônio de Assis Brasil; *Os Varões Assinalados*, by Tabajara Ruas and *A Casa das Sete Mulheres*, by Leticia Wierzchowski. Trying to contextualize the novels according to the time and ideology of their authors.

Key Words: History and Literature, Rio Grande do Sul, fiction character, Bento Gonçalves da Silva.

Para isso era preciso um chefe inteligente e prestimoso que se constituísse o foco de irradiação das forças: todos olharam para Bento Gonçalves. Era, de facto, a figura mais saliente, a entidade mais real de toda a provincia. Aquelle homem de pequena, de resumidissima estatura, de cerca de cincoenta annos de idade, intelligente, perspicaz e experimentado, cuja fama tinha sahido gloriosa de todos os combates que em perto de trinta annos de serviço militar pelejara, – tinha-se tornado uma potencia invencivel no Rio Grande. O proprio marechal Barreto o chamara – indomável. Os homens do poder eram seus inimigos, mas receiavam-no ao ponto de não ousarem, por muito tempo, retirál-o de um posto de confiança, como com outros se fazia, se bem que fosse elle o mais acusado. A sua energia não soffria contraste; a bondade do seu coração crêara-lhe infinitos e dedicados amigos; a honradez do seu character, cheio de todas as virtudes, a sinceridade com que defendia as opiniões que abraçára, assumiam o valor de uma garantia. Bento Gonçalves foi o chefe escolhido unanimemente. Foi elle quem delineou as cousas, quem aparelhou os antecedentes para o resultado harmonico que vamos presenciar. Todos receberam-lhe a senha, e retiraram-se para os pontos indicados. Elle mesmo mudou-se para a sua residência de Camaquan, donde ganhava e preparava terreno. Os seus amigos, avisados, secundavam-no por toda a campanha. Todos, homens de grande prestigio nos logares que habitavam, estancieiros, negociantes, officiaes de linha e da guarda nacional, tinham por tal modo minado o terreno da provincia – que o grito revolucionario, uma vez alçado, repercutiria facilmente por todos os pontos.¹

Joaquim Francisco de Assis Brasil

¹ [Joaquim Francisco de] Assis Brasil, *A Guerra dos Farrapos*, Rio de Janeiro, Adersen-Editores, s/d, p. 107 a 109

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I: O Rio Grande do Sul: terra, homem, história	19
1. A Geografia e a História	19
2. O Gaúcho	21
2.1- Miscigenação no Rio Grande do Sul	25
2.2- Origem do Mito	27
3. A Revolução Farroupilha e os Farrapos	33
CAPÍTULO II: Bento Gonçalves da Silva: História e Mito	39
1. O Homem Histórico	41
2. Elevação a Mito	86
3. Apropriação e Reconfiguração da Revolução Farroupilha.....	90
CAPÍTULO III: Bento Gonçalves: Personagem Literária	92
1. <i>Contos Gauchescos</i> de João Simões Lopes Neto	92
2. <i>A Guerra dos Farrapos</i> de Alcy Cheuiche	96
3. <i>Os Varões Assinalados</i> de Tabajara Ruas	98
4. <i>A Prole do Corvo</i> de Luiz Antônio Assis Brasil	100
5. <i>A Casa das Sete Mulheres</i> de Leticia Wierzchowski	105
6. Bento Gonçalves enquanto Personagem Literária	108
CONCLUSÃO	132
BIBLIOGRAFIA	134

INTRODUÇÃO

O presente trabalho desenvolve-se no campo da relação entre Literatura e História e enquadra-se no Mestrado em Estudos Lusófonos. Para desenvolver este projecto foi indispensável aliar as duas áreas académicas com as quais tenho mais afinidade. O ponto de partida para este trabalho é histórico. Não podemos esquecer que o gaúcho (e Bento Gonçalves da Silva como seu representante) resulta de um espaço geográfico e cultural diferente do do restante território brasileiro. O gaúcho desenvolveu-se num contexto único de guerras, primeiro entre Portugal e Espanha e mais tarde entre os países do Prata.

A Literatura Sul-Rio-Grandense vai atribuir um relevo especial ao homem que se identifica com a região e, em particular, aos heróis do decénio farroupilha. No final do século XX, deparamo-nos com o acréscimo de interesse em relação ao romance histórico. Este subgénero narrativo já se havia revelado preponderante durante o século XIX. No caso da América Latina a importância do romance histórico foi ainda mais fulcral: era necessário criar uma tradição nacional e validar uma cultura independente da dos povos colonizadores.

O Regionalismo é uma sub-corrente do Romantismo, os seus introdutores na Literatura Sul-Rio-Grandense foram Caldre e Fião, autor de *A Divina Pastora* e de *Corsário*, e José de Alencar, autor de *O Gaúcho*. Alencar nasceu no Ceará e conseguiu introduzir nas suas obras a diversidade cultural e social do Brasil. As suas obras abrangem um vasto território geográfico incluindo o pampa gaúcho, o sertão, as zonas rurais e urbanas.

O Romantismo está fortemente associado ao Nacionalismo. De modo a proceder à “construção da nação”,² buscava-se a unidade nacional através da valorização da riqueza da diversidade regional. Sob forte influência do Darwinismo, o homem surgia como elemento único, criado e adaptado ao seu contexto social e geográfico.

A Literatura Regionalista do Rio Grande do Sul retrata o gaúcho do meio rural, recorrendo à linguagem oral e ao pitoresco regional da fauna e flora. O romance vale-se de conteúdos regionais, reproduzindo a paisagem física, os elementos humanos, sociais e culturais. Por essa via, encontra-se o pampa, o povo, o gaúcho, a lenda, o mito, a

² Demétrio Magnoli, Giovana Oliveira, Ricardo Menegotto, *Cenário Gaúcho: Representações históricas e geográficas*, São Paulo, Editora Moderna, 2001, p. 21

história, o herói e o anti-herói, a donzela desprotegida, a mulher guerreira, os costumes, as tradições e os ideais.

João Simões Lopes Neto despreza os grandes painéis e a frase bordada, os toques audaciosos das tintas cruas e prefere a simplicidade da poesia que existe na humildade de um recanto, no gesto ingênuo de uma criatura ou o fundo de segredo e mistério que há numa lenda crioula. [...] João Simões Lopes Neto via o pampa e o gaúcho, diferentemente. Sua emoção nascia da realidade envolvente. Seu contacto com a gente simples lhe deu a simplicidade da expressão. Desprezou os murais. Preferiu a mancha. [...] João Simões Lopes Neto preferia o pormenor, com um céu modestamente azul, um arroio murmurando na quebrada, um João-Grande pensativo no recôncavo de uma restinga e o bimbalar do cincerro dos bois por entre as carretas em pouso. Na sua simplicidade aparentemente fluidica, espontânea, natural, não deixava de ser obra de uma torturada procura, de um conflito permanente do pensamento com a palavra.³

Num contexto linguístico localizado entre o português do Brasil e o espanhol dos Países do Prata, o falar regional do Rio Grande do Sul é uma das mais fortes marcas do Regionalismo sulino. João Simões Lopes Neto foi um dos autores que melhor o demonstrou:

Escuite.

O negro não vinha por ela, não; antes mais por farrear, jogar e beber: ele era um perdaço pela cachaça e pelo truco e pela taba.

E bem montado vinha, num bagual lobuno rabicano, de machinhos altos, peito de pomba e orelhas finas, de tesoura; mui bem tosado e meio cogotilho, e de cola atada, em três tranças, bem alto, onde canta o galo!...⁴

O Partenon Literário foi o centro e o principal divulgador da Literatura Regionalista no Rio Grande do Sul.

O papel discreto que a Literatura Regionalista Rio-Grandense ocupa no panorama literário brasileiro está relacionado com a dimensão do território nacional e com a diversidade cultural daí decorrente. Enquanto na Argentina o pampa é uma realidade nacional, no Brasil resume-se a um colorido local, o que não estimula a divulgação.

³ Manoelito de Ornellas, *Uma Viagem pela Literatura do Rio Grande do Sul* In Antônio Ferro, Antônio Vieira de Melo (Dir.), *Atlântico: Revista Luso-Brasileira*, Nova Série, nº4, Lisboa, Edição do S.N.I. e da A.N., p. 92 e 93

⁴ Excerto do Conto “O Negro Bonifácio” In João Simões Lopes Neto, *Contos Gauchescos*, São Paulo, Martin Claret, 2002, p.24

Porque não ocupam, então, o lugar que lhes pertence no património espiritual da nação brasileira? Porque o Brasil não é apenas o pampa, nem possui só um tipo humano definido, como a Argentina.⁵

Um dos temas recorrentes na Literatura Regionalista do Rio Grande do Sul é a Revolução Farroupilha:

No Rio Grande do Sul, onde a literatura gauchesca teve aparecimento mais recente que no Prata, a idéia de pátria exhibe as contradições presentes na própria historiografia regional, onde conviveram uma “matriz platina” e uma “matriz luso-brasileira” explicando a formação do Rio Grande:⁶ os gaúchos rio-grandenses, que deram seu sangue para afirmar a “marca portuguesa” no espaço platino castelhano, foram os mesmos que se rebelaram e repeliram a autoridade do Império, e os chefes farroupilhas receberam por parte dos literatos o papel de liderança incontestável dos homens da campanha. Os que defenderam a pátria, negaram essa mesma pátria, e ainda hoje comemoram-se em setembro o dia 7 e o dia 20 com igual intensidade e “patriotismo”.⁷

o início da literatura rio-grandense se deu em torno da Revolução Farroupilha (1835), quando a temática relacionou-se desde o começo à valorização do mundo gauchesco, aproveitando elementos de procedência popular e da ideologia da classe latifundiária.⁸

Ao sabor do regionalismo, a figura de Bento Gonçalves foi elevada à condição de mito, e a Revolução por ele protagonizada continua a ser de forte relevância política. Apesar de a figura de Bento Gonçalves não ser por unanimidade tida como heróica no Estado sulino, o Presidente da República Rio-Grandense adquiriu estatuto épico e qualidades superiores. Bento Gonçalves tornou-se um marco capital para o Regionalismo do Sul e, por sua vez, um factor de afastamento dos ideais sulinos. Ao criticar a personagem histórica de Bento Gonçalves da Silva, ou ao caracterizá-lo de modo pejorativo, o narrador pode estar a descrever quer a personagem histórica e os seus actos, quer os gaúchos e as suas tradições simbolizadas pelo General gaúcho. Alguns autores brasileiros, gaúchos ou não, recorrem à imagem do chefe farroupilha com o objectivo de desvalorizar ou negar atributos aos habitantes do Rio Grande do Sul. Como exemplo tem-se João Ubaldo Ribeiro que, em *Viva o Povo Brasileiro*, apresenta Bento Gonçalves da Silva como “um galego safado, sedicioso”.⁹ Também o General J.

⁵ José Osório de Oliveira, *O Escritor Gaúcho Simões Lopes Neto* In António Ferro, Oscar Fontenelle (Dir.), *Atlântico: Revista Luso-Brasileira*, Nova Série, Nº2, Lisboa, Edição do S.N.I. e D.N.I., p. 103

⁶ Ieda Gutfreind, *Historiografia do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, Ed. Da Universidade, 1995

⁷ Maria Helena Martins, *Fronteiras Culturais: Brasil – Uruguai – Argentina*, Atelie Editorial, 2002, p.115

⁸ Regina Zilberman, *A literatura no Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980, p. 11

⁹ João Ubaldo Ribeiro, *Viva o Povo Brasileiro*, Círculo de Leitores, 1996

I. de Abreu e Lima, em o *Compendio de Historia do Brasil*, de 1843, mostra Bento Gonçalves como o derrotado de Fanfa, omitindo a traição aí ocorrida (“o combate do Fanfa em Outubro de 1836, no qual Bento Gonçalves foi derrotado e preso, e a rebeldia esteve quasi agonisando”).¹⁰

Analisando a fronteira entre a História e a Literatura:

Filho da imaginação e da memória, esse mundo indefinido, a que chamamos literatura, pode ser um velho mito que, depois de percorrer todos os labirintos, chegou até nós coberto com uma roupagem actual.¹¹

A proximidade entre a História e a Literatura vem desde o tempo em que, junto à fonte no Monte Hélicon, na Grécia antiga, viviam as nove musas filhas de *Zeus*, pai dos deuses, e *Mnemósine*, deusa da memória. Entre elas surgiam *Clio*, musa da História, e *Calíope*, musa da Literatura.

Ao longo da evolução da cultura e sociedade, a relação entre as duas áreas tem sido alvo de estudos e considerações com o objectivo de identificar a relação e influência mútua que exercem entre si. As noções de História e de Literatura têm sofrido alterações e adaptações com o decorrer dos séculos.

Os textos literários permitem vislumbrar a versão histórica dos diferentes autores: não se resumem a fontes históricas mas, mais do que isso, surgem como depoimentos e como versões.

É sabido que o fio que separa o imaginário do dito real é tênue e mediado pelo processo da representação. Ainda que mergulhados em formas de composição semelhantes às da narrativa, tais discursos vão em busca de diferentes referências, quer seja os da cientificidade (factualidade), quer seja os da mera verossimilhança.¹²

Para compreender a relação entre a História e a Literatura é necessário recuar até Aristóteles. Para o filósofo, a Poesia (Literatura) tem um cunho universal, é marcadamente filosófica, por sua vez, a História retrataria verdades particulares, acontecimentos não universais e verídicos.¹³

¹⁰ J. I. de Abreu e Lima, *Compendio da Historia do Brasil*, 2º volume, Rio de Janeiro, Editores Eduardo e Henrique Laemmert, 1843, p. 116

¹¹ Gabriel Janer Manila, *Literatura Oral e Ecologia do Imaginário*, Apenas Livros Lda., 2007, p. 5

¹² Eliane Pibernat Antonini, *Incidentes Narrativos: Antares e a cultura de massa*, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2000, p.33

¹³ Rui Estrada, “Um pé na História” In AAVV, *Actas do Colóquio Internacional Literatura e História*, Volume I, Porto, 2004, p. 243

Com o decorrer dos séculos, a separação entre as duas disciplinas foi-se acentuando: a Literatura tornou-se cada vez mais do domínio da fantasia, enquanto que a História era cada vez mais uma ciência exacta, formal com pouco espaço para a hipótese ou para a suposição.

O recurso à História por parte da Literatura propende à contextualização dos acontecimentos narrados, permitindo a visualização da literatura como um fenómeno associado à cultura.

O romance histórico tradicional, como hoje o conhecemos, iniciou-se com Walter Scott, no século XIX. Nesta tradição, os acontecimentos memoráveis são adaptados recorrendo a aspectos ficcionais de modo a estabelecer o desempenho de figuras relevantes. Em conjunto com personalidades da vida real surgem personagens fictícias, cujo papel pode ser o de contextualizar e sustentar eventos precisos.

1) A ação do romance ocorre num passado anterior ao presente do escritor, tendo como pano de fundo um ambiente histórico rigorosamente reconstruído, onde figuras históricas ajudam a fixar a época, agindo conforme a mentalidade de seu tempo; 2) Sobre esse pano de fundo histórico situa-se a trama fictícia, com personagens e fatos criados pelo autor. Tais fatos e personagens não existiram na realidade, mas poderiam ter existido já que sua criação deve obedecer a mais estrita regra de verossimilhança.¹⁴

O oposto também pode ocorrer: o recurso a personagens históricas para validar e atribuir credibilidade a enredos ficcionais. Neste contexto, as personagens históricas podem não ter um papel central, surgindo simplesmente para contracenar com as personagens fictícias.

são introduzidos na ficção lateralmente, obliquamente, *en passant*, pintados sobre o cenário, e não destacados no palco; pois, se o personagem histórico adquirisse sua importância real, o discurso ver-se-ia obrigado a dotá-lo de uma contingência que, paradoxalmente, o “desrealizaria”. [...] Ao contrário, se estão apenas ao lado de seus vizinhos fictícios, apenas chamados para uma reunião mundana, sua modéstia, como uma reclusa que ajusta dois níveis, iguala o romance e a história: reintegram o romance como família e, tal como os antepassados contraditoriamente célebres e insignificantes, dão ao romanesco seu brilho de realidade, não de glória: são os efeitos superlativos do real.¹⁵

História aqui, é preciso dizer, está entendida não como uma ciência “exata”, moldada nos parâmetros do século passado [do século XIX],

¹⁴ A. R. Esteves, “O novo romance histórico brasileiro”, In L. Z. Antunes, *Estudos de literatura e lingüística*, Assis: Arte e Ciência, 1998, p. 129

¹⁵ Roland Barthes, “O personagem histórico”, *S/Z*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992, p. 129

e sim como um saber construído com critérios metodológicos que remetem às evidências do acontecido e que se articulam ao longo do tempo, promovendo versões dos fenômenos: literatura, por sua vez, como uma produção que, mesmo tendo compromisso direto com a “realidade”, admite a invenção como maneira de sugerir o que poderia ter se passado, mantendo um vínculo irrestrito com a boa solução estética sem contudo ser um “espelho do mundo” ou desmentir a inventividade.¹⁶

A principal diferença entre a abordagem histórica e a abordagem literária é o carácter ficcional da Literatura, que recorre à fantasia para criticar ou embelezar a realidade. O que não acontece com a História, que tem o compromisso de ser fiel à verdade, o seu principal objectivo.

Por ter compromisso estético, à literatura não pode ser exigida nenhuma classe de paralelo com a descrição e interpretação do fato; ao contrário, os parâmetros para sua crítica situam-se por exclusivo no plano da teoria literária. Além disso, e entre outros, a literatura joga com um elemento vital: a ambiguidade, a qual abre as portas da fantasia do leitor. Esse carácter jamais poderá ser aceito pela história, que não prescinde da razão integralizadora e racional. Tire-se a ambiguidade da literatura e teremos o relato. Meios-tons, subtexto, zonas crepusculares e inefáveis: eis a matéria-prima do texto literário. Como se vê, aqui andamos longe dos propósitos da história.¹⁷

Contudo, as disciplinas surgem frequentemente sobrepostas, influenciando-se mutuamente. A fronteira entre ambas é como a fronteira entre o Rio Grande do Sul e os restantes países do Prata: ela não separa totalmente, permite o intercâmbio de elementos.

Em países colonizados, a importância da Literatura é acrescida: a História, ao longo dos séculos de colonização, foi apresentada segundo os elementos em poder, as características nativas foram, muitas das vezes, silenciadas ou mesmo eliminadas. Normalmente, é o ponto de vista dos vencedores que fica para a História. Os vencidos tendiam a ser suprimidos ou incorporados pelos vencedores e as suas tradições e cultura resumiam-se à permanência dos mitos. A Literatura permite dar voz àqueles que não a tinham. As lendas e os mitos surgem na oralidade, principalmente entre as camadas sociais mais desfavorecidas, e ganham relevo até assumir um lugar na Literatura. A Literatura surge assim como uma alternativa à História apresentada.

¹⁶ José Carlos Sebe Bom Meihy, “Viagem em torno de Mignolo: a literatura e a história”, In Lígia Chiappini, Flávio Wolf de Aguiar, *Literatura e história na América Latina*, São Paulo, Edusp, 1993, p.142 e 143

¹⁷ Luiz Antônio Assis Brasil, *História e literatura*, In Lea Masina, Mima Appel (orgs.), *A geração de 30 no Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, Ed. Da Universidade, 2000, p. 58

Segundo Paul Veyne, o historiador é incapaz de se impermeabilizar em relação ao contexto da sua experiência. Ao seleccionar os factos que julga serem relevantes dos irrelevantes, mesmo ao excluir pormenores, ele toma um partido subjectivo, dando primazia a determinados elementos em prol de outros. Deste modo, ele é um narrador do seu ponto de vista particular.¹⁸

O historiador, ao contar a história não se consegue afastar da sua própria vivência: ele não consegue ser objectivo. Ele tem sua tendência, e é isso que se lê sobre Bento Gonçalves, por diferentes teóricos e historiadores. Do mesmo modo, o autor de ficção é também um alicerce. Escolhe o contexto, o enredo e as personagens. Torna-se o autor, um elemento central de escolhas e decisões que vão condicionar o desenvolvimento da narração.

o autor não desaparece mas se mascara constantemente, atrás de uma personagem ou de uma voz narrativa que representa. A ele devemos a categoria de autor implícito, extremamente útil para dar conta do eterno recuo do narrador e do jogo de máscaras que se trava entre os vários níveis da narração.¹⁹

A historiografia, enquanto produção do conhecimento científico e, portanto, manifestação superestrutural, evolui e se transforma com a própria mudança das condições históricas objectivas que lhe servem de base.²⁰

A aceitação de que a Literatura é um produto cultural, para além de uma manifestação estética, leva muitos estudiosos a recorrer a textos literários como fonte de análise e de pesquisa. A Literatura permite, ao historiador mais atento, interceptar as subtilezas da experiência de vida de um determinado autor. Ainda que o escritor assuma características ficcionais, ele é imbuído de dogmas culturais e sociais inerentes à sua perspectiva. Mais do que fonte para o contexto histórico da sua obra, esta surge como uma fonte fundamental para a época que lhe é contemporânea. Todas as obras literárias, romance histórico ou romance de ficção, são dotadas de evidências históricas que permitem identificar dados relativamente à vivência do seu autor.

Mesmo o mais objectivo dos historiadores terá dificuldade em desenvolver pesquisas relacionadas com acontecimentos muito anteriores à sua vivência: as fontes de pesquisa são, na sua maioria, produto realizado por alguém que lhe antecedeu. Autor sujeito tanto à permeabilidade da sua época como àquela que influenciou as suas fontes;

¹⁸ Paul Veyne, *Como se escreve a História*, Edições 70, 1983

¹⁹ M. Leite, Lígia Chiappini, *O Foco Narrativo*, São Paulo, Ática, 1991, p.18

²⁰ AAVV, *A Revolução Farroupilha: História & Interpretação*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, p.6

deste modo, o trabalho do historiador está condicionado pela perspectiva histórica de diferentes elementos ao longo dos séculos. Quanto mais remoto for o acontecimento estudado, maior será a interferência encontrada.

O autor da ficção, ainda que tentando ser fiel à realidade, tem como objectivo cativar o seu leitor. Para isto, recorre à criação de personagens e de enredos que “enriqueçam” a sua obra e que seduzam o receptor. O historiador, por sua vez, cinge-se ao real ou, pelo menos, ao verosímil. O autor literário não tem de se submeter à realidade, à verdade. Mas o historiador tem de fundamentar a sua informação, recorrendo tanto a testemunhos orais como documentais. Neste sentido, o campo de trabalho do ficcionista é mais amplo e variado do que o do historiador.

Segundo Linda Hutcheon, independentemente das discrepâncias entre a História e a Literatura, ambas apresentam formas encontradas pelo ser humano para entender e justificar o seu passado.²¹ Deste modo, um mesmo elemento histórico vai ser objecto de abordagens diferentes. Contextos históricos mais remotos serão, indubitavelmente, deturpados devido à distância temporal e à lacuna de fontes históricas precisas. Temas mais recentes serão deturpados devido às facções adversas que surgem quando os acontecimentos ainda nos são próximos e afectam as emoções.

Uma das mais evidentes discrepâncias entre História e Literatura é a escolha dos protagonistas: enquanto que a Literatura, ainda que contextualizada em movimentações de massas, canaliza o seu interesse para a personagem individual, abordando os seus conflitos internos, a História centra-se nos grupos humanos e nas alterações sociais ao invés dos conflitos pessoais.

A figura de Bento Gonçalves da Silva está muito presente na sociedade Rio-Grandense e vastos são os estudos feitos em torno dela, principalmente na óptica militar e política. Contudo, a sua representação ficcional tem sido descurada. Falta fazer a abordagem comparativa entre a figura histórica e a personagem literária. Falta analisar a personagem do General, a partir das intenções privadas dos autores que o apresentam. É relevante associar os interesses e o contexto dos cinco autores seleccionados e identificar as interferências que a sua própria experiência e vivência produzem nas obras que escrevem e nas personagens que constroem.

A Literatura é um produto social, resultante da relação do autor com o seu passado, o seu presente e as suas expectativas de futuro. Ao usar a História como

²¹ Linda Hutcheon, *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*, Rio de Janeiro, Imago, 1991, p.122

pretexto, o narrador literário vai apresentar interpretações do evento, o que implica escolhas e, incontornavelmente, subjectividade e interferência por parte do autor. Ao leitor cabe exercer sobre ela interferências da sua experiência individual. Uma mesma obra literária vai ter diferentes nuances consoante a experiência de vida, os gostos, opiniões e sensibilidade do seu leitor. Desta maneira, a obra literária surge como elemento vivo em constante mutação. Para além de cenário para episódios ficcionais, a História surge assim como alvo de interpretação e de julgamento.

É importante clarificar que a Revolução Farrroupilha não vai ser abordada ao pormenor uma vez que este não é o objectivo deste trabalho. A relevância será dada, unicamente, às intervenções de Bento Gonçalves e às consequências das suas intervenções no desenrolar da narrativa.

Na procura de compreender a imagem de Bento Gonçalves da Silva é fundamental compreender a imagem do gaúcho: “forte, aguerrido e bravo”. Nas primeiras décadas do séc. XX, Francisco José Oliveira Viana, impulsionador de um Estado centralizador forte, buscando alcançar a grandeza nacional, apresenta na obra *Populações meridionais do Brasil* (1920), o gaúcho como elemento central para o ambicionado Brasil poderoso: fala do homem da fronteira, recorre às guerras do Prata que desempenharam uma função selectiva, moldando o carácter bélico do homem do Sul. Na defesa do território fronteiriço, os gaúchos ganharam capacidade de liderança que os tornava hábeis para a vida pública, para a governação e para as forças armadas. Na Revolução de 1930, Getúlio Vargas concretizou a ideologia de Francisco Viana no regime autoritário do Estado Novo.²²

O pampa necessitava de um símbolo, de um emblema que fosse aceite por todos e que funcionasse como elo de ligação entre o passado bélico e o futuro conturbado. O gaúcho foi escolhido. A sua imagem foi limpa: o aspecto desgrenhado, os cabelos compridos e a barba por fazer tornaram-no natural e em total harmonia com o ambiente rico e agreste em que se enquadra. Tal como o mito do bom selvagem, o gaúcho é o homem simples, que em conjunto com o seu cavalo, calcorreia a imensidão dos pampas. De todos os valores que o herói mítico possuía, os melhores foram seleccionados e, acrescidos daqueles que apenas vingam em tão inóspito território, foram reunidos e o gaúcho renasceu. Já não era o gaúcho verdadeiro, aquele forçado a andarilhar em busca de uma refeição, tendo o céu como tecto para a sua pernoita. Era o gaúcho idealizado

²²Demétrio Magnoli, Giovana Oliveira, Ricardo, Menegotto, *Cenário Gaúcho: Representações históricas e geográficas*, São Paulo, Editora Moderna, 2001, p. 23

dotado de honra, valores, virilidade, coragem, destreza e sentido de abnegação para com os mais frágeis e sofridos. Acima de ser um conjunto de factores biológicos que definem a cor da pele, dos cabelos ou dos olhos, o tipo gaúcho é baseado em valores e crenças. Os emigrantes, independentemente da sua origem, adoptaram a cultura do Sul brasileiro. Não sendo baseada em discriminações genéticas, a descendência gaúcha foi assegurada.

O gaúcho, como herói, surge associado à necessidade de ter um modelo que sirva de aspiração a uma sociedade heterogénea em tudo, excepto no destaque que o seu passado conserva na sua formação. No caso do Rio Grande do Sul, o gaúcho é reformulado de modo a encaixar nas expectativas das classes dominantes, ligadas ao sector rural, e seguindo a estrutura formulada através do *Partenon Literário*.

Foi a Literatura que disseminou a imagem do gaúcho no Brasil. Foi através dela que se construiu o mito que elevou o gaúcho a uma condição superior.

Segundo Lisana Bertussi, o gaúcho, como mito, entra na cultura popular Sul-Rio-Grandense através da oralidade, antes de haver produção literária. A imagem positiva do gaúcho, presente nas manifestações orais, vai integrar os cancioneiros, dando forma ao *centauro dos pampas* e ao *monarca das coxilhas*.²³ Esta imagem idealizada do gaúcho vai surgir como resposta à anteriormente difundida que relacionava o termo “gaúcho” com um vagabundo violento e nómada.

Entre os gaúchos distingue-se Bento Gonçalves, herói das coxilhas e guardião do sul. José António do Valle Caldre e Fião, em *O Corsário*, faz a descrição seguinte:

Bento Gonçalves o recebeu com afabilidade e com aquela natural bonomia que o caracterizava. Bento Gonçalves era um homem de estatura regular: sem ser gordo, o seu corpo não era contudo muito delgado. A sua presença agradável atraía desde logo a simpatia dos outros; simpatia que se vigorizava com o seu trato e maneiras delicadas. Ele não parecia um oficial das guerrilhas acostumado ao trato grosseiro dos gaúchos, e à cavalheirosa altiveza dos monarcas, mas sim um homem educado nos salões polidos e magníficos das cidades: o seu espírito ativo e a sua sagacidade própria supria bem as estudadas ilustradas que se adquirem nas escolas. A estratégia lhe era conhecida, e se ele não tinha na arte da guerra os conhecimentos matemáticos que soem fazer um hábil general na velha e carcomida

²³ Lisana Bertussi, *Literatura gauchesca: do cancionero popular à modernidade*, Caxias do Sul, EDUCS, 1997, p. 38

Europa, a prática²⁴ lhe havia ensinado mais do que era preciso a um soldado da América.²⁵

As marcas associadas ao gaúcho, herói sem nome, são canalizadas para personagens específicas. Neste caso, Bento Gonçalves assimila características gerais e específicas. As gerais são as que servem de modelo a toda a comunidade sulina; as específicas são as que o distinguem como a personalidade histórica que enfrentou um Império, e abdicou da própria “liberdade” em prol da do seu povo.

O carismático General é utilizado como elemento de caracterização de outras personagens. Por exemplo, o Blau Nunes de Simões Lopes Neto. Argumento suficiente para justificar seu valor e prestígio é ter servido e acompanhado Bento Gonçalves da Silva, em campanha de guerra.

Era um humilde. Duas coisas, apenas, bastavam para encher sua vida de modesto filho de posteiro gaúcho: seu clarim e a irredutível fidelidade a Bento Gonçalves.

Em Sarandi, Índia Muerta, Passo do Rosário, Jaguarão, onde quer que o Herói estivesse e pelejasse, lá estaria Antônio Ribeiro transmitindo vozes de comando, pelas notas de seu instrumento. [...] Em 1847 tocou, pela última vez, quando descia ao seio da terra o corpo do Chefe idolatrado.

Depois emudeceu.²⁶

As obras, sendo reflexo da Revolução Farroupilha, são a confirmação da ideologia e do contexto político-social dos autores. A imagem do gaúcho, tal como a de Bento Gonçalves, teve diferentes significados e implicações conforme o contexto histórico em que este foi apreendido. Os ideais farroupilhas foram seguidos ao longo do tempo pelo Partido Liberal Histórico (1860-89), o Partido Republicano (1882-1930), o Partido Federalista (1892-1907), o Partido Democrático (1908-1922), o Partido Libertador (1928) e os revolucionários de 1930.²⁷ Para além de ideologia política, o ideal farroupilha continuou a ser difundido culturalmente, de acordo com o momento e com o contexto político. Os ideais foram sendo adaptados segundo a sensibilidade do receptor que, por seu turno, ao recontar o que leu ou ouviu, se transforma em emissor.

²⁴ Quando Tabajara Ruas escolhe o nome de *Varões Assinalados*, tem em mente, tal como Camões, os homens de saber de experiência feito, aqueles que se aventuram para ir onde ninguém foi e cujas obras inigualáveis os tornam imortais.

²⁵ José Antônio do Valle Caldre e Fião, *O Corsário*, Porto Alegre, Movimento, 1979 (p. 76)

²⁶ *Clarim Farroupilha*, In Arthur Ferreira Filho, *Rio Grande Heróico e Pitoresco*, Série História Gaúcha 2, Porto Alegre, Martins Livreiro Editor, 1985, p. 17 e 18

²⁷ Moacyr Flores, *Modelo Político dos Farrapos*, 4ª edição, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996, p 25

A História permite a sustentação de diferentes ideologias, podendo defender correntes antagónicas, basta para isso omitir ou favorecer ideais e perspectivas determinadas em prol de outras. Em situações de conflito, é usual que seja a óptica dos vencedores a permanecer para a História. Segundo Ferrater Mora, a selecção de um ponto de vista em prejuízo de outro tem que ver com a própria individualidade do autor da escolha: tende-se a escolher a versão que mais se aproxima da nossa própria ideologia ou aquela que fornece mais provas de veracidade. O autor reforça, no entanto, o carácter intimamente pessoal que essa escolha envolve:

o certo é que tais critérios permanecem sendo pessoalíssimos, como subsiste a hipótese de que, ainda que objectivos e universais eles fossem, naquele preciso momento, os justos terem pecado. E, mesmo que só por aquela vez, a História teria sido outra, e assim lá se desvaneceria a Verdade!²⁸

Tendo como cenário a Revolução Farroupilha, é fácil reconhecer a subjectividade dos autores em relação ao partido tomado. Reconhecido como o “decano dos historiadores do Rio Grande do Sul”, por Dante de Laytano,²⁹ Arthur Ferreira Filho parece ser imparcial na descrição de legalistas e farrapos. Em *Rio Grande Heróico e Pitoresco*, num episódio semelhante ao conto *Trezentas Onças*, de João Simões Lopes Neto, Arthur Ferreira Filho considera o comandante farrapo, José do Amaral Ferrador, como justo e honrado, por recusar fuzilar um verdadeiro criminoso legalista, para que não fosse insinuado que era o dinheiro que este trazia o motivo da punição.³⁰

Na Literatura, os soldados farrapos merecem adjectivos de honra, associadas ao gaúcho enquanto os legalistas, ainda que muitas das vezes oriundos do mesmo ponto geográfico, são denegridos. Na Literatura, a imagem do General farrapo oscila entre a descrição de herói idealizado e a humanização de uma personagem consagrada pela História.

Avaliando as injunções entre História e Literatura, organiza-se a investigação a partir da figura histórica de Bento Gonçalves, observando como é o tratamento ficcional.

O trabalho encontra-se dividido em três partes. A primeira vai procurar contextualizar a Revolução Farroupilha no espaço e no tempo. O movimento revolucionário farrapo foi único e consequência de características geográficas e

²⁸ Ferrater Mora, *Visões da História*, Porto, Rés – Editora Lda., p. 19

²⁹ Arthur Ferreira Filho, *Rio Grande Heróico e Pitoresco*, Série História Gaúcha 2, Porto Alegre, Martins Livreiro Editor, 1985, p. 9

³⁰ *Ibid.*, p. 21 e 22

culturais que apenas se desenvolveram no Rio Grande do Sul. Resultado dos rigores do seu espaço de eclosão e da influência das transformações sociais que se vinham desenvolvendo na Europa e na América, a Revolução Farroupilha continua hoje a ser um marco fundamental para cultura Sul-Rio-Grandense. Numa segunda parte, aprofundaremos o estudo do herói de 1835, focando o modo como a História constrói o mito da arte. Por fim, iremos dirigir a nossa atenção para o *corpus* literário, procurando identificar as semelhanças e as diferenças entre as obras. Daremos especial atenção à recriação de Bento Gonçalves enquanto chefe de família e enquanto representante do típico homem gaúcho. Esperamos, deste modo, sondar a visão de Bento Gonçalves como personagem colectiva que assume as características de “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas”. Bento Gonçalves da Silva, encarnando o papel de personagem colectiva, apresenta todos os valores e qualidades do gaúcho e do líder caudilho. O caudilhismo reflecte-se em todos os parâmetros da vida política, económica e social do Rio Grande do Sul, sendo Bento Gonçalves o seu expoente máximo.

O *corpus* literário foi escolhido em função do tema em estudo, e não por corrente ideológica ou movimento literário específicos. Deste modo, esperamos abranger diferentes posições ideológicas e afastar as posturas preconcebidos em relação ao General farroupilha.

Não ambicionando alcançar a realidade dos factos, a Literatura permite constatar manifestações de ideologia e de imaginação. Influenciada por elementos exteriores, através da habilidade dos autores, constrói enredos ficcionais paralelos à realidade em que se fundamentam.

O estudo do *corpus* literário desenvolve-se pela apresentação de dados biográficos dos autores, seguindo-se a explicação dos textos. O foco é a personagem Bento Gonçalves, no modo de tratamento que lhe dedicam cinco autores em cinco obras do Rio Grande do Sul, a saber: João Simões Lopes Neto em *Contos Gauchescos*, Alcy Cheuiche em *A Guerra dos Farrapos*, Luiz Antônio Assis Brasil em *A Prole do Corvo*, Tabajara Ruas em *Os Varões Assinalados* e Leticia Wierzchowski em *A Casa das Sete Mulheres*. A escolha das obras cinge-se ao tema da Revolução Farroupilha, identificando-se nelas parâmetros do romance histórico, na maneira como recorrem a individualidades da História intervindo como personagens. A forma de construção da personagem ficcional a partir do traço da História é uma das modalidades do romance histórico. Unindo-se pela selecção, afastam-se pela elaboração. Dependendo do autor, as

personagens ficcionais – históricas ou inventadas – caminham entre o heroísmo e a cobardia. E a Revolução pode tornar-se gloriosa acção, ou cruel genocídio.

CAPÍTULO I: O Rio Grande do Sul: terra, homem e história

A GEOGRAFIA E A HISTÓRIA

A história do Rio Grande do Sul começou muito antes da colonização, o difícil acesso à região fez com que a colonização fosse um processo complicado e moroso. Os primeiros habitantes do Rio Grande do Sul foram os índios guaranis, pampeanos e gês (grupos que, por sua vez, se dividiam em subgrupos).³¹ Os europeus apenas esporadicamente se aventuravam nestes territórios e quando o faziam, era em busca de índios para apresar e escravizar, o escravo negro ainda não abundava nestes territórios.

só ocuparam na costa os pontos necessários à defesa do sul da colônia contra possíveis incursões de espanhóis estabelecidos em Buenos Aires, ou pontos de apoio de uma ofensiva em direcção ao Rio da Prata.³²

Com a chegada dos padres jesuítas, a situação alterou-se: naquele que é hoje o território dos Estados do Rio Grande do Sul, do Paraná, da Argentina e do Paraguai fundaram-se Missões Jesuíticas. Em conjunto com um grupo de religiosos, habitavam grandes populações de índios guaranis convertidos. Para manter essas comunidades, os religiosos introduziram o gado nas suas terras. Com condições propícias ao seu desenvolvimento, o gado multiplicou-se. Portanto, para os colonos, as Missões ofereciam dois atractivos: os índios e o gado.

Durante a primeira metade do século XVII, várias expedições tentaram dismantelar as Missões e apoderar-se dos seus territórios, gado e índios. Contudo, comandada pelos jesuítas, a população nativa conseguiu repelir as ofensivas. Devido aos conflitos constantes entre Portugal e Espanha, no final do século XVII, os jesuítas concentraram a maioria da população índia no território que consideravam mais seguro da beligerância dos povos ibéricos: na região Noroeste do Rio Grande do Sul. Os então

³¹ Telmo Remião Moure, *História do Rio Grande do Sul*, Editora FTD Ltda, 1994

³² Roger Bastide, *Brasil, terra de contrastes*, Corpo e Alma do Brasil, 8ª edição, Rio de Janeiro/São Paulo, Difel, 1978, p. 168.

denominados Sete Povos das Missões viviam com relativa prosperidade, independentes das duas coroas europeias. O seu sucesso decretou o seu fim. Em 1750, as coroas portuguesa e espanhola firmaram um tratado em que se estabelecia que a região destas Missões passaria para domínio português enquanto que a coroa espanhola ficaria com a Colónia de Sacramento, fundada pelos portugueses em 1680. Apesar da resistência, a coroa portuguesa conseguiu alcançar o domínio das Missões. No entanto, o gado bovino e os cavalos aí implantados pelos jesuítas tornaram-se a base da economia da região. A descoberta de ouro em Minas Gerais aumentou a demanda de gado bovino e levou à consolidação da ocupação do território sulino. O processo de colonização iniciou-se, de modo organizado, em 1740 com uma leva de colonos oriundos dos Açores. As dificuldades de deslocação fizeram com que, ao invés do inicialmente pretendido, eles se limitassem ao actual território de Porto Alegre. A comunidade que, de início, funcionava como uma comunidade independente e auto-suficiente, acabou por se integrar na economia dominante da pecuária.

Sobre a colonização açoriana, considere-se o que expõe Joaquim Francisco de Assis Brasil:

Os elementos de que se formou a população do Rio Grande differem em muito dos que originaram a dos outros territorios do paiz. Foram, na verdade, portuguezes os primeiros povoadores, mas portuguezes que já não eram, por sua vez, eguaes aos que tinham immigrado antes na America. Eram açorianos, e nos Açores a primitiva população lusitana se havia modificado sob o influxo do meio. Era uma raça forte e persistente, singularmente predisposta para constituir sólido tronco a uma nova população.³³

A obra deste escritor, nascido em 1857, constitui fonte de investigação essencial. De facto, pela convivência que ele teve com intervenientes no decénio farroupilha e pela proximidade em relação aos acontecimentos, apesar da sua subjectividade, oferece interessantes perspectivas históricas, o seu livro *A Guerra dos Farrapos*, inicialmente editado como *História da República Rio-grandense*,³⁴

O ano de 1780 foi um marco para a comunidade Sul-Rio-Grandense pois a primeira charqueada comercial foi criada em Pelotas. Com o tempo, o charque³⁵ tornou-se o elemento central da economia do Rio Grande do Sul. O charque era importado

³³ [Joaquim Francisco de] Assis Brasil, Rio de Janeiro, Adersen-Editores, s/d, p. 21 e 22.

³⁴ Apesar de não existir uma data certa para a edição, presume-se que tenha sido nas duas últimas décadas do século XIX.

³⁵ Carne salgada.

pelos restantes Estados do Brasil e constituía a base de alimentação dos escravos e das camadas mais pobres que habitavam nas zonas urbanas.

No início do século XIX a situação alterou-se, o Governo brasileiro estimulou a entrada de imigrantes europeus, posto que era fundamental constituir uma sociedade de maioria livre, homens e mulheres que soubessem um ofício e que fossem a base da nação recém-formada. Esta nova comunidade era constituída por indivíduos com habilitação profissional que tinham a capacidade de produzir os produtos que até então eram, forçosamente, importados. O Brasil escravagista abominava o trabalho manual, tarefa exclusivamente desenvolvida por escravos e por camadas inferiores da sociedade. As escolas técnicas escasseavam no País. O objectivo do Governo era integrar na sociedade rio-grandense produtores e artesãos. Os senhores de escravos não eram favoráveis a esta “nova” sociedade: as novas camadas sociais, na sua maioria europeus pobres, sujeitavam-se a fazer os trabalhos até então desempenhados maioritariamente por escravos. A possibilidade destes imigrantes provarem que o trabalho pago resultava num aumento de produção e numa redução de despesas tenderia a desequilibrar a estrutura social do Brasil. Os primeiros imigrantes a chegar ao Rio Grande do Sul foram os alemães, em 1824. Desenvolveram o artesanato e o comércio, alteraram a sociedade rio-grandense com benefício para a mesma. Surgiu uma comunidade composta por homens livres que viviam do seu trabalho. Apesar do desenvolvimento das comunidades alemãs, o Rio Grande do Sul continuava a ser dominado pelos senhores das estâncias e charqueadas.

O GAÚCHO

O Rio Grande só se torna realidade sob a permanente vigilância das armas.³⁶

Para o professor Sérgio Gonzaga, o aparecimento do gaúcho pode ser contextualizado historicamente:

Ele surge durante o século XVIII com a chegada do capitalismo ao Brasil meridional quando a Coroa ofereceu incomensuráveis latifúndios distribuídos entre pessoas dignas de crédito, militares e homens de posse. [...] São os cavaleiros errantes que vagam pelos

³⁶Guilhermino Cesar, *História do Rio Grande do Sul. Período Colonial*, Porto Alegre, Globo, 1970, p.275.

campos, solitários ou em bandos, à procura de couro. Realizam suas fainas clandestinas com tal intensidade que num dado momento começam a despertar a atenção e os interesses da Coroa e da nova classe de terratenentes.³⁷

A imagem do gaúcho alterou-se ao longo da história. Inicialmente, o gaúcho era o miserável, o homem sujo e desinteressado que nascia, vivia e morria marginalizado da sociedade.

Esses homens não deixam de espantar a quem não esteja habituado a vê-los. Estão sempre sujos; suas barbas sempre por fazer; andam descalços, e mesmo sem calças sob a completa cobertura do poncho. Trabalham apenas para adquirir o tabaco que fumam e a erva-mate paraguaia que tomam em regra sem açúcar e tantas vezes ao dia quanto é possível.³⁸

A investigadora norte-americana acrescenta citando Felix de Azara:

Sua nudez, suas barbas, seu cabelo sempre despenteado, sua sujeira e a brutalidade de sua aparência os tornam horríveis de ver. Por nenhum motivo ou interesse querem trabalhar para alguém, e além de serem ladrões, também raptam mulheres.³⁹

Félix de Azara descreve os gaúchos como elementos paupérrimos da comunidade sulina:

Essa gente camponesa, os peões ou jornaleiros e as pessoas pobres não usam sapatos e a maioria não tem colete, chupa, camisa e calções. Paupérrimos, prendem à altura dos rins uma xerga que chamam de chiripá. Se possuem algo do que foi dito, lembra o autor, não possuem muda, sendo tudo andrajoso e sujo.⁴⁰

O uso do chiripá era exclusivo dos gaúchos mais humildes, emblemático da tradição sulina. Quando Tabajara Ruas descreve Bento Gonçalves envergando um chiripá, aproxima o chefe revolucionário da camada social inferior.

Do mesmo modo que o gaúcho foi adulterado até atingir o estatuto de “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas”, através do Partenón Literário, Tabajara Ruas recorre ao mesmo processo de idealização para reintroduzir Bento Gonçalves como um símbolo da tradição sulina.⁴¹

³⁷ Sergius Gonzaga, “As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura”, In Décio Freitas (Org.), *RS: Cultura e Ideologia*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980, p. 114

³⁸ Madaline Wallis Nichols, *O Gaúcho*, Rio de Janeiro, Zelio Valverde, 1946, p. 32

³⁹ *Ibid.*, p. 30

⁴⁰ Décio Freitas, *O capitalismo pastoril*, Porto Alegre, EST, 1980, p. 56

⁴¹ Bento Gonçalves vestia-se como a maioria dos estancieiros presentes: chiripá preso à cintura por uma faixa de lã negra. Sobre a faixa, a guaiaca de duas fivelas. Longas ceroulas cobriam as botas. As extremidades das ceroulas apresentavam crivos e franjas. As botas eram russilhonas, lonqueadas, com

José Antônio do Valle Caldre e Fião, na obra literária *A Divina Pastora*, de 1847, refere uma representação do gaúcho que já pouco tem a ver com as do século XVIII e início do século XIX.

Alguns historiadores têm querido que o clima só por si forme o Rio-Grandense tão austero em costumes, tão forte e constante em combates, tão bom e fiel amigo na sociedade e tão vingativo e implacável inimigo quando é ofendido, como ele é atualmente descrito por todos os estrangeiros que têm observado seus hábitos e seus usos e que têm atravessado as plagas que ele habita; mas quanto a mim [...] suponho dever atribuir-lhe muitas dessas coisas à sua alimentação e educação moral. O Rio-Grandense aprende, desde os seus primeiros passos, a respeitar os mais velhos, a ser amigo, a desprezar o covarde e a vingar-se do inimigo [...]. O evangelho da moral Rio-Grandense não é escrito, é tradicionário, mas apesar disso, ainda não foi alterado em um só de seus artigos: para sabê-lo, *in totum*, é necessário ser Rio-Grandense e viver muitos anos naquela divisão política do Império que chamamos – Província do Rio Grande do Sul.⁴²

O mesmo autor, em *O Corsário*, editado em 1851, descreve o aspecto físico dos gaúchos do Rio Grande do Sul opondo-os aos gaúchos dos países platinos:

Eles traziam chapéus de abas largas; trajavam chiripás com franjas; coletes vermelhos com botões amarelos, chales de cachemira velhos amarrados à cintura, excetuando um deles que cingia uma linda e bordada guaiaca; e trazia ainda grandes e pesadas chilenas de prata; estavam armados à rio-grandense,⁴³ com espada, duas pistolas, uma faca, carabina e o laço e as bolas, que estavam seguras aos tentos dos cavalos; seus aspectos eram guerreiros: em seu todo apresentavam uma lhana franqueza e alegria bem pronunciada.⁴⁴

Enquanto iam aniquilando o gaúcho fisicamente, as classes dominantes transportavam a sua imagem idealizada para o folclore sob as características de mito, de lenda, de herói. Não lhe são totalmente omissos os traços de rebeldia, mas são apresentadas as razões que o levam a rebelar-se, o gaúcho é o “bom rebelde”. O homem que pega em armas para lutar contra o inimigo da Pátria ou em nome de valores e da justiça. Ainda hoje a realidade daquilo que foi o gaúcho continua a ser ocultado sob a figura idealizada.

nazarenas de prata. A camisa era branca, inteiriça, sem botões, de mangas largas e fofas e uma gola folgada, bem aberta. Sobre a camisa, o jaleco de veludo vermelho escuro, fechado por grandes moedas de cobre. Ao pescoço, o lenço de seda colorado. Chapéu de feltro de aba estreita e copa alta, preso à nuca por barbicacho de tentos. In RUAS, Tabajara, *Os Varões Assinalados*, Porto Alegre, L&PM Pocket, p. 56

⁴² José Antônio do Valle Caldre e Fião, *A Divina Pastora*, Porto Alegre, RBS, 1992, p.81

⁴³ Insinuando algumas diferenças entre os gaúchos do Rio Grande do Sul e do outro lado do Prata.

⁴⁴ José Antônio do Valle Caldre e Fião, *O Corsário*, Porto Alegre, Movimento, 1979, p. 163

todos os grupos dominantes de todas as eras sempre o fizeram, fazem e farão, com maior ou menor solidez. O que é impressionante é a sobrevivência desta construção e o fato de como, mais de meio século depois da completa desintegração do poder daquela oligarquia, continua debaixo do tapete a sujeira ali cuidadosamente depositada para impedir que empestasse o ar de um passado ideal, heróico, libertário e nobre.⁴⁵

A população era rude por ser de fronteira e por estar sempre de armas na mão, pronta para seguir os chefes militares locais, atacar ou defender-se dos castelhanos.⁴⁶

Nenhum outro autor idealizou tanto o gaúcho como Jorge Salis Goulart. O autor Sul-Rio-Grandense vê no gaúcho todos os atributos que o elevam acima de qualquer outro. Parte da caracterização que lhe é feita é, na verdade, a sua diferença em relação ao estrangeiro (ao europeu) como forma de o valorizar.

o gaúcho nunca admitiu preeminências de classes ou de raças. A democracia e a liberdade são necessidades vitais do gaúcho; mas o conceito rio-grandense tanto de uma como de outra é diferente do conceito europeu.

Na Europa não se conhece a liberdade, porém, tais e quais liberdades determinadas, adquiridas lentamente, depois de lutas seculares contra o feudalismo, a coroa ou a Igreja.⁴⁷

Segundo o escritor, a diferença entre o gaúcho e o estrangeiro é sublinhada pela própria geografia. Tal como o gaúcho nos seus primórdios, também o Rio Grande do Sul é visto como marginal: a temperatura e o clima austero afastam-no do restante Brasil ameno; a sua cultura, mais próxima da dos vizinhos castelhanos, e a sua incontornável predisposição para a guerra assustam as restantes Províncias mais pacatas. O Rio Grande do Sul não se identifica com os vizinhos do Prata com quem se habituou a lutar e com quem desafiou fronteiras durante décadas de combates, tão pouco se identifica com o resto do Brasil mais pacífico e doutrinado. O Rio Grande surge-nos como um “mestiço”, dispare dos reinos⁴⁸ que o moldaram. Actualmente, este conflito de identidade continua a fazer-se sentir, os movimentos independentistas,⁴⁹ que

⁴⁵ José C. Guizzo, *Traição e hipocrisia*, In *Já*, História Nº1, Porto Alegre, Outubro, 1985, p. 9

⁴⁶ Flores, *República Rio-Grandense: Realidade e Utopia*, Porto Alegre, Edição de EDIPUCRS, 2002, p. 90

⁴⁷ Jorge Salis Goulart, *A Formação do Rio Grande do Sul*, 3ª edição, Caxias do Sul, Martins Livreiro Editor, UCS-EST, 1978, p. 27

⁴⁸ Portugal e Espanha.

⁴⁹ “República do Pampa”, “RS Livre” (movimentos que procuram a independência do Rio Grande do Sul do Brasil) e “O Sul é o meu País” (união dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná num país independente).

querem a independência dos Estados sulinos do Brasil, insistem na divergência de culturas e sociedades como motivo para a separação.

Essa oposição entre o gaúcho e o estrangeiro, que vamos encontrar nas obras de João Simões Lopes Neto, é comprovada entre o gaúcho platino e o gaúcho rio-grandense e, por associação, entre os caudilhos de ambos os lados da fronteira:

O gaúcho platino é um rebelde contra a sociedade e as leis que o dominam. O caudilho que chega à suprema governança não visa o bem público, porque ele o não compreende. Todas as prerrogativas estão na sua personalidade de autocrata rude e bronco. O rio-grandense é o contrário.⁵⁰

MISCIGENAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL

O Rio Grande do Sul é o Estado mais meridional do Brasil, tem uma área de 282.184 km² e faz fronteira com o Estado de Santa Catarina, ao Norte; com a República Oriental do Uruguai, ao Sul; com o Oceano Atlântico, ao Leste, e com a República da Argentina, a Oeste.

Quando os primeiros conquistadores chegaram ao território do Rio Grande do Sul, no século XVI, encontraram três grandes grupos de nativos: os Gês ou Tapuias; o grupo que vivia na região da Serra do Herval, constituído pelas tribos Charruas, Minuanos, Guenoas, Iarós, Chanás e Guaicurus, estas tribos tinham excelentes cavaleiros e já usavam boleadeiras; e, por fim, os Tupi-Guarani.

A origem do gaúcho, como a sua vivência, é incerta. Terá começado com a miscigenação de bandeirantes, soldados e colonos brancos com índias nativas desse território. Posteriormente, com a implantação da escravatura, o elemento africano passou a integrar os seus laços genéticos.

Os gaúchos resultam de um processo de aculturação mais do que de simples miscigenação: herdaram dos diversos elementos que lhes estão na origem as suas capacidades de lidar com as tarefas do campo, com os cavalos e a forma aguerrida com que vivem. Muitos dos costumes dos gaúchos são de raiz indígena: o churrasco, o laço, as boleadeiras, o pala, o chiripá, a lança, o cachimbo, o chimarrão⁵¹ (cujo uso é pré-colombiano), a acomodação (dormir em redes, sentar em banquinhos) para além de

⁵⁰ Jorge Salis Goulart, *A Formação do Rio Grande do Sul*, 3ª edição, Caxias do Sul, Martins Livreiro Editor, UCS-EST, 1978, p. 109

⁵¹ Chimarrão ou mate é o nome dado à infusão de erva-mate.

grande parte dos mitos, das lendas e das palavras. Contudo, na sua origem, não eram considerados nem brancos, nem índios, nem negros... eram párias sociais. O próprio étimo “gaúcho” tinha, inicialmente, uma carga depreciativa: indicava a condição social do indivíduo. Eram marginalizados uma vez que, na sua maioria, eram órfãos.⁵² Os primeiros gaúchos eram filhos de soldados e aventureiros, homens que não formavam um núcleo familiar. Quando voltavam às capitânicas de origem eles deixavam para trás os filhos mestiços, nascidos das relações mantidas com negras e índias. Apesar de a miscigenação ser comum, era frequente, por vergonha, o abandono das crianças como vários viajantes relataram.⁵³

A nova sociedade, surgida em redor da criação de gado, era muito diferente da família tradicional: o homem ia para o campo, enquanto a mulher ficava na comunidade. A família, como tal, não existia. Eram homens sós que deambulavam sem destino.

Dessa gente deixou-nos um eloqüente relato o viajante Nicolau Dreys: Os gaúchos, nômades, estão em todas as partes onde há estâncias ou charqueadas, em que servem de peões. Parecem pertencer a uma sociedade agine, isto é, sem mulheres, tais como os antigos tártaros. Pelo menos, aparecem geralmente sem mulheres e manifestam mesmo pouca atração para elas (felizmente para seus vizinhos). Formaram-se originariamente do contato da raça branca com os indígenas. Sem chefes, sem leis, sem polícia, não têm da moral social senão as idéias vulgares, e sobretudo uma espécie de proibidade condicional que os leva a respeitar a propriedade de quem lhes faz benefícios ou de quem os emprega ou neles deposita confiança.⁵⁴

Com a desapareção desse modo de vida, muitos dos descendentes nativos tornaram-se peões de estância. O gaúcho nativo do pampa, independentemente de ser uruguaio, argentino ou brasileiro, tem como base da sua cultura uma forte influência, inicialmente, indígena, espanhola e portuguesa e, posteriormente, alemã e italiana. Assim, o Sul-Rio-Grandense é uma mistura de vários elementos étnicos: índios, portugueses do continente e insulares (na sua maioria açorianos), espanhóis, alemães e italianos.

⁵² Entre outras possibilidades, uma das explicações para a origem da palavra “gaúcho” é a expressão “huachu” que significa órfão em quíchua como expresso nos sites:

<http://regionalismoogauchogalechibly.com>, http://cafe.pucrs.br/ide_busca/arquivo.php?codArquivo=1361 ou <http://www.rbgriantchivrs.org/page07.php>

⁵³ Moacyr Flores, *República Rio-Grandense: Realidade e Utopia*, Porto Alegre, Edição de EDIPUCRS, 2002, p. 90

⁵⁴ Barbosa Lessa, *Rio Grande do Sul, Prazer em Conhecê-lo*, Editora AGE Ltda, p. 188

O gaúcho que aparece na literatura Sul-Rio-Grandense é um produto da fusão da realidade, ideologia, lendas e mitos populares. Das constantes lutas fronteiriças e pela posse de gado, surgem os atributos do gaúcho: coragem, bravura e amor à terra.

Davam-me a impressão de fantásticos Centauros, que tivessem amarrados seus corpos de cavalo à porta.⁵⁵

A Historiografia, tal como a Literatura, é influenciada pelo contexto sócio-cultural do autor. Alfredo Varela, fonte referida por vários dos autores seleccionados no *corpus* literário⁵⁶ e por historiadores, adapta os factos à sua ideologia. Defende que a miscigenação no Rio Grande do Sul não se manifestou de igual modo à que ocorreu no Prata, sugere a hegemonia da raça branca e a diminuição da mestiçagem:

O segundo facto a que se alludiu é o que resulta desta passagem de Saint-Hilaire: “Na Capitania do Riogrande, os habitantes do campo, filhos ou netos de homens das ilhas dos Açores, são brancos de raça pura, enquanto que os campónios hespanhoes são pela maioria mestiços de europeus e de índios”. [...] O grau de mestiçagem tinha baixado, após a phase inicial da colonização portuguesa, descendo ainda mais, depois da aventura de Rivera, que levou para o Estado oriental, a quasi totalidade dos índios mansos.⁵⁷

Como se vê, Alfredo Varela vale-se do estudo de Saint-Hilaire para desenvolver a teoria da diminuição do número de mestiços e para reforçar a diferença entre o Rio Grande do Sul e os países vizinhos do Prata.

ORIGEM DO MITO

Se nós os gaúchos jogarmos fora os nossos mitos, que é que sobra? Floriano olha para o estancieiro e diz tranquilamente: Sobra o Rio Grande, doutor. O Rio Grande sem máscaras. O Rio Grande sem belas mentiras.

Érico Veríssimo, *O Arquipélogo*

⁵⁵ Guilhermino Cesar, *O gaúcho morreu – desde quando?*, Correio do Povo, Caderno de Folclore, Porto Alegre, 14 de Dezembro de 1976, p. 3

⁵⁶ Tabajara Ruas, Alcy Cheuiche e Luiz Antônio de Assis Brasil.

⁵⁷ Alfredo Varela, *História da Grande Revolução*, 1º volume, Porto Alegre, Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, Barcellos, Bertaso & Cia., 1933, p.74. Consultado em versão electrónica de Fevereiro de 2002 editado pelo Grupo de Estudos “Alfredo Varela” em <http://alfredovarela.pampaxibras.net>

Todas as culturas têm mitos que surgem no intuito de explicar a evolução e estruturação do Universo. São os mitos que nos dão o contexto em que os homens são criados, que explicam as suas virtudes e os seus males.

O mito não tem a coerência da sistematização de seus dados, podendo ser entendido como arte, criatura criada pela fabulação do ser humano, e emergente em todas as culturas. O mito é uma fala, um meio de comunicação, uma linguagem, um jeito de explicar o mundo e todas as suas coisas, através de suas alegorias.⁵⁸

Antes da invenção da palavra escrita, as tribos, reunidas em redor da fogueira, falavam do momento da sua criação, dos antepassados que conquistaram a terra, que dominaram as bestas e que salvaram a tribo. Pode-se recuar até à vivência nas cavernas, procurar nas pinturas rupestres a imagem do caçador eternizado como mito e como lenda.

O gaúcho assume assim a posição de mito: o nome designa não apenas um factor geográfico ou social, mas uma postura e uma identidade cultural documentada pela História e pela Literatura Regionalista.

O mito do gaúcho é criado na história social e política do Rio Grande do Sul. Os protagonistas da História Sul-Rio-Grandense, para além de serem influenciados pelo ideal gaúcho vão recriar a imagem do gaúcho local que adquiriu características de ser biológico e está em permanente mutação.

A Literatura vai recorrer à imagem do gaúcho como símbolo de uma existência livre, rude e romântica. Essa visão do passado tem como objectivo ultrapassar o presente corrompido da vida moderna.⁵⁹ O elemento central deste trabalho é a figura de Bento Gonçalves de Silva, o homem, o estancieiro, o militar e a personagem, contudo, nos primórdios da literatura Sul-Rio-Grandense o “herói” era o gaúcho simples e humilde.

Em meados do século XIX, o gaúcho já era um mito, o símbolo dos pampas. Aquando da Revolução Farroupilha o termo já não era depreciativo, tendo passado a ser sinónimo de homem digno, bravo, patriota e corajoso. Tornou-se o mito do homem irreverente, guerreiro, destemido e capaz, nas lides do campo e do gado.

⁵⁸Maria Zelia Alvarenga, *Mitologia Simbólica: Estruturas da Psique E*, Edição de Casa do Psicólogo, p.35

⁵⁹Nelson Boeira, “O Rio Grande de Augusto Comte” In Décio Freitas (Org.), *RS: Cultura e Ideologia*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980, p. 167

O fortalecimento da imagem do gaúcho e a sua autonomia em relação ao “brasileiro” decorreram das diferenças básicas que o distanciavam dos habitantes das outras Províncias. A entrada tardia de mão-de-obra escrava africana forçou os gaúchos a realizarem todas as tarefas e actividades, inclusive aquelas que, noutras Províncias, eram da restrita responsabilidade dos escravos. A distância dos núcleos de poder e a necessidade de cumprir as actividades agrícolas, pecuárias, comerciais e de manufactura limitaram o tempo de que dispunham para a cultura e desenvolvimento artístico.

Uma testemunha ocular caracterizou os habitantes do Rio Grande do Sul como descendentes de portugueses que careciam de artes e literatura, nada produzindo de novo em ciências. Comentou que o rio-grandense diferia do nortista e do nordestino por seu aspecto físico e habilidades, atribuindo isto ao fato de que na Província não havia grande quantidade de escravos como nas plantações de cana-de-açúcar, café e algodão.⁶⁰

Era a faceta inculta do gaúcho que aparecia nos primeiros registos escritos datados do século XVIII:

No tengan outro exercicio que andar de rancho en rancho y en las pulperias, embriagandose y después com el cuchillo en la mano peleando com todo el mundo...⁶¹

gaudérios, gente que vive como quiere sin saber de donde viven o de qué se alimentan pues no trabajan [...] Díaz no consentirá en dicha estancia que se abriguen ningunos contrabandistas vagamundos u ociosos que aquí se conocen por gauchos [...] Gauches, palavra Hespanhola uzada neste Paiz para expressar aos Vagabundos, ou ladroens do Campo, quais Vaqueiros, costumados a matar os Touros chimarroens, a sacar-lhes os couros, e a leva-los ocultamente as Povoações, para sua venda ou troca por outros géneros [...] uma outra classe de gente, mui apropriadamente chamados gaúchos ou gaudérios [...] Sua nudez, suas barbas crescidas, seu cabelo sempre despenteado, sua sujeira e a brutalidade de sua aparência os tornam horríveis de ver. Por nenhum motivo ou interesse querem eles trabalhar para alguém, e além de serem ladrões, também raptam mulheres. A essas levam para os matos e vivem com elas em choças, abatendo gado bravo para o seu sustento.⁶²

Sem chefes, sem leis, sem polícia, os gaúchos não têm da moral social, senão as idéias vulgares, e sobretudo uma sorte de proibidade condicional que os leva a respeitar a propriedade de quem lhes faz beneficio ou de quem os emprega, ou neles deposita confiança:

⁶⁰ Moacyr Flores, *República Rio-Grandense: Realidade e Utopia*, Porto Alegre, Edição de EDIPUCRS, 2002, p. 90

⁶¹ Nelson Boeira, “O Rio Grande de Augusto Comte” In Décio Freitas (Org.), *RS: Cultura e Ideologia*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980, p. 167

⁶² AAVV, *RS: Cultura & Ideologia*, Mercado Aberto, 1980, p. 116 e 117

entregues ao jogo com furor, esse vício, que parecem praticar como um meio de encher o vácuo de seus dias, é a fonte dos roubos e às vezes das mortes que cometem. Joga o gaúcho tudo o que possui, dinheiro, cavalo, armas, vestidos, e sai às vezes do jogo inteiramente ou quase nu; nessa posição é que o gaúcho se torna temível, pois que, perdendo tudo o que tem, não perde ainda o desejo de desafiar outra vez a fortuna, nem a esperança de achá-la menos cruel; e por mais temível que se torne nesse estado, não de desesperação, mas de profunda mágoa, os movimentos interiores do gaúcho escapam aos olhos do observador; nunca se altera nele aquela superfície de impassibilidade que faz a parte mais saliente de seu carácter; ele diverte-se, sofre, mata e morre com o mesmo sangue-frio.⁶³

A sua metamorfose na Literatura foi demorada. Apenas no início do século XX o gaúcho ganhou o título de “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas”.

Era uma poesia nova que surgia, cristalina e vibrante, entre sonhos cavalheirescos de uma idade de iniciação, liricamente sentimental, bela e gloriosa. A rapsódia gauchesca encerra assim toda a história aventureira da raça. Ela é a glorificação do homem fronteiro cuja alma audaciosa e nobre descamba até o sacrifício e é capaz dos mais alevantados cometimentos.⁶⁴

Apesar de a realidade histórica apontar para uma existência miserável e sofrida, a literatura romantizou e fantasiou em redor da figura do gaúcho. Salis Goulart foi um dos principais impulsionadores desta vertente fantasista. Para o autor a relação entre o gaúcho e o estancieiro era de amizade e cumplicidade e não de submissão:

Entre chefes e empregados, pela natureza de ligações amistosas que os uniam, se encontra muito do carácter da vida patriarcal, onde o patrão se entrega com os seus subordinados aos trabalhos da comunidade. [...] Não tem o estancieiro aquele egoísmo que caracteriza os grandes senhores europeus e por isso chega a sacrificar a sua fortuna pela felicidade da província. A unidade é a estância; mas não é uma unidade que rejeite todo o espírito de associação. Não: as estâncias, como força social, sempre operam ligadas umas às outras, nunca se combatem e todas as vezes que se unem é visando um bem comum, um ideal superior, colocando, acima de tudo, a grandeza geral.⁶⁵

O mesmo autor reconhece a estância⁶⁶ como célula social do Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, o estancieiro como elemento central dessa comunidade social. É possível que patrão e peão tenham aprofundado os seus laços; com a crise económica do

⁶³ Regina Zilberman, *Literatura Gaúcha*, Coleção Universidade Livre, Rio Grande do Sul, L&PM Editores Ltda., 1985, p. 20 e 21

⁶⁴ *Ibid.*, p. 20

⁶⁵ Jorge Salis Goulart, *A Formação do Rio Grande do Sul*, 3ª edição, Caxias do Sul, Martins Livreiro Editor, UCS-EST, 1978, p. 28

⁶⁶ Propriedade rural que se dedica especialmente à criação de gado. In Batista Bossle, *Dicionário Gaúcho Brasileiro*, Porto Alegre, Artes e Ofícios, 2003, p. 228

Rio Grande do Sul, é provável que peões e caudilhos se tenham unido por algo mais do que ideologia: era fundamental lutar por manter o modo de vida que tinham que, embora desproporcionado, sustentava ambos os intervenientes. A alternativa a servir um caudilho era vaguear pelos pampas em busca de trabalho precário e incerto. Quando a força máxima, o caudilho, avança contra o Império é compreensível que os seus peões e agregados integrem as suas fileiras bélicas.

A própria vida militar, em partidas irregulares em que freqüentemente viviam os gaúchos, fazia que a igualdade já existente se afirmasse cada vez mais. “O soldado gaúcho do ciclo heróico da nossa História raramente era um profissional das armas. Nas campanhas que por aqui se decidiram, os contingentes de tropas regulares foram sempre insignificantes. Mais de três quartas partes talvez dos efetivos das forças em operações eram sempre compostas de soldados de ocasião, de voluntários. Assinada a paz, não se deixaram ficar indolentes nos quartéis: voltavam à faina das estâncias, à espera de outra invasão, de novas ordens para expor a vida. Os comandantes, às vezes os próprios generais, eram paisanos, pertencentes a famílias abastadas, e em geral organizavam por conta própria seus batalhões e regimentos. Não existia entre chefes e subordinados a disciplina militar, como a compreendem e executam os técnicos de guerra”.⁶⁷

Era como se fosse uma continuação da vida que antes levavam na calma pacífica das estâncias.⁶⁸

É possível fundamentar a hipótese de os agregados gaúchos aderirem à Revolução por lealdade aos seus patrões e não por dedicação à causa, pois quando os líderes militares, como Bento Manuel Ribeiro, mudavam de facção os seus peões e agregados acompanhavam-nos.

Com o “centauro dos pampas” e o “monarca das coxilhas”⁶⁹, está criado o gaúcho-tipo. Ele resulta da união entre o regional e o universal, apresenta a realidade e o ambiente da região do Rio Grande do Sul associada a valores e qualidades universais.

O fato inegável é que o mito do gaúcho, adentrando-se na imaginação da gente, supera hoje em força de convicção, a criatura de carne e osso que lhe serviu inicialmente de modelo.⁷⁰

O gaúcho resulta da fusão de realidade, ideologia, lendas e mitos populares. O gaúcho, como mito, apresenta as características que são comuns a todos os heróis de

⁶⁷ João Pinto da Silva, *História Literária do Rio Grande do Sul*

⁶⁸ Jorge Salis Goulart, *A Formação do Rio Grande do Sul*, 3ª edição, Caxias do Sul, Martins Livreiro Editor, UCS-EST, 1978, p. 47

⁶⁹ O “monarca das coxilhas” por excelência foi Bento Gonçalves (1788-1847), detentor de todas as características que fazem um verdadeiro gaúcho e personagem central de inúmeras lendas e obras literárias.

⁷⁰ Guilhermino Cesar, “Amigos e inimigos de Martin Fierro” In JOBIM, Leopoldo, *Martin Fierro/José Hernández*, Caxias do Sul, UCS/EST, 1980, p. 21

todas as culturas: coragem, ousadia, alegria, indiferença face à morte, espírito de sacrifício, honestidade, honra, lealdade e amor à pátria. O passado histórico do gaúcho, aqui idealizado, é o do século XVIII, quando estes eram a base de uma sociedade bélica em constante conflito com os espanhóis na defesa das fronteiras e dos rebanhos.⁷¹ A sua representação como *centauro* vai reforçar as suas características: meio homem meio cavalo, meio humano meio natureza.

O mito do gaúcho é realçado a ponto de distorcer a realidade. Os historiadores do início do século XIX, como é o caso de Jorge Salis Goulart, defendiam que a este homem livre dos pampas tudo era possível, sendo ele o pilar que sustentava a sociedade e a ideologia Sulina.

Sem necessidade de cursar estudos militares, sem ser preciso servir regularmente no exército colonial, apenas pelo exercício de uma vida de aventuras, tão do gosto dos afoitos campeiros – uma vida que era como um desdobramento da antiga existência de correrias atrás do gado chucro pelas restingas e reboleiras – o gaúcho podia tornar-se o chefe querido de amanhã.⁷²

Salis Goulart não evocava a subalternidade que existia entre patrões e empregados. Ao apresentá-los como donos das mesmas qualidades e atributos, ao gaúcho tudo era possível não existindo, segundo o autor, limites sociais.

Ainda que afastado do poder e desacreditado, Bento Gonçalves da Silva permanece o expoente máximo da virilidade sulina. Bento Gonçalves não é o único a corroborar para a mitificação do gaúcho tipo. Apesar da derrota dos farrapos, ainda que honrosa, na Revolução Farroupilha, são os momentos áureos dos seus intervenientes (tanto no lado farrapo como no legalista) que ficaram para a História: o Duque de Caxias, o Pacificador, é bem aceite entre os Sul-Rio-Grandenses devido à sua clara predileção pelo povo gaúcho que ficou evidente no acordo benéfico que ofereceu aos revoltosos; Neto foi o valoroso militar que declarou a República; Garibaldi atravessou os pampas com barcos puxados por carros de bois; Anita, a jovem lagunense, lutou ferozmente suplantando muitos homens e levando a sua coragem para além das

⁷¹ AAVV, *Letras de Hoje*, nº77, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Setembro de 1989, p. 58

⁷² Jorge Salis Goulart, *A Formação do Rio Grande do Sul*, 3ª edição, Caxias do Sul, Martins Livreiro Editor, UCS-EST, 1978, p. 46)

fronteiras da Província; Canabarro, ainda que supostamente implicado no massacre de Porongos, ficou para a História como o homem que declarou o eterno amor ao Brasil.⁷³

A REVOLUÇÃO FARROUPILHA E OS FARRAPOS

Bento Gonçalves alçou as rédeas de seu cavalo, impunhou a lança que aprendera a manejar nas lutas contra o Reino de Castela e proclamou a República de Piratini. O Rio Grande, livre e altaneiro, atendeu à voz de comando de seu grande general. E marchou para as coxilhas, para as novas aventuras guerreiras. Dez anos de lutas se sucedem, reduzindo os idealistas republicanos à miséria. E o nome de baptismo que os Imperialistas lhes deram, pelo aspecto da pobreza exterior, seria o nome de glória com que passariam às páginas da Imortalidade: farrapos.⁷⁴

Após a independência, o Brasil apresentava uma vida económica e social semelhante à vivida anteriormente. A sociedade da Província de São Pedro era uma sociedade tradicional, conservadora, que vivia do património e dos latifúndios, mantendo escravos como os seus antepassados. Entre as décadas de vinte e quarenta do século XIX, o Brasil foi alvo de permanente instabilidade política, ampliada pela abdicação de D. Pedro I, a 7 de Abril de 1831. Os principais movimentos provinciais que abalaram a unidade do país foram a Cabanagem, na província do Pará em 1835; a Revolução Farroupilha, no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1835 e 1845; a Sabinada, que eclodiu na Bahia, entre 1837 e 1838 e a Balaiada, no Maranhão, de 1838 a 1841.

Aí reside o segredo dessa resistência enorme de 10 anos que assombrou os contemporâneos dos arrojadados líderes da República de Piratini. Tendo um cavalo (pois que a lança até se fazia de uma faca presa a uma vara) o gaúcho em suas correrias pelas canchadas, pelas restingas, pelos passos que ele conhecia palmo a palmo, embora seminu, embora coberto de andrajos, é o rebelde tenaz, é o farrapo

⁷³ Canabarro em resposta ao emissário enviado por Juan Manuel de Rosas, Presidente da Argentina: *Senhor. O primeiro de vossos soldados que transpuser a fronteira fornecerá o sangue com que assinaremos a paz com os imperiais. Acima de nosso amor à República, está nosso brio de brasileiros. Quisemos, ontem, a separação de nossa Pátria, hoje almejamos a sua integridade. Vossos homens, se ousarem invadir nosso País encontrarão, ombro a ombro, os republicanos de Piratini e os monarquistas do Sr. Pedro II.* In Victor Civita (Editor), *Grandes Personagens da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 412

⁷⁴ Manoelito de Ornellas, *Uma Viagem pela Literatura do Rio Grande do Sul* In António Ferro, António Vieira de Melo (Dir.), *Atlântico: Revista Luso-Brasileira*, Nova Série, nº4, Lisboa, Edição do S.N.I. e da A.N., p. 83

glorioso que se bate pelas autonomias locais e que, derramando o sangue pelos seus princípios magníficos, traça com a espada brilhante nas nossas fronteiras provinciais o mapa da federação.⁷⁵

A distância geográfica estava na gênese dos conflitos políticos e administrativos entre a Corte e as províncias mais distantes. Já durante o tempo colonial esta dificuldade se manifestava. Era frequente a existência de conflitos bélicos, entre os militares da Província do extremo sul brasileiro e os militares do Prata castelhano, durante épocas de paz na Península Ibérica, simplesmente por estes não terem acesso à informação de tréguas que vinham a caminho. As áreas periféricas do Império eram, desde o tempo colonial, as mais prejudicadas pelo centralismo administrativo.⁷⁶

O Rio Grande do Sul foi a Província mais afectada pela persistente guerra platina, durante os anos de luta os campos foram abandonados e o gado e cavalos requisitados para satisfazer a necessidades militares.

O Rio Grande vivia, essencialmente, da exportação de charque, da criação de mulas e dos artigos de couro. O charque era a base da alimentação dos escravos do Nordeste e da região do Rio. As mulas efectuavam todos os transportes entre São Paulo, Minas Gerais e o Rio de Janeiro. Os artigos de couro eram principalmente os de selaria. Os impostos elevados executados no sul brasileiro não permitiam a concorrência com os países vizinhos, Argentina e Uruguai. A Regência defendeu os interesses dos fazendeiros e dos donos de engenhos de açúcar, em resultado das facilidades providenciadas aos exportadores argentinos e uruguaios, as exportações de charque passaram das 711 mil arrobas de 1823 para as 2 264 mil em 1845. Se tivermos em conta os números da produção de charque no Rio Grande do Sul, 13 000 arrobas em 1754,⁷⁷ é evidente o prejuízo da Província do sul brasileiro. A concorrência estava a arruinar a economia gaúcha. Com o tratado de paz de Ponche Verde (1845), a taxação de 25 por cento *ad valorem* sobre o charque argentino e uruguaio foi de acordo com os interesses dos estancieiros do Rio Grande do Sul.⁷⁸ Também a criação de mulas foi afectada. Uma das primeiras medidas da Regência foi anular o privilégio que declarava o Rio Grande do Sul como único produtor de muares, alargando esse privilégio a outras Províncias. Os conflitos constantes prejudicavam a produção do trigo, principal exportação agrícola

⁷⁵ Jorge Salis Goulart, *A Formação do Rio Grande do Sul*, 3ª edição, Caxias do Sul, Martins Livreiro Editor, UCS-EST, 1978, p. 198

⁷⁶ Maria Beatriz Nizza da Silva (Coord.), *Nova História da Expansão Portuguesa: O Império Luso-Brasileiro, 1750-1822*, volume VIII, Editorial Estampa, 1986, p. 265

⁷⁷ *Ibid.*, p. 113

⁷⁸ Bartolomé Bennassar, Richard Marin, *História do Brasil*, Santa Maria da Feira, Teorema, 2000, p. 208

do Rio Grande, começa a dar-se a entrada de trigo da América do Norte. A economia brasileira regulava-se por um interesse único: a exportação de café.⁷⁹

As principais reivindicações do Rio Grande do Sul eram, como se sabe, a suspensão de impostos e taxas: sobre o charque, sobre o sal (necessário para a confecção do charque), sobre o couro e légua de campo. Além disso, havia a questão do encerramento da fronteira ao gado uruguaio e ainda a preterição dos chefes militares locais.

Os grandes estancieros, homens poderosos que dominavam o território, exigiam que o Governo protegesse os interesses dos produtores rio-grandenses contra a disseminação do charque estrangeiro. Pediam ainda uma maior liberdade administrativa que lhes permitisse resolver com celeridade as dificuldades encontradas, uma vez que os benefícios recebidos eram inferiores às contribuições. Confirmam-se esses dados no manifesto de Bento Gonçalves de 29 de Agosto de 1838:

Alimentávamos os outros na abundância e perecíamos na miséria; sustentávamos o fausto, as extravagâncias de ministros dilapidadores e não podíamos satisfazer as mais urgentes exigências da sociedade em que vivíamos; e para cúmulo de afrontas recebíamos de mãos estranhas e como por esmola a miserável quantia que de nossos próprios cofres nos concediam.⁸⁰

Bento Gonçalves da Silva tinha sido ferozmente atingido economicamente com o início da Guerra Cisplatina,⁸¹ quando se viu obrigado a abdicar das suas posses no Uruguai. Com o regresso à Estância do Cristal, junto ao Rio Camaquã, ao invés de encontrar a estabilidade financeira, encontrou elevados impostos e uma situação que beneficiava o charque e os charqueadores uruguaio e não os rio-grandenses.

Sob as suas ordens, José Gomes de Vasconcelos Jardim (parente e amigo de Bento Gonçalves) saiu de Pedras Brancas com cem homens, atravessou o rio e dirigiu-se a Porto Alegre. Perto da Ponte da Azenha juntou-se aos homens comandados por Onofre Pires que vinham de Viamão. Os legalistas, que suspeitavam do ataque, dirigiram-se para a ponte de modo a surpreender os rebeldes. Mas, pelo contrário, os rebeldes, previamente informados da acção legalista, emboscaram as forças fiéis ao Presidente da Província e obtiveram uma vitória incontestável.

⁷⁹ Moacyr Flores, *Revolução Farrroupilha*, Porto Alegre, Martins Livreiro-Editor, 1984, p. 14 e 15

⁸⁰ Moacyr Flores, *Modelo Político dos Farrapos*, 4ª edição, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996, p. 112

⁸¹ Conflito ocorrido entre o Império do Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata, no período de 1825 a 1828, pela posse da região da actual República Oriental do Uruguai.

Com o apoio cada vez mais geral da população à causa rebelde, o Presidente da Província fugiu para a Corte. A Regência nomeou o gaúcho José de Araújo Ribeiro para a sucessão. Entre os liberais não houve concordância: alguns viram o facto como acatamento das reivindicações; outros, (como Tito Lívio Zambeccari e Pedro José de Almeida) como recusa da decisão.⁸² Com o impasse criado dentro do partido republicano, Araújo Ribeiro assumiu o cargo na Câmara Municipal de Rio Grande. O novo Presidente da Província contou com o apoio de Bento Manuel Ribeiro, agora nas hostes legalistas para onde recrutou vários militares, até então na facção adversária.

Com a tomada de posse de Araújo Ribeiro, à revelia dos liberais, os rebeldes tomaram armas e a luta armada, guerra civil, irrompeu.

A Revolução Farroupilha provocou mudanças na forma de governo, modificou hierarquias sociais e buscou alternativas para a economia da nova República, tentando fundar uma nova nação, dentro dos princípios da igualdade, fraternidade e humanidade. Mesmo considerando que a maior parte dos combates aconteceram na zona da Campanha onde se concentrava a população, o movimento revolucionário atingiu todos os segmentos sociais.⁸³

A Revolução Farroupilha foi uma luta fratricida, os mesmos argumentos de apelo à coragem, à virilidade e à justiça eram apresentados de ambos os lados do conflito. Foi um conflito que colocou em lados opostos das trincheiras parentes e amigos. Tendo em conta a forte estrutura social que se encontra no Rio Grande do Sul do século XIX, os poderosos chefes de família levaram para a batalha filhos e familiares que lhes eram subordinados para além dos trabalhadores por eles assalariados.

O estudo da família, com seus graus de parentesco, permite uma melhor compreensão da própria Revolução Farroupilha, porque os revolucionários levaram para a luta os parentes e compadres. Os postos militares interligavam-se por graus de parentescos e até os subalternos, como peões e agregados, prestavam serviço militar junto com o dono da terra. As crias de casa, escravos e afilhados, envolveram-se na Revolução por um critério de fidelidade e obediência.⁸⁴

Foram os familiares e amigos de Bento Gonçalves e dos restantes líderes da Revolução que ocuparam os cargos administrativos e institucionais da nova República.

⁸² Victor Civita (Editor), *Grandes Personagens da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 405

⁸³ Moacyr Flores, *República Rio-Grandense: Realidade e Utopia*, Porto Alegre, Edição de EDIPUCRS, 2002, p. 89

⁸⁴ *Ibid.*, p. 100

Os cargos não foram entregues a ninguém que se tenha destacado de forma relevante durante a Revolução.⁸⁵

Os ideais farroupilhas baseavam-se no sistema republicano norte-americano: os jornais rebeldes apresentavam as teorias de Locke, Montesquieu e de Rousseau. Os farroupilhas usaram os argumentos de Locke para afastar do poder António Braga e José Ribeiro, defendendo que o governante tem como função preservar a integridade dos seus súbditos. Não obstante, Bento Gonçalves da Silva seguiu as regras do Absolutismo até 1842, altura em que foi pressionado a desenvolver uma Assembleia Constituinte e Legislativa.

Antes de aprofundar as características e origens dos farroupilhas, é importante assinalar que o termo “farroupilha” não se refere, como erroneamente é muitas vezes apresentado, ao facto de andarem maltrapilhos, rotos e em farrapos devido ao rigor de dez anos de conflitos. Os termos farrapo e farroupilha já eram previamente usados para classificar os liberais insurgentes contra o regime brasileiro.⁸⁶ Em 1832, Luís José dos Reis Alpoim fundou, em Porto Alegre, o partido farroupilha.⁸⁷

Ainda que não sejam todos reconhecidos pela Literatura, a História consagrou como elementos primordiais da Revolução:

Bento Gonçalves da Silva, comandante da fronteira de Jaguarão, comandante geral da Guarda Nacional e rico fazendeiro; Bento Manuel Ribeiro, comandante da fronteira de São Gabriel e latifundiário; José Mariano de Matos, oficial do exército e venerável da maçonaria em Porto Alegre; João Manuel de Lima e Silva, parente do regente Francisco de Lima e Silva e do barão de Caxias; Domingos José de Almeida, fazendeiro, charqueador, comerciante e dono da primeira barca a vapor da província; José Gomes de Vasconcelos Jardim, latifundiário e descendente de troncos seculares da província; António de Souza Neto, proclamador da república e fazendeiro.⁸⁸

Apesar do destaque obtido pelos caudilhos, estancieiros e burgueses, foram os gaúchos pobres e os (ex-)escravos que conseguiram as vitórias e que tombaram mortos no campo de batalha.

Finalmente, não se buscou fazer dos farroupilhas nem heróis nem vilões porém mostrar o que foram: simples seres humanos que lutaram

⁸⁵ Moacyr Flores, *República Rio-Grandense: Realidade e Utopia*, Porto Alegre, Edição de EDIPUCRS, 2002, p. 101

⁸⁶ Moacyr Flores, *Revolução Farroupilha*, Porto Alegre, Martins Livreiro-Editor, 1984, p. 23 e 24

⁸⁷ *Ibid.*, p. 27

⁸⁸ Moacyr Flores, *Modelo Político dos Farrapos*, 4ª edição, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996, p. 37

com e por interesses específicos, portadores de ideologia coerente com a realidade social da época.⁸⁹

Os líderes militares eram acompanhados pelos seus peões e agregados, quando os chefes mudavam de posição (como aconteceu várias vezes com Bento Manuel Ribeiro) os seus subalternos seguiam-nos. Os homens livres, se chamados a tomar lugar nas fileiras do exército, tinham o direito de se fazer representar, normalmente por um escravo alforriado para o propósito. Muitos dos soldados negros que ingressaram no exército republicano, fizeram-no por o preferirem à alternativa da escravatura e por sonharem com a liberdade que iriam alcançar com a vitória na Revolução. Tal objectivo não se veio a concretizar. Contudo, os Sul-Rio-Grandenses eram, na sua maioria, fáceis de recrutar:

Nossa burguesia, sem descartar o emprego da violência, permitiu-se a formas menos ásperas de recrutamento, dentro de certa astúcia ideológica que consistia em convocar os homens do campo via reprodução de lugares-comuns machistas e ufanistas.⁹⁰

O espírito bélico dos homens do Rio Grande do Sul conduzia-os para o campo de batalha, mas era esse mesmo elemento que, esporadicamente, os afastava dele: as deserções ocorriam quando se encontravam afastados da frente de combate, os mesmos homens que deixavam a casa e a família sem arrependimento para ir combater, abandonavam os acampamentos estagnados pela letargia da falta de combates para regressar ao lar.⁹¹

A rivalidade entre grupos, facções e exércitos nem sempre é clara. Alguns historiadores, mais idealistas, não se apercebem, ou não se querem aperceber, da diferença de estatutos encontrada nas hostes militares. Tal parece ser o caso de Jorge Salis Goulart:

À primeira vista, dado o carácter belicoso dos rio-grandenses, parece que a única aristocracia que tivemos foi a militar, atendendo-se ao prestígio que os chefes guerreiros sempre gozaram aqui. Mas, nem

⁸⁹ AAVV, *A Revolução Farroupilha: História & Interpretação*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, p. 97

⁹⁰ Sérgio Gonzaga, "As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura", In Décio Freitas (Org.), *RS: Cultura e Ideologia*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980, p. 115

⁹¹ Alfredo Varela, *História da Grande Revolução*, 1º volume, Porto Alegre, Oficinas Graficas da Livraria do Globo, Barcellos, Bertaso & Cia., 1933, p.117. Consultado em versão electrónica de Fevereiro de 2002 editado pelo Grupo de Estudos "Alfredo Varela" em <http://mlivradex.inec.org.br/ajp/ajp.html>

mesmo essa era uma aristocracia. A carreira militar estava aberta para todos, desde o mais humilde ao mais opulento.⁹²

Apesar de tanto farroupilhas como imperiais recorrerem ao gaúcho, os republicanos vão reforçar a sua imagem heróica e de homens livres e justiceiros. No discurso imperial, o gaúcho é o ladrão, o rufia, o mercenário que luta ao lado do seu caudilho sem se deixar conduzir pela razão; no discurso republicano o gaúcho vai surgir como o principal defensor do “modelo de Liberdade, Igualdade e Humanidade”.⁹³ Imagem possível de confirmar na carta de Rossetti datada de 24 de Agosto de 1837:

Oh! Se soubesse quanta inveja me causam estes (farroupilhas), se os visses quase nus, descalços e privados de quase tudo e, no entanto, entusiasmados pela liberdade, querê-la e alcançá-la, sentiria, como eu, profundo desgosto consigo mesmo, e porque em vez de emigrar, nós não buscamos a montanha e não fizemos o mesmo que eles?⁹⁴

A Literatura, especialmente com Leticia Wierzchowski em *A Casa das Sete Mulheres*, antagoniza Bento Gonçalves da Silva contra Bento Manuel, que apesar das semelhanças se transformam em opostos.

Alfredo Varela recorre ao mesmo processo para caracterizar os exércitos republicano e imperial. Segundo o historiador, os republicanos não procuram riquezas e predispõem-se para o sacrifício pessoal. A generosidade é apresentada como uma característica primária dos republicanos ao invés dos legalistas que recorrem frequentemente à crueldade gratuita.⁹⁵

CAPÍTULO II: Bento Gonçalves da Silva: História e Mito

“Somos um povo acampado à espera do toque de reunir.” Assim um escritor gaúcho resumiu a formação guerreira que caracterizou o Rio Grande. E, de fato, mais do que em qualquer outra região do Brasil, foi nos campos do Sul que o toque de reunir para a guerra soou com mais frequência. Recrutados pelas forças regulares ou empunhando as armas por conta própria, desde o início de sua história os gaúchos

⁹² Jorge Salis Goulart, *A Formação do Rio Grande do Sul*, 3ª edição, Caxias do Sul, Martins Livreiro Editor, UCS-EST, 1978, p. 46

⁹³ Daysi Lange Albeche, *Imagens do gaúcho: história e mitificação*, Porto Alegre, EDIPUCR, 1996, p.144

⁹⁴ Francisco Riopardense de Macedo, *Lições da Revolução Farroupilha*, Porto Alegre: Assembléia Legislativa do RS, 1995, p. 27

⁹⁵ Alfredo Varela, *História da Grande Revolução*, 1º volume, Porto Alegre, Oficinas Graficas da Livraria do Globo, Barcellos, Bertaso & Cia., 1933, p.499 e 500. Consultado em versão electrónica de Fevereiro de 2002 editado pelo Grupo de Estudos “Alfredo Varela” em <http://alfredovarela.pampa.gov.br>

tiveram de travar duros combates. Para garantir seu território, enfrentaram os castelhanos, bateram-se com o índio, investiram várias vezes contra a Banda Oriental (hoje Uruguai). E, por dez anos, em defesa do que consideravam seus direitos, moveram verdadeira guerra ao Governo imperial do qual se proclamaram independentes sob o nome de República de Piratini.

Nestes anos turbulentos, entre os gaúchos uma voz ecoou mais alta, uma espada foi mais valente: a de Bento Gonçalves da Silva.⁹⁶

Bento Gonçalves era um importante estancieiro, um caudilho.⁹⁷ O estancieiro, tal como o senhor feudal da Idade Média, era um homem poderoso, a autoridade patriarcal, o elemento que detinha o poder total: era o chefe político, chefe militar, legislador, autoridade policial e juiz.

A estância representou sempre um vigoroso epicentro na formação da história social do Rio Grande do Sul, fabricante de riquezas, lugar de resistência armada, célula de preparação revolucionária, selecionadora da espécie em pecuária, árvore genealógica imensa e frondosa até ser comércio artesanal nas origens da economia.⁹⁸

Unidade orgânica da sociedade rio-grandense, o latifúndio pastoril representou, em todos os tempos, notável papel em nossa História. É ele que leva os soldados nos exércitos irregulares a combaterem as hostes platinas, é ele fator principal em todas as nossas revoluções. O seu prestígio é elemento com que o próprio governo nunca deixa de contar. [...] Os principais promotores da revolução dos farrapos eram estancieiros: Bento Gonçalves, Antônio Neto, Canabarro, Jardim e muitos outros.⁹⁹

Bento Gonçalves era um líder nato, não se resumia ao facto de ser um poderoso caudilho, era um homem a quem seguiam cegamente. O seu valor militar é inquestionável e profundamente reconhecido. O General deu nome a uma cidade, a inúmeras ruas e é o patrono da Brigada Militar do Rio Grande do Sul.

Quase todo o Rio Grande prepara-se para a revolução. Para uns, trata-se apenas de mudar o governante e reivindicar um tratamento mais justo para a economia da região. Para outros, é a hora de levar ao

⁹⁶ Victor Civita (Editor), *Grandes Personagens da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 398

⁹⁷ Caudilhismo: Termo de origem espanhola, empregado para designar o regime político existente na maior parte dos países da América do Sul na primeira metade do séc. XIX e parte da segunda. Caudilhos eram os líderes, normalmente de intervenção militar, dotados de carisma e de forte autoridade. Eram os líderes da sociedade patriarcal em que se inseriam. In FLORES, Elio Chaves, *O Caudilhismo*, São Paulo, FTD, 1997

⁹⁸ Dante de Laytano, *O linguajar do gaúcho brasileiro*, Porto Alegre, EST, 1981, p. 21 e 22

⁹⁹ Jorge Salis Goulart, *A Formação do Rio Grande do Sul*, 3ª edição, Caxias do Sul, Martins Livreiro Editor, UCS-EST, 1978, p. 28 e 29

Brasil inteiro o ideal republicano. Todos concordam, entretanto na escolha do líder do movimento: Bento Gonçalves da Silva.¹⁰⁰

no lado sulista, a relação oficial-soldado era respaldada por laços caudilhescos. Subtraía-se o mercenarismo dos exércitos regulares e em troca, oferecia-se vínculos pessoais com liderança carismáticas, somadas a algumas idéias que infundiriam ânimo ao combatente.¹⁰¹

O espírito de clã, de que fala Oliveira Viana, cede aqui lugar, como já dissemos, ao sentimento mais geral da Província, que faz de Bento Gonçalves, por exemplo, uma personalidade prestigiada em todo o nosso perímetro regional. Para chegar à posição de vulto representativo em toda a província não era necessário ser dono de estância, chefe de numerosa “capangada”. Foi pelo prestígio pessoal que alcançou a influência invulgar que o distinguiu.¹⁰²

Apesar do valor que lhe é atribuído e reconhecido, Bento Gonçalves, durante os dez anos da Revolução, apenas venceu as batalhas de Setembrina,¹⁰³ foi bem sucedido na retirada do Gravataí e na acção de Arroio dos Ratos. A fama do General sulino estende-se para além da Revolução Farroupilha, as suas vitórias na Cisplatina completam o seu legado heróico no território gaúcho. Antônio da Fontoura denomina Bento de *General sem sorte*, disso faz eco a literatura, contudo, apesar das vitórias não se terem concretizado, ninguém lhe nega o carisma e aura de líder.

O HOMEM HISTÓRICO

Estancieiro de nascença, exímio cavaleiro por herança e estilo, militar por vocação e necessidade, guerrilheiro na prática, contrabandista de gado por força do hábito, bailarino por vaidade e paixão. O que faltava para transformar Bento Gonçalves da Silva em um típico caudilho gaúcho senão liderar uma revolução?¹⁰⁴

Bento Gonçalves da Silva nasceu no dia 23 de Setembro de 1788, em Bom Jesus do Triunfo, povoação de maioria açoriana na confluência dos rios Jacuí e Taquari. Aquando do seu nascimento, o Rio Grande vivia um raro momento de paz. O Tratado de Santo Ildefonso, assinado entre Portugal e Espanha em 1777, tinha interrompido as

¹⁰⁰ Victor Civita (Editor), *Grandes Personagens da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 404

¹⁰¹ Sergius Gonzaga, “As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura”, In Décio Freitas (Org.), *RS: Cultura e Ideologia*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980, p. 118

¹⁰² Jorge Salis Goulart, *A Formação do Rio Grande do Sul*, 3ª edição, Caxias do Sul, Martins Livreiro Editor, UCS-EST, 1978, p. 76

¹⁰³ Batalhas travadas na zona da vila de Viamão, então chamada de Setembrina, pelos farrapos.

¹⁰⁴ Eduardo Bueno, *Brasil - uma história: a incrível saga de um país*, São Paulo, Edição de Ática, 2003, p. 190

lutas constantes. Este momento de acalmia incrementou a agricultura, a pecuária e a proveitosa indústria do charque.

Bento era o décimo filho de uma família proeminente da zona: Joaquim Gonçalves da Silva, alferes, era de origem portuguesa e a sua mãe, Dona Perpétua Meireles, nascida na colónia. Joaquim Gonçalves possuía fazendas de criação junto à Lagoa dos Patos, nos campos de Camaquã.¹⁰⁵ Bento mantinha uma relação próxima e íntima com o seu pai que lhe serviu de conselheiro constante tanto em termos militares como políticos, uma vez que foi vereador da Câmara de Porto Alegre e tesoureiro da Delegacia Fiscal. Joaquim Gonçalves lutou na Guerra de 1763-1776, tendo atingido o posto de capitão de Ordenanças, promoveu a conquista do território entre os rios Jacuí e Camaquã. Como comandante da milícia era a segunda autoridade militar no Rio Grande do Sul.¹⁰⁶

Contudo, Bento passou a sua infância na fazenda do avô materno, na Estância da Piedade, em Triunfo (localidade fundada por seus avós maternos). Bento era neto do paulista Antônio Costa Barbosa e bisneto de Jerônimo de Ornelas,¹⁰⁷ patriarca de Porto Alegre, e de Lucrecia Leme Barbosa, que ainda tinha laços de parentesco com o bandeirante Fernão Dias Pais Leme. Cresce em contacto com os homens da terra e aprende com desenvoltura as lides campeiras. É com facilidade que o jovem aprende a ler e a escrever, demonstrando pertinaz inteligência.¹⁰⁸

O jovem Bento passou muito tempo da sua infância e adolescência no galpão, ouvindo as histórias dos velhos gaúchos.

o legítimo templo da democracia crioula, onde o patrão tem de descer do pedestal de varão ilustre e trabalhar e a lutar e a viver e a conviver e a competir no serviço e na decisão com o seu mais humilde peão.¹⁰⁹

Bento Gonçalves da Silva é apresentado como um homem culto e inteligente, contudo, Bento nunca saiu do Rio Grande do Sul para estudar e as fontes existentes revelam grandes lacunas ao nível da qualidade de ensino no sul brasileiro. O jornal *O Povo*, edição de 3 de Outubro de 1838, refere que “enquanto suportávamos o execrável jugo lusitano sempre se trabalhou por conservar-nos em uma completa cegueira e

¹⁰⁵ Sesmarias do Cristal, do Cordeiro, do Duro, do Santo Antônio do Paraíso e das Sobras.

¹⁰⁶ Moacyr Flores, *Revolução Farrroupilha*, Porto Alegre, Martins Livreiro-Editor, 1984, p. 29

¹⁰⁷ O seu bisavô era originário da Ilha da Madeira e descendia de fidalgos. Bento manteve uma relação próxima com o seu bisavô uma vez que ele residia em Triunfo desde 1762.

¹⁰⁸ Víctor Civita (Editor), *Grandes Personalidades da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 398

¹⁰⁹ Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, *Formação do Gaúcho*, Diário da Manhã, Passo Fundo, 1982, p. 47

embrutecimento. Depois que passamos para o do Brasil o nosso estado a tal respeito ficou quase estacionário, apenas tínhamos em toda a nossa pátria (Rio Grande do Sul), para ilustração de sua mocidade, duas aulas públicas ou particulares, onde mal se aprendia gramática e a língua latina, uma outra de filosofia racional onde se ensinava a traduzir genuense (filósofo Antonio Genovese), tal tem sido o derramamento das luzes que o paternal Governo Brasileiro espargiu em todo o Rio Grande até a época em lançamos para longe de nós suas férreas cadeias.”¹¹⁰

Em 1821, o Governador da Capitania de São Pedro dirigia ao Ministro do Império Português um fervoroso apelo para que se intensificasse a instrução secundária no Rio Grande do Sul, onde não se encontrara um *homem de letras* à altura de representá-lo, como deputado às Câmaras do Reino.¹¹¹

Ainda em 1820 não havia por toda a extensão do território da província uma só escola de primeiras letras custeada pelo Estado. Apenas em Porto Alegre tinha sido fundada uma aula de latim. [...] Só o pendor natural dos habitantes, que ainda hoje se nota, para a instrução explica o facto de haver nesse mísero tempo muitos homens soffrivelmente instruídos. Os que assim se ilustravam, á própria custa, com sacrificios enormes, não poderiam deixar de ser inimigos naturaes da governança madrastra que tanto tirava da província, sem nada lhe dar em troca.¹¹²

Durante o decénio farroupilha, a república Rio-Grandense implementou uma rede de escolas e divulgou a importância da leitura. No entanto, a educação do Rio Grande era essencialmente a das armas:

A Província era um quartel. E à voz da imprensa ou à mensagem do livro em outras latitudes da América, o Rio Grande respondia com o vibrar dos seus clarins, nas fortalezas, e o rufar dos seus tambores nos desfiles marciais.¹¹³

Apesar do incentivo paterno para seguir o sacerdócio,¹¹⁴ como havia feito o irmão Roberto, Bento prefere a vida do campo e o contacto com a terra e o gado. A sua

¹¹⁰ Francisco Riopardense de Macedo, *Lições da Revolução Farroupilha*, Porto Alegre: Assembléia Legislativa do RS, 1995, p. 34

¹¹¹ Manoelito de Ornellas, “Uma Viagem pela Literatura do Rio Grande do Sul” In António Ferro, António Vieira de Melo (Dir.), *Atlântico: Revista Luso-Brasileira*, Nova Série, nº4, Lisboa, Edição do S.N.I. e da A.N., p. 82

¹¹² Assis Brasil, *A Guerra dos Farrapos*, Rio de Janeiro, Adersen-Editores, p. 61 e 62

¹¹³ Manoelito de Ornellas, “Uma Viagem pela Literatura do Rio Grande do Sul” In António Ferro, António Vieira de Melo (Dir.), *Atlântico: Revista Luso-Brasileira*, Nova Série, nº4, Lisboa, Edição do S.N.I. e da A.N., p. 82

¹¹⁴ A vida eclesiástica era encarada como uma boa carreira, representava uma oportunidade para prosseguir os estudos e permitia conjugar o sacerdócio com outras actividades económicas. In Maria Beatriz Nizza da Silva, *Vida Privada e Quotidiano no Brasil na época de D. Maria e D. João VI*, 2ª edição, Lisboa, Referência/Editorial Estampa, 1993

predilecção pelos livros de História, temática que o vai acompanhar ao longo da sua vida adulta, permite ver nos pampas o cenário dos combates míticos dos grandes generais romanos e gregos. Durante os anos da Revolução, ficou célebre o facto de o militar apenas se alimentar de *churrasco e água pura*, frugalidade espartana tão ao jeito dos seus “heróis”. O próprio filho, Joaquim Gonçalves da Silva vai, décadas mais tarde, confirmar a predilecção do pai pela História Antiga, em especial a descrição de batalhas e movimentações estratégicas, como é possível depreender da colecção de Alfredo Varela¹¹⁵ no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.¹¹⁶ O entusiasmo de Bento pela História Militar Romana e pela Revolução Francesa vai ser testemunhado pelos seus companheiros de luta, Bento Gonçalves recorria aos conhecimentos daí retirados para aplicar na sua carreira militar. Tal conhecimento e dedicação compensou o facto de não ter integrado a Academia Real Militar de Largo de São Francisco, no Rio de Janeiro.

Bento Gonçalves da Silva completou 47 anos. Suíças amplas, rosto sempre bem barbeado, cabelos castanhos e crespos cada vez mais grisalhos, o coronel, de estatura mediana, mantinha-se esbelto e atlético. Simpático, elegante, tinha sorriso fácil e modos gentis. Mas, quando ficava furioso, enfrentava qualquer inimigo ou situação. [...] ... Bento não fez curso superior. Não era um intelectual, se alfabetizou e foi se formar na escola da vida. Apesar disso, tinha uma redação fluente, com boas metáforas e frases bem feitas. O pai sonhava ver o filho padre. Sem a mínima vocação religiosa, Bento queria andar armado e cavalgar atrás de gado.¹¹⁷

Começa por trabalhar na fazenda do irmão mais velho, João Batista Gonçalves da Silva, que lhe identifica desde cedo a dedicação e a responsabilidade. Sendo-lhe reconhecidas qualidades precoces de forte carácter e de seriedade.¹¹⁸

Com dezoito anos, em 1806, vence o seu primeiro duelo de que há registo, o seu adversário era um rufião local.

Bento Gonçalves da Silva pertencia a um grupo restrito de fazendeiros, homens poderosos que, à semelhança de senhores feudais, controlavam as suas propriedades a ferro e fogo. Donos de grandes propriedades, nem sempre adquiridas de forma transparente, estes ricos fazendeiros, conhecidos como caudilhos, possuíam um número elevado de escravos e eram detentores de exércitos privados que concretizavam as vontades dos seus senhores. No início do séc. XIX, Auguste de Saint-Hilaire, na sua

¹¹⁵ Nome dado ao conjunto de registos e de documentos recolhidos pelo historiador.

¹¹⁶ Moacyr Flores, *Modelo Político dos Farrapos*, 4ª edição, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996, p. 35

¹¹⁷ Carlos Urbim, *Os Farrapos*, Porto Alegre, Zero Hora Editora Jornalística S.A., 2003, p. 58

¹¹⁸ Victor Civita (Editor), *Grandes Personalidades da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 398

obra *Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820.1821*, descreveu o processo de distribuição de terras do sul brasileiro:

Todas essas terras foram compradas, porém, a preços baixos e, a acreditar-se na voz do povo, foi o medo que por mais de uma vez obrigou os proprietários a vendê-las. Admitindo-se mesmo nunca tenha sido empregada a coacção, é preciso reconhecer-se ser escandaloso um comandante da província tornar-se, durante o seu governo, possuidor de tamanha extensão de terrenos, enquanto deixava seus administrados em completo abandono.¹¹⁹

Para obter o respeito de que Bento, obviamente, gozava era preciso mais do que dinheiro, poder ou estatuto. Era fundamental ser dotado de carisma e dos atributos que formam os líderes, que os erguem para além da banalidade.

Quem não tivesse o posto de mando, a vocação caudilhesca, jamais afeiçoaria aquele feudo rural a seu modo. Os peões em baixo; o capataz no meio, o estancieiro, no vértice da pirâmide. Hierarquia perfeita, voluntariamente consentida pelo grupo. No calor da ação (por exemplo: na tropeada, na marcação, na doma, como um entrevero de arma branca, numa carga de cavalaria), os laços de subordinação importavam menos que a eficiência do grupo como um todo homogêneo.¹²⁰

O carácter de Bento Gonçalves pode ser encontrado nas suas missivas, tanto pessoais como políticas. Jorge Salis Goulart, acedendo a várias das cartas do General farrapo, não se inibe de as editar de modo a demonstrar os valores familiares de que este é dotado.

E eu, cheio de gosto, supplico a meu Pay me lance sua Bensão, pois sou seu filho obediente.¹²¹

Eu estou me aprontando para ir tomar a sua Bensão que só me tem impedido o transtorno do meu negócio e não isquisimento pois não me esqueserei de hum Pay que me deu o ser de homem.¹²²

A relação de Bento com o pai era usual entre os estancieiros. Quem não possuía território ou mester via-se obrigado a buscar trabalho onde este existisse, por sua vez, os estancieiros, ainda mais os ricos e com territórios abundantes, mantinham os filhos próximos. Era usual em famílias numerosas, e a de Bento era-o, que alguns filhos enveredassem pelo sacerdócio, pela vida militar ou pela agricultura e pecuária. Apesar

¹¹⁹ Maria Beatriz Nizza da Silva (Coord.), *Nova História da Expansão Portuguesa: O Império Luso-Brasileiro, 1750-1822*, volume VIII, Lisboa, Editorial Estampa, 1986, p. 69

¹²⁰ Guilhermino César, *O Conde de Piratini e a Estância da Música, A administração de um latifundiário rio-grandense em 1832*, Porto Alegre, EST-IEL, Caxias do Sul, UCS, 1978, p. 17

¹²¹ Jorge Salis Goulart, *A Formação do Rio Grande do Sul*, 3ª edição, Caxias do Sul, Martins Livreiro Editor, Caxias, UCS-EST, 1978, p. 31

¹²² *Ibid.*, p. 31

disso, enquanto jovens, os filhos ficavam perto dos progenitores e recebiam terras para trabalhar. Os pais dirigiam-nos nos negócios orientando-os e aconselhando-os.

Em 1806, no mesmo ano em que vence o seu primeiro duelo reconhecido, Bento encontrava-se a trabalhar numa propriedade da família e, ainda que desenvolto e corajoso, não deixa de prestar contas ao seu progenitor manifestando-lhe a sua devoção e sendo-lhe submisso.

O portador desta [refere-se à missiva] he Francisco Correia, o qual me pediu o dinheiro do tempo que tem trabalhado este anno aqui nesta fazenda e como eu não o tenho o envio para Vmcê. Ihe dar o dito dinheiro, que são 14\$980. Vmcê. não se desquide de mandar roupas para os negros, pois estão muito nuns, tanto fas pequenos como grandes.

Estão de forma que têm xegado a ficarem duros de frio pelo campo, coisa que nunca succede. Se Vmcê. puder mandar pelo portador huma camisa e ceroula para mim não cera máo, pois já tenho bem falta delas.¹²³

Com a rebelião instalada nas Províncias do Rio da Prata, o General Francisco Xavier de Elío, Governador de Montevideú, pede auxílio à Corte do Rio de Janeiro. D. João VI ordena a colaboração do exército brasileiro.

Em consequência, em 1811, Bento participou, como oficial de inferiores, na sua primeira missão militar na primeira campanha do Uruguai, comandado por Dom Diogo de Sousa, capitão-general do Rio Grande. Acompanhou D. Diogo, quando este fundou Bagé.

Inesperadamente, a situação inverteu-se, não só a ajuda do exército brasileiro foi recusada por Xavier de Elío, como o próprio Rio Grande se tornou num alvo para o imponente líder oriental, José Gervásio de Artigas, que declarou guerra a Montevideú, à Argentina e ao Rei de Portugal.¹²⁴ O exército imperial foi mobilizado para a fronteira do Rio Grande do Sul para assegurar a protecção da fronteira. A coluna em que Bento estava integrado ficou sedeadada em Jaguarão. Bento Gonçalves da Silva acabou por se estabelecer no outro lado da fronteira em Cêro Largo (actual Melo), onde, por ordens de D. Diogo, desempenhou as funções de Alcaide. A bonança temporária conduziu o jovem rio-grandense de novo para as actividades pastoris não tardando a prosperar.

¹²³ Jorge Salis Goulart, *A Formação do Rio Grande do Sul*, 3ª edição, Caxias do Sul, Martins Livreiro Editor, Caxias, UCS-EST, 1978, p. 31

¹²⁴ Victor Civita (Editor), *Grandes Personalidades da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 401

O espírito bélico dos homens do Sul era acentuado pelas constantes intervenções no Prata. Estão documentados os motivos que tornavam aquela zona da América uma das mais conflituosas e determinantes.

A importância da Banda Oriental cresceu nos séculos dezasseis e dezassete, à medida que carregamentos de prata começaram a ser enviados das minas do Alto Peru (Bolívia), pelo Rio da Prata, até ao Atlântico. Para os espanhóis, era uma zona tampão, que protegia as suas lucrativas actividades portuárias em Buenos Aires. Os portugueses alegavam que o Rio da Prata constituía uma fronteira natural – um inequívoco ponto final para as pastagens brasileiras do Sul – mas era a importância do acesso que as margens do Norte do Rio da Prata davam ao florescente contrabando nos mercados da América Espanhola que estava sempre presente.¹²⁵

Aos vinte e quatro anos de idade, Bento já gozava de alguma autonomia económica, como é possível constatar em carta datada de 1812 e dirigida a seu pai Joaquim Gonçalves da Silva:

Eu vim a esta villa empregar mil e tantos pesos fortes que adquiri por meo negocio e vou daqui para Cerro Largo, onde está D. Felipe e por todo o mez de 8bro pertendo meter 3000 rezes de criar que tenho a ganhar nellas 1 conto e tanto e já tenho comprado e pago o dito gado.¹²⁶

Terminada a luta armada, Bento permanece em Cêrro Largo como comerciante, foi aí que conheceu e desposou a uruguaia Caetana Garcia em 1814, Caetana era filha do espanhol Narciso Garcia, um dos maiores contrabandistas de gado da fronteira.¹²⁷ Desenvolveu no Uruguai um vasto círculo de amizades e estabeleceu a sua estância de criação de gado em Las Canas, junto ao rio Jaguarão, nas proximidades da fronteira do Rio Grande.

Apesar de então ainda ter alguma dependência financeira de seu pai, podemos encontrar nos registos da época que em 1816 Bento já desfrutava de uma quantidade razoável de posses:

encontramo-lo com um negócio de fazendas e bebidas e uma estância que comprou por 30000 cruzados dos quais deu 12000 a vista, tendo a mesma 15000 reses, cavalos, carretas e dois escravos.¹²⁸

¹²⁵ Patrick Wilcken, *Império à deriva: a corte portuguesa no Rio de Janeiro 1808-1821*, Porto, Civilização Editora, 2008, p. 129

¹²⁶ Jorge Salis Goulart, *A Formação do Rio Grande do Sul*, 3ª edição, Caxias do Sul, Caxias, Martins Livreiro Editor, UCS-EST, 1978, p. 31 e 32

¹²⁷ Moacyr Flores, *Revolução Farroupilha*, Porto Alegre, Martins Livreiro-Editor, 1984, p. 29

¹²⁸ Jorge Salis Goulart, *A Formação do Rio Grande do Sul*, 3ª edição, Caxias do Sul, Martins Livreiro Editor, UCS-EST, 1978, p. 32

As convulsões no Prata levaram à actuação de Bento como agente de informações no território uruguaio, a sua informação acerca das movimentações de Artigas provou-se fidedigna. Para colher as informações e para as passar aos seus colaboradores vários foram os riscos que correu, tanto para o seu património como para a sua vida. Artigas decretou medidas que prejudicaram a integridade económica dos Sul-Rio-Grandenses ao proibir a passagem de produtos (gado, couro e sebo) para o Brasil, onde Bento mantinha regulares transacções.

A prosperidade de Bento foi igualmente ameaçada pelo embravecer do conflito. Temendo vir a ser mais prejudicado, aliou-se a Albano de Oliveira Bueno, seu compadre e amigo.¹²⁹ Bento conspirou para que, em caso de invasão por parte das tropas brasileiras, a guarnição de Cêrro Largo fosse desarmada e um pequeno exército de 60 homens e 600 cavalos fosse colocado à disposição das tropas invasoras. Os 60 homens eram fugidos à justiça brasileira pelo que, como condição para a sua intervenção, exigiam o perdão e a amnistia. Esta atitude deixa antever, desde logo, a capacidade estratega e política de Bento. Apesar de a estratégia de Bento ter sido ponderada e aceite, não se chegou a concretizar, uma vez que Cêrro Largo foi invadido e saqueado por apoiantes de Artigas, tendo as vendas¹³⁰ sido incendiadas.

Forçado a sair de Cêrro Largo, seguiu para Serrito do Jaguarão onde assumiu o comando de uma guerrilha.

Em 1816, D. João VI enviou a Montevideú poderoso exército como resposta a uma alegada incursão dos homens de Artigas no território Sul-Rio-Grandense. O exército, onde Bento surge como capitão de guerrilhas, é comandado pelo General Lécor. Bento destaca-se pela reputação de ser ágil e corajoso, não se intimidando de investir contra os inimigos. Em Fevereiro de 1817 dizimou os adversários que saqueavam Herval. Em Abril do mesmo ano, recrutou guerrilheiros em Encruzilhada, Canguçu, Piratini, Pinheiro Machado, Herval e Jaguarão tendo formado uma linha de defesa móvel da fronteira, oficializada através do Marquês de Alegrete e recebendo o título de Comandante da Partida Volante da Fronteira de Jaguarão. O novo cargo dava-lhe o direito de invadir o território uruguaio e de executar as actividades hostis que aí

¹²⁹ Albano de Oliveira Bueno, aquando da Revolução Farroupilha aliou-se ao Império, no entanto, a admiração e amizade que mantinha com Bento era mútua: Albano Bueno mandou forjar um conjunto de espadas que adquiriu para os seus homens, conhecidas por *albanesas*; foi com uma *albanesa* que Bento feriu de morte Onofre Pires.

¹³⁰ Nome dado a um pequeno estabelecimento comercial onde se compram e se vendem os produtos da terra, ferragens, tecidos, bebidas e outros produtos.

visse necessárias. Bento cumpriu com as suas obrigações, apesar de nunca ter integrado a Academia Militar, não lhe foram necessários outros dotes do que os que adquiriu nas coxilhas para dominar e derrotar os seus adversários.

Bento Gonçalves da Silva fez carreira no exército, como aliás era usual em território brasileiro. Henry Coster, no seu livro *Viagens ao Norte*¹³¹ *do Brasil*, apresentou o carácter obrigatoriamente bélico da colónia brasileira:

O conjunto da administração no Brasil é militar. Todos os homens, entre a idade de sessenta e dezasseis anos, devem ser arrolados entre os soldados de Linha, na milícia ou pertencer às Ordenanças.¹³²

O valor e o carisma militar de Bento viram na Campanha do Uruguai o cenário propício para se manifestarem. Os seus dotes de liderança ficaram evidentes. Como Capitão, em 1818, derrotou o caudilho Morera, em Currale. Em Maio do ano seguinte derrotou e aprisionou um dos mais influentes associados de Artigas, o Coronel Fernando Otorquez. Apenas passados alguns dias, dominou López Chico, um destacado militar. Em Olmiar, decorria o ano de 1820, derrotou o Coronel Aguillar, homem de confiança de Artigas. Em 1820, o Uruguai é incorporado ao Brasil como Província Cisplatina. Tal como grande parte dos protagonistas da Revolução Farroupilha, Bento desempenhou um papel de destaque durante a Guerra Cisplatina. Em 1824, ascende à patente de tenente-coronel e assume o comando de 39º Regimento de Milícias, regimento organizado pelo próprio e anteriormente conhecido como Partida Volante da Fronteira de Jaguarão tendo tido um papel fundamental na batalha de Sarandi.¹³³ O seu

¹³¹ Apesar do testemunho se referir ao norte do Brasil, é possível constatar o cariz bélico do território.

¹³² Maria Beatriz Nizza da Silva (Coord.), *Nova História da Expansão Portuguesa: O Império Luso-Brasileiro, 1750-1822*, volume VIII, Editorial Estampa, 1986, p. 323

¹³³ Juan Lavalleja reuniu 1.800 combatentes em Santa Lúcia Chica, Uruguai. O governador e comandante Magessi resolveu batê-lo, enviando as cavalaria de Bento Manuel Ribeiro e Bento Gonçalves da Silva, num total de 1.500 homens. Avisado por Manuel Oribe, Juan Lavalleja retirou sua tropa para a Horqueta do Sarandi, dispôs numa coxilha as tropas de Manuel Oribe e de Frutuoso Rivera, totalizando 2.400 combatentes. O exército brasileiro avançou de Montevideu e no amanhecer de 12.12.1825 estava em frente da coxilha de Sarandi. Os ten.-cel Bento Gonçalves e Bonifácio Isás Calderón sugeriram a retirada, diante de inimigo tão numeroso. Bento Manuel resolveu atacar. As hostes de Lavalleja estavam em linha, o flanco esquerdo sob as ordens de Rivera, o centro com o cel. Pablo Zufriategui, a direita com o gen. Oribe e a reserva com o cel. Leonaldo Oliveira. Um canhão calibre 4, dos uruguaios, começou a disparar. Os brasileiros responderam com uma descarga de fuzis. Bento Manuel ordenou a carga de cavalaria. Lavalleja ordenou que os uruguaios atacassem de espada em punho. Envolvidos, os brasileiros cederam terreno e fugiram, menos o maj. Joaquim Antônio de Alencastre que reuniu 400 homens lutando ainda por três horas até que, completamente cercado, entregou-se com garantia de vida a seus soldados. Bento Manuel e Bento Gonçalves, montando excelentes cavalos, alcançaram o rio Gi, cruzando-o numa balsa. Pouco depois chegaram os ten.-cel. Felipe Neri, Bonifácio Calderón e outros oficiais e praças, num total de 580 homens. Bento Manuel foi para a capela de N. Sra. do Livramento e Bento Gonçalves para Cerrito, Jaguarão. Nesse vexatório combate, os brasileiros tiveram 200 mortos. Os uruguaios tiveram 134

desempenho contra Artigas valeu-lhe a medalha da Campanha 1816-1821 e as condecorações das ordens de Cristo e da Rosa. Os seus superiores não deixam de registar o seu valor e prestação durante os conflitos no Prata, conforme compilou o Tenente-Coronel Oscar Wiedersphan ao biografar o líder farrapo: Nas palavras do Marquês de Souza, Comandante da Fronteira do Rio Grande era “muito desembaraçado e prestimoso para o serviço desta campanha em que é sumamente prático”; é “Subordinado ativíssimo e valoroso”, para o Ajudante-de-Ordens do Marquês de Alegrete; e o Conde de Figueira terá afirmado que “prestou relevantes serviços. É valente”.¹³⁴

Para Arthur Ferreira Filho, estudioso da História Militar do Rio Grande do Sul, “Bento Gonçalves da Silva foi o maior rio-grandense do período, herói autêntico, figura de romance e a encarnação das melhores virtudes de nossa raça. Personagem sem contrastes, brilhou como sol entre as luminárias de uma época em que o Rio Grande se notabilizou pela superioridade moral de seus filhos.”

Opinião semelhante tem o Tenente Manoel da Silva Caldeira,¹³⁵ interveniente da Revolução Farroupilha que legou cuidadosos testemunhos¹³⁶ que nos permitem compreender melhor os intervenientes do decénio farroupilha. Quando compara Bento Gonçalves e Neto não se acanha de afirmar que o primeiro é um militar mais completo, dominando as três armas com habilidade; por sua vez, Neto apenas é exímio no emprego da Cavalaria. Caldeira acrescenta:

Foi o primeiro general da república, tanto pela tática militar, como pelo prestígio na Província do Rio Grande. Era um cidadão muito atencioso, prudente e valente como os mais valentes dos generais do Exército.

Era de boa estatura e bem feito de corpo. Tinha a cabeça pequena e redonda. Era a primeira espada da província e tinha conhecimentos da História Romana.¹³⁷

baixas entre mortos e feridos. In Moacyr Flores, *Dicionário de história do Brasil*, Porto Alegre, Edição de EDIPUCRS, 2001, p. 559

¹³⁴ Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de História e Tradições do RGS no endereço electrónico: www.militar.com.br

¹³⁵ Participante dos dez anos da Revolução assumindo as patentes de soldado à de tenente do 1º Corpo de Lanceiros da 1ª Linha do Exército da República Rio-Grandense.

¹³⁶ Quase 1900 depoimentos (1888 a 1898) que retratam detalhadamente os acontecimentos do decénio farroupilha de que foi testemunha, os depoimentos foram redigidos a pedido dos historiadores Alcides Lima, Alfredo Ferreira Rodrigues, Alfredo Varela e Piratininho de Almeida. Depoimentos compilados por Alcides Mendonça Lima e Alfredo Ferreira Rodrigues no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*.

¹³⁷ xv.primadodigraico.com.br consultado a 15 de Novembro de 2008

Bento Gonçalves era um homem prudente, não só frente ao inimigo e também no círculo de seus amigos. Em combate ele era o primeiro visado pelo inimigo. Sabia o momento de atacar e vencer, bem como o da retirada, quando julgava conveniente. Era um homem popular e apreciado. Era bem apessoado, mais alto do que baixo. Possuía ombros largos e corpo bem desembaraçado e flexível. Era bonito de rosto e simpático. Era uma das primeiras espadas do seu tempo. Desconhecia homem que lhe impusesse condições. Por tudo, o povo o seguia como se fora ele a alma dos rio-grandenses... Ele era símbolo de Liberdade, como João Antônio Silveira era o da Prudência. Era um perfeito patriota! Possuía predicados desconhecidos pelo homem normal. Não era um homem de cultura comum. Era ilustrado e dava-se muito à leitura de obras de peso.¹³⁸

Giuseppe Garibaldi também teceu fortes elogios aos revoltosos farroupilhas, militares que lhe serviram de modelo ao longo dos muitos anos de luta que manteve, quer na América quer na Europa:

Bento Gonçalves cavalheiro errante do ciclo de Carlos Magno, irmão pela alma dos Olivérios e Rolandos, vigoroso, leal, ágil como eles. Era um verdadeiro centauro, manejando um cavalo como eu nunca vi ser manejado, senão por outro gaúcho rio-grandense, o general Neto.¹³⁹

A cavalaria era, com efeito, a modalidade de predileção dos gaúchos. Bento Gonçalves viu-se forçado a pedir a cedência de escravos de modo a assegurar a existência da fundamental infantaria, como se pode constatar pela ordem do dia 5 de Julho de 1841 que se encontra no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul:

sendo certo que os continentinos, quase todos excelentes cavaleiros, repugnam por este motivo servir nesta arma, o General Presidente, em seu nome e em nome da Pátria, se dirige a todos os republicanos, convidando-os a que queiram subscrever com maior número de escravos que puderem dispensar, para sentar praça e servirem na referida arma.¹⁴⁰

Outros contemporâneos do herói farroupilha acrescentaram elementos que nos permitiram reconstruir uma imagem mais clara do homem e do militar. Francisco Sá Brito, em tempos Ministro da República Rio-Grandense, foi jurista e jornalista tendo completado a sua formação em Coimbra e em São Paulo, não podemos, portanto, negar-lhe as competências:

Devo aqui fazer justiça ao nobre caracter e suma bondade do chefe da Revolução. Se estudos regulares ornassem o seu espírito para os quais

¹³⁸ www.tribunadogreggio.com.br consultado a 15 de Novembro de 2008

¹³⁹ Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de História e Tradições do RGS no endereço electrónico: www.ahmilitar.org, consultado a 15 de Novembro de 2008

¹⁴⁰ Moacyr Flores, *Modelo Político dos Farrapos*, 4ª edição, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996, p. 147

tinha uma imensa agilidade, esta condição somada ao seu caracter enérgico tão generoso e vistas elevadas e perspicaz e, teria feito dele um homem destinado para grandes, gloriosos e proveitosos feitos.¹⁴¹

Evaristo da Veiga, no jornal *Aurora Fluminense*, afirma o brio, coragem e valor de Bento Gonçalves, elogiando as qualidades que lhe mereceram a confiança do povo Sul-Rio-Grandense; povo disposto a segui-lo para o combate ciente de que segue um líder e um companheiro de armas que os conduzirá à vitória. O facto de ser encarado como um “companheiro de armas” vai encontrar justificação na simplicidade do líder da Revolução. Não era comum Bento envergar farda de gala ou as várias medalhas e distinções que possuía, pelo contrário, o chefe farrapo usava roupa civil na maioria das vezes ou, quando necessário usar farda, optava por uma jaqueta de pano azul ou verde, conforme fosse prestar homenagem à Cavalaria ou Infantaria, respectivamente, sem recorrer a insígnias.

O Diário de Fontoura acrescenta argumentos para esta perspectiva de proximidade dos seus homens: durante marchas nocturnas e nos acampamentos, Bento Gonçalves procurava os seus subalternos para lhes dar alento, e para lhes comunicar as suas intenções e projectos.

Domingos José de Almeida, amigo e parente de Bento Gonçalves, em meados do século XIX, traçou um perfil do então recentemente falecido General. A opinião de Domingos é, em alguns aspectos, díspar das anteriormente apresentadas, é possível que a proximidade que tinha com o Presidente da República Rio-Grandense lhe permitisse aceder a algumas informações mais íntimas e menos influenciáveis por opiniões populares. Almeida apresenta Bento como um autodidacta, reforçando que, ao invés de outras fontes, o líder farroupilha não tinha tido uma instrução aprofundada:

Aprendeu apenas as primeiras letras. Sendo criado no exercício do campo, se fez insigne cavaleiro. Era de estatura ordinária e proporcionada, mas dotado de força e destro no manejo de diversas armas. Era de fisionomia regular e simpática e muito popular. Cultivou com grande assiduidade seu grande talento no estudo da História. Principalmente sobre a vida dos grandes homens, dos quais sempre trazia alguns casos em suas conversas particulares.¹⁴²

Almeida acrescenta que o coração caridoso e bondoso de Bento o impedia de ser um líder mais competente, ainda que lhe elogie o espírito forte e irredutível.

¹⁴¹ Francisco Sá Brito, *Memória da Guerra dos Farrapos*, 1875

¹⁴² www.riogrande.com.br/revista/revista.php consultado a 26 de Maio de 2009

Defendendo que Bento Gonçalves era enérgico nas suas decisões apesar de altamente influenciável pela sua compaixão e generosidade:

Que era um homem incapaz de dirigir uma revolução porque seu coração de mulher estava sempre em luta com seu espírito forte e superior a todas as vicissitudes.¹⁴³

As Milícias, onde Bento esteve integrado, não eram apenas uma força de defesa militar, agiam como um elemento fundamental de auxílio administrativo, ressaltando a posse territorial, mantendo a ordem e a lei. Os corpos milicianos eram compostos por todos os moradores de uma determinada região, independentemente da raça e da posição social,¹⁴⁴ os seus oficiais eram dotados de privilégios e de poder ocupando uma posição de destaque na sociedade. O seu desempenho na batalha de Sarandi valeu-lhe a patente de Coronel em 1825, ainda que não tenha saído vitorioso desta batalha onde combateu sob as ordens de Bento Manuel Ribeiro. Foi fundamental na protecção da junção do Exército do Sul, sob o comando de Barbacena, quando, a 5 de Fevereiro de 1827, foi responsável por uma manobra descrita como “obra prima de estratégia”¹⁴⁵ nas margens do arroio Lechiguana. Teve ainda papel activo, no comando de uma brigada, na batalha do Passo do Rosário, no comando da 2ª Brigada de Cavalaria, onde cobriu a retirada das forças luso-brasileiras.¹⁴⁶

Antes de começar a guerra Cisplatina (1825 – 1828), Bento vendeu a estância no Uruguai e mudou-se junto com a família para a Estância do Cristal, junto ao rio Camaquã.

Foi durante as Campanhas do Uruguai que Bento iniciou o convívio guerreiro com outros futuros farrapos. Foram seus companheiros de luta: David Canabarro, Onofre Pires e Bento Manuel Ribeiro.

O facto de pertencer a uma família importante poderá ter influenciado a sua subida de patente, contudo, os factos parecem apontar numa vertente diferente. Bento terá efectuado missões que justificavam a sua patente de Coronel e, posteriormente, a sua ascensão à graduação de General.

¹⁴³ www.pedagogia.com.br/users/amiapib/ consultado a 26 de Maio de 2009

¹⁴⁴ Maria Beatriz Nizza da Silva (Coord.), *Nova História da Expansão Portuguesa: O Império Luso-Brasileiro, 1750-1822*, volume VIII, Editorial Estampa, 1986, p. 325

¹⁴⁵ Coronel Cláudio Moreira Bento

¹⁴⁶ Victor Civita (Editor), *Grandes Personagens da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 401

Segundo Pedro Veríssimo da Fonseca,¹⁴⁷ qualquer patente militar acarretava direitos e isenções de impostos. Muitas patentes eram atribuídas a quem possuía riquezas, apesar de não ter havido prestação de serviço militar. O gaúcho humilde, combatente em todas as batalhas, não recebia reconhecimento ou honrarias, no entanto, muitas altas patentes receberam honras que não mereciam.

Tal não parece ter sido o caso de Bento Gonçalves da Silva, que, para além da posição de destaque, não fugiu da ribalta, retirando-se apenas (demonstrando a sua humildade), quando na valorização da sua ideologia ou no interesse do Rio Grande do Sul.¹⁴⁸

A Província Cisplatina foi uma realidade breve: em 1825, trinta e três uruguaios, comandados por Juan Antonio Lavalleja, entram na Província dando início a um processo de independência que se conclui em 1828.

As cartas são uma fonte fundamental para conhecer a intimidade dos protagonistas. Através da correspondência, evidencia-se a relação de Bento Gonçalves com o pai, permitindo, não só conhecer sentimentos, ideologias e preocupações, como aceder a estratégias de guerra: localização geográfica (no campo de batalha ou na estância) em intervalos temporais precisos.¹⁴⁹

O pai de Bento Gonçalves, Joaquim Gonçalves da Silva, escrevia frequentemente aos seus filhos, dando informações. Prova disto é a missiva destinada a João Batista Gonçalves da Silva, o seu filho primogénito, dando conta da situação do irmão mais novo que, mesmo na linha de frente do combate aos platinos, goza de boa saúde.

Serve esta de participar que já estou descansado dos cuidados que eu tinha do grande perigo em que eu contemplava o teu irmão Bento [...] pois currião aqui mas noticias dadas no Rio Grande para Francisco de Paula que os castilhanos o tinham matado este o motivo do meo cuidado.¹⁵⁰

Não há, portanto, dúvidas de que Bento era originário de uma família coesa e cúmplice, cujos membros se preocupavam com a estabilidade e segurança dos seus integrantes.

¹⁴⁷ Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, *Formação do Gaúcho*, Passo Fundo, Diário da Manhã, 1982

¹⁴⁸ Exemplo disso é o seu afastamento aquando do Tratado de Poncho Verde onde a sua presença implicava uma maior morosidade do processo de paz.

¹⁴⁹ Jorge Salis Goulart, *A Formação do Rio Grande do Sul*, 3ª edição, Caxias do Sul, Martins Livreiro Editor, UCS-EST, 1978, p. 55

¹⁵⁰ *Ibid.*, p. 32

Joaquim Gonçalves da Silva, pai de Bento Gonçalves da Silva, era chefe de uma das mais proeminentes famílias gaúchas, para além de distinto pai de família, exerceu ilustremente cargos públicos, tendo desempenhado, gratuitamente, o cargo de tesoureiro geral e deputado da junta da real fazenda da capitania de S. Pedro durante três anos, posteriormente, foi nomeado vereador da Câmara de Porto Alegre.

Por ordem da camara desta capital participo a Vmcê. que S.A.R., o príncipe regente nosso senhor por sua carta régia em datta de 14 de Mayo do corrente anno foi servido nomiallo no onrozo cargo de vereador da mesma camara para servir no corrente anno, do que se acordem no mesmo dar posse aos mais senhores seus parceiros e na mesma no dia 24 do corrente, etc.¹⁵¹

Como se sabe, os chefes revolucionários distribuíram cargos administrativos e institucionais por familiares e amigos. O caudilhismo, à semelhança do feudalismo, é constituído por um poder descentralizado da Corte. Cada estância funciona como um feudo, o caudilho é o dono das terras onde os seus subalternos trabalham sob a sua liderança e sob a sua protecção. Em caso de guerra, os trabalhadores rurais transformam-se em exércitos de pequenas dimensões. Durante a Revolução Farroupilha e, posteriormente, durante a República Rio-Grandense, esse domínio é exercido por Bento Gonçalves. Vários são os seus aliados políticos e militares que apresentam laços de parentesco ou proximidade: os seus filhos varões mais velhos serviram como militares na Revolução; os seus cunhados, Domingos José da Porciúncula e Antônio Manoel Centeno, tiveram papel de destaque durante o decénio farrapo; destino semelhante tiveram os primos Antônio Gonçalves Meireles, Evaristo Gonçalves Meireles, João Batista Meireles, José de Araújo Ribeiro, José Félix Vieira, Manoel Gonçalves Meireles, Onofre Pires da Silveira Canto; os sobrinhos Antônio Francisco dos Santos Abreu, Inácio José de Oliveira Guimarães, José Narciso Antunes da Porciúncula e Júlio César Centeno; os compadres do General são, do mesmo modo, fulcrais para o desenrolar dos acontecimentos, como podemos constatar com Domingos José de Almeida, Jerónimo Teixeira de Almeida e Juan Lavalleja; Bento contava com parentes em locais de destaque como é o caso de Jerónimo Gomes Jardim, José Gomes de Vasconcelos Jardim e Manoel Antunes da Porciúncula.¹⁵²

¹⁵¹ Jorge Salis Goulart, *A Formação do Rio Grande do Sul*, 3ª edição, Caxias do Sul, Martins Livreiro Editor, UCS-EST, 1978, p. 32

¹⁵² Moacyr Flores, *República Rio-Grandense: Realidade e Utopia*, Porto Alegre, Edição de EDIPUCRS, 2002, p. 101

Estes laços familiares vêm reforçar a carga fratricida da Revolução Farroupilha. Apesar da maioria dos familiares de Bento se ter aliado aos farrapos, alguns mantêm-se fiéis ao Império, contrariando a posição do Presidente farroupilha. Nesse caso está primo José de Araújo Ribeiro,¹⁵³ que era Presidente da Província em nome da Regência à revelia do primo.

Anos antes, quando Bento sugeriu Antônio Braga¹⁵⁴ para a presidência da Província, indicou um conjunto de afiliados, parentes e amigos para ocupar cargos públicos e relevantes. O novo Presidente recusou algumas dessas indicações. A discórdia entre os dois homens agudizou-se, por motivo de atitudes de Bento Gonçalves. De facto, quando, após a tomada de posse, Braga, pelo casamento, retirou-se para a cidade de Rio Grande, aí permanecendo, a chefia da Capital foi entregue a Bento Gonçalves. Como chefe, o Presidente agiu conforme seus princípios, isto é, despediu funcionários e integrou homens de sua confiança nos diversos cargos, rejeitando solicitações que não eram de seu interesse. Assim, o juiz Pedro Chaves, irmão do Presidente Braga, foi contrariado nas suas reivindicações, por exemplo, no preenchimento de dois cargos para correligionários, um sendo para Chefe de Polícia. Esse ambicionado cargo, já destinara Bento ao primo Domingos José da Porciúncula. Dá-se a ruptura entre Braga e Bento. Essa ruptura incendeia paixões que eclodem, mais tarde, na Revolução Farroupilha.¹⁵⁵

Bento era oficial na Guarda Nacional,¹⁵⁶ porém, as suas atitudes na fronteira já há muito que levantavam suspeitas.¹⁵⁷ Como podemos constatar numa carta datada de 30 de Março de 1833, actualmente no Arquivo Nacional, do anterior Presidente da Província, Manuel Antônio Galvão,¹⁵⁸ a Barreto Pinto, Comandante das Armas,:

¹⁵³ Nomeado Presidente da província do Rio Grande do Sul no início da Revolução Farroupilha. A sua posse foi negada pela Assembléia Legislativa, controlada pelos revolucionários, o que agravou o rumo do conflito.

¹⁵⁴ Presidente da Província do Rio Grande do Sul de e de Maio de 1834 a 21 de Setembro de 1835.

¹⁵⁵ Moacyr Flores, *Revolução Farroupilha*, Porto Alegre, Martins Livreiro-Editor, 1984, p. 19 a 30

¹⁵⁶ Em 1831 os antigos milicianos foram transformados em guardas-nacionais, cidadãos armados, selecionados e inscritos nas câmaras municipais, onde elegiam os oficiais. Formavam um grupo fechado de militares, chamados para o policiamento, manutenção da ordem e para coadjuvar os soldados de primeira linha. Os soldados da Guarda Nacional eram escolhidos entre os caixeiros, agregados e filhos de proprietários. Todos pertenciam à mesma vizinhança, portanto, estavam dentro de um quadro de valores sociais semelhantes. Já o soldado de linha era recrutado em outra província, arrancado de sua família, servia por vários anos, sofria castigos físicos e se desapertava de alguma maneira pela falta de soldo. A maioria dos combatentes republicanos pertenciam à Guarda Nacional, conheciam-se mutuamente e lutavam em seu território municipal sob forma de guerrilha. In FLORES, Moacyr, *República Rio-Grandense: Realidade e Utopia*, Porto Alegre, Edição de EDIPUCRS, 2002 (p. 93)

¹⁵⁷ Os laços familiares e de amizade que o ligavam ao Uruguai levantavam suspeitas nos seus opositores.

¹⁵⁸ Presidente da Província do Rio Grande do Sul por duas vezes, de 11 de Julho de 1831 a 24 de Outubro de 1833 e de 11 de Dezembro de 1846 a 2 de Março de 1848.

nem a lei lhe dá faculdade para dispor das Guardas Nacionais, nem tão pouco para indicar a força armada para que ponto deve marchar [...] pode V. Excia. fazer sentir ao Coronel Bento Gonçalves que sempre hei de desaprovar qualquer movimento que comprometa a Província e o Império, e que não menos zeloso que ele, pela segurança de uma e dignidade do outro, ainda não demiti de mim a faculdade de regular a marcha da Província, principalmente no que tem relação com os Estados vizinhos.¹⁵⁹

Na base destas suspeitas poderão estar os acontecimentos de 29 de Setembro de 1832, data em que o movimento desencadeado três anos depois pode ter sido iniciado:

Bento Gonçalves era, por muitos títulos, senão amigo de Lavalleja, pelo menos estreitamente seu afeiçoado [...]. De facto, na tarde de dia 29 de Setembro de 1832, Lavalleja, seguido do seu pequeno exercito, e perseguido de perto pelas forças de Rivera, transpôz o Jaguarão, e, ao pisar em terra brasileira, encontrou Bento Gonçalves, que o desarmou e conduziu á sua casa, mais como amigo do que como prisioneiro.

Com Lavalleja vinha um famoso personagem, que na preparação dos subsequentes sucessos teve uma das partes mais interessantes. Era o padre José Antonio Caldas... [...]. Extremamente liberal, republicano mesmo, procurou logo relações com os seus correligionários do Rio Grande e tornou-se grande amigo de Bento Gonçalves, e, por esse motivo, também de Lavalleja. [...]. O padre Caldas e Lavalleja sustentavam a necessidade da revolução no Rio Grande; Bento Gonçalves, porém, era contra ella; mas o que é certo é que ahí ficaram talvez plantados os primeiros germes do futuro movimento.¹⁶⁰

No ano de 1834, um ano antes do início da Revolução Farroupilha, Bento é acusado de incentivar a separação do Rio Grande do Sul. O Estado sulino assistia a um violento embate entre duas facções: liberais e conservadores. A chamada “sociedade militar”, composta, na sua elite, por altas patentes do exército de origem portuguesa, defendia a restauração e o retorno de D. Pedro I. O movimento não singrou no Rio Grande do Sul¹⁶¹ e, numa tentativa de neutralizar os líderes locais, foram feitas acusações de conspiração, separatismo e de republicanismo. Bento Gonçalves era um homem extremamente popular, era considerado o líder dos liberais e a sua posição de chefe das tropas da fronteira em Jaguarão e de Comandante Superior da Guarda Nacional da Província dava-lhe um destaque temido por muitos. O Comandante das Armas, o Marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto, extremamente conservador, via em

¹⁵⁹ AAVV, *A Revolução Farroupilha: História & Interpretação*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, p.50

¹⁶⁰ [Joaquim Francisco] Assis Brasil, *A Guerra dos Farrapos*, Rio de Janeiro, Adersen-Editores, p. 97 a 100

¹⁶¹ Francisco Riopardense de Macedo, *Lições da Revolução Farroupilha*, Porto Alegre: Assembléia Legislativa do RS, 1995, p. 16

Bento um adversário a dominar, era-lhe intolerável encontrar um liberal em tal local de destaque.¹⁶² Com a supervisão do Presidente da Província, Dr. José Mariani, acusou Bento Gonçalves de conspirar com Lavalleja para a separação do Rio Grande do Sul. Forçado a defender-se na Corte do Rio de Janeiro, Bento consegue ilibar-se com fulgor conseguindo, por acréscimo, provar a impopularidade das acções dos sucessivos governos nomeados para o Rio Grande. Foi seu defensor o Major João Manuel de Lima e Silva.

Chamado ao Rio de Janeiro para justificar-se dessas acusações [...]. Em lugar de fazerem-lhe carga das acusações que tinha soffrido, cobriram-no de considerações, de honras e de favores. [...] ...além de muitas outras providencias, conseguiu do governo o compromisso de nomear para presidente do Rio Grande o bacharel em direito Antonio Rodrigues Fernandes Braga [...] foi ainda Bento Gonsalves galardoado com uma pensão pecuniaria, a titulo de serviços anteriores que prestára como militar.

Affirmam alguns contemporâneos destes factos que a idéa da revolução assentára-se definitivamente no animo de Bento Gonsalves durante a sua permanência na capital; que um plano existia ali, concebido por homens como Evaristo da Veiga, de sublevar ao mesmo tempo o paiz inteiro para estabelecer-se a federação [...]. Não existe um dado bastante robusto para descobrir-se o que há de verdade nesta tradição, a que, entretanto, não se póde inteiramente negar credito, deante dos acontecimentos que se seguiram e mesmo da maneira estranha e inesperada por que foi tratado o coronel exaltado.¹⁶³

A absolvição de Bento foi de tal modo proveitosa que é o próprio que sugere a nomeação de Antônio Rodrigues Fernandes Braga para Presidente da Província e recebe ainda a benesse de se tornar no único fornecedor de lenha do exército.¹⁶⁴

Braga foi nomeado por decreto de 14 de Fevereiro de 1834 [...] era filho da provincia e recommendado por Bento Gonçalves, o homem mais popular de toda ella; a sua a administração inaugurou-se, pois, cercada de sympathias e felizes esperanças.¹⁶⁵

No mesmo ano, a abnegação com que tinha servido o Brasil ao colocar em perigo o seu património e a sua vida em Cêrro Largo, garantiram-lhe a pensão de 1.200\$000 réis anuais atribuídos por decreto de 24 de Janeiro de 1834, pela Regência.

¹⁶² Victor Civita (Editor), *Grandes Personagens da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 402

¹⁶³ [Joaquim Francisco] Assis Brasil, *A Guerra dos Farrapos*, Rio de Janeiro, Adersen-Editores, p. 72 a 74

¹⁶⁴ Moacyr Flores, *Revolução Farroupilha*, Porto Alegre, Martins Livreiro-Editor, 1984, p. 28

¹⁶⁵ [Joaquim Francisco] Assis Brasil, *A Guerra dos Farrapos*, Rio de Janeiro, Adersen-Editores, p. 78 e 79

Apesar da absolvição, Moacyr Flores defende que Lavalleja planeava estender a insurreição do Uruguai ao Rio Grande do Sul, onde contava com o apoio dos republicanos rio-grandenses instigados por Ana Lavalleja,¹⁶⁶ pelo Padre José Antônio Caldas¹⁶⁷ e por Manuel Ruedas.¹⁶⁸ A intenção de Lavalleja era uma Federação nos territórios do Uruguai, Rio Grande do Sul, províncias de Entre Rios e Corrientes. Lavalleja consultou o amigo e compadre Bento Gonçalves da Silva. Bento procurou saber a opinião do chefe do partido Farrroupilha, Dr. Marciano Pereira Ribeiro, este declinou a proposta. Ele defendia a revolta, mas não sob o jugo castelhano.¹⁶⁹ Também o *Relatório e Sinopse dos Trabalhos da Câmara dos Senhores Deputados na sessão do ano de 1885*, que se encontra no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, refuta a presença de Bento Gonçalves como membro integrante da conspiração.¹⁷⁰ Numa carta datada de 10 de Janeiro de 1883, percebe-se que uma revolução com objectivos precisos já estava a ser preparada entre Bento Gonçalves e Marciano Pereira Ribeiro. A carta, que se encontra no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, apresenta os elementos fundamentais para um movimento bem sucedido: utilização de elementos subalternos; o movimento Rio-Grandense deveria ser nacional, ocorrendo em simultâneo com outras revoltas em território brasileiro; deveriam esperar até as relações com Frutuoso Rivera melhorarem e deviam evitar a separação do Brasil para não se tornarem vulneráveis aos inimigos platinos.¹⁷¹

A situação parecia estar a progredir para os liberais. Em 1834 a Regência promulgou o Acto Adicional aprovando a criação de Assembleias Legislativas nas Províncias, incrementando a descentralização do poder.

A vinte e quatro de Outubro desse ano, o Partido Liberal saiu à rua em Porto Alegre para celebrar o acontecimento. Grande parte da comunidade associou-se aos festejos. Pedro Chaves, em retaliação, colocou guardas armados pela cidade, os guardas entraram em confronto com a população. A situação foi de tal modo delicada que Fernandes Braga, pacificador, recorreu a Bento Gonçalves para manter a paz:

¹⁶⁶ Ana de Monteroso Lavalleja, mulher de Juan Lavalleja e mulher de perspicácia reconhecida. Enquanto residiu em Porto Alegre fez campanha contra a tirania de Rivera e tentou disseminar o ódio por este entre os rio-grandenses.

¹⁶⁷ Padre Alagoano de grande relevo político e social.

¹⁶⁸ Uruguai director do Jornal *O Recopilador Liberal*, de Porto Alegre

¹⁶⁹ Moacyr Flores, *Revolução Farrroupilha*, Porto Alegre, Martins Livreiro-Editor, 1984, p.28

¹⁷⁰ Moacyr Flores, *Modelo Político dos Farrapos*, 4ª edição, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996, p. 73

¹⁷¹ *Ibid.*, p. 74

Todos esperavam já que o desfecho della fosse fatal á ordem e segurança publicas. Braga, avisado em Rio Grande, convenceu-se de que o unico remedio que tinha para conjurar o perigo era valer-se da extraordinaria popularidade de Bento Gonçalves. Mandou apressadamente chamal-o, appellou para o seu patriotismo, disse-lhe que depositava nelle tanta confiança – que até o muniria de cartas brancas para fazer em nome da presidencia o que lhe parecesse melhor a bem da ordem. O coronel accedeu e, munido das cartas brancas, voou á capital com a rapidez possivel. Não lhe foi difficil fazer com que um povo que o adorava tomasse os seus conselhos. Dentro de poucos dias tudo volveu á paz e á serenidade.¹⁷²

Fernandes Braga, conciliando, chamou Bento à capital: só êle, com seu prestígio, poderia acalmar os ânimos e restabelecer a ordem. Contudo, ocorreram pouco depois pequenas revoltas liberais não só em Pôrto Alegre, como em Rio Pardo e Cachoeira.¹⁷³

Antônio Fernandes Braga tomou, contudo, medidas que se revelaram polémicas: o imposto sobre a propriedade rural ia contra a ideologia caudilha que não aceitava o imposto ao capital. A sublevação parece confirmar a interferência liberal, uma vez que esta era a doutrina que considerava o governante um funcionário às ordens dos contribuintes.¹⁷⁴

O Presidente da Província, a 20 de Abril de 1835, na abertura dos trabalhos da Assembleia Provincial faz fortes acusações a Bento Gonçalves, é com surpresa que este, em conjunto com os restantes dez deputados liberais,¹⁷⁵ que haviam sido eleitos com o Acto Adicional de 12 de Agosto de 1834, ouve as delações feitas.

elementos do Partido Liberal estavam mancomunados com Lavallega, tramando a separação do Rio Grande e a formação de uma República com o Uruguai. Responsabilizava algumas autoridades da fronteira de Jaguarão, numa evidente alusão a Bento Gonçalves. O tumulto toma conta do plenário. Terminara a primeira sessão da Assembléia Legislativa.

Na sessão seguinte, Bento ergue-se para falar. Com sua voz forte, contesta veementemente as acusações:

- Senhor Presidente, o plano de separação da província só existe na cabeça dêsses homens que, não contentes com haverem assacado a seus inimigos tôda a qualidade de calúnias, acrescentaram-lhe mais esta e isto somente porque não concordam com suas opiniões. Eu desafio meus inimigos a que apresentem à Assembléia êsses documentos com que tanto alardeiam. Desde já me ofereço a marchar daqui a uma prisão, mesmo sem culpa formada, não digo dias, mas até

¹⁷² [Joaquim Francisco de] Assis Brasil, *A Guerra dos Farrapos*, Adersen-Editores, Rio de Janeiro, p. 84 e 85

¹⁷³ Victor Civita (Editor), *Grandes Personagens da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 402

¹⁷⁴ Moacyr Flores, *Revolução Farrroupilha*, Porto Alegre, Martins Livreiro-Editor, 1984, p. 16

¹⁷⁵ Entre os deputados estavam, para além de Bento Gonçalves, Bento Manuel, José Mariano de Mattos e José Pinheiro de Ulhoa Cintra.

seis meses, que se forme processo, tal é o estado em que repousa tranqüila a minha consciência.¹⁷⁶

Braga foi convocado pelos deputados, em reunião secreta, para apresentar o nome dos intervenientes na conspiração. O Presidente apresentou o ofício do Marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto, após acesa discussão, os deputados, na sua maioria membros do partido Farroupilha e com ligações ao movimento revolucionário, menosprezaram as acusações.¹⁷⁷ As provas contra Bento, se existiam, nunca vieram a público. O tom das acusações engrandeceu e tornou-se cada vez mais hostil. Ambas as facções recorriam à imprensa para perpassar difamações cada vez mais agressivas. Bento Gonçalves retirou-se para a Estância do Cristal; Bento Manuel foi afastado do comando da Fronteira do Rio Pardo; o Major João Manuel de Lima e Silva, com ligações a Bento Gonçalves e ao Partido Liberal, entrou em litígio com o Major Egídio Barbuda Gordilho, Visconde de Camamu; os partidários de ambos os lados tornaram este conflito pessoal num aceso confronto político que envolvia todos os elementos partidários.

Encerrada a guerra com o inimigo de fóra, estourou violenta contra o de dentro. Bravia já a discordia [...] no vasto prologo da guerra civil!¹⁷⁸

Apenas se tinham passado alguns meses desde a sua nomeação, contudo, o Presidente tinha sido avassalado pelos conservadores, em parte por influência do seu irmão, Pedro Fernandes Chaves, director do *Correio Oficial*. A estratégia tinha a supervisão do Marechal Sebastião Barreto, adversário obstinado de Bento Gonçalves.¹⁷⁹

Fernandes Braga cria condições para o financiamento de uma força especial de setecentos homens preparados para afrontar as hostes liberais.

Os liberais não podem continuar a tolerar a situação, a conspiração desenvolve-se com o auxílio da Maçonaria. Segundo alguns historiadores, Bento Gonçalves era grau 30 na Maçonaria. Tendo o líder máximo o grau 33, sendo óbvia, portanto, a posição de

¹⁷⁶ Victor Civita (Editor), *Grandes Personagens da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 402

¹⁷⁷ Moacyr Flores, *Revolução Farroupilha*, Porto Alegre, Martins Livreiro-Editor, 1984, p. 34

¹⁷⁸ Alfredo Varela, *História da Grande Revolução*, 1º volume, Porto Alegre, Oficinas Graficas da Livraria do Globo, Barcellos, Bertaso & Cia., 1933, p.416. Consultado em versão electrónica de Fevereiro de 2002 editado pelo Grupo de Estudos “Alfredo Varela” em <http://www.bo.uel.br/~gpa/gha.html>

¹⁷⁹ Victor Civita (Editor), *Grandes Personagens da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 402

destaque de que Bento gozava dentro da instituição. Segundo Moacyr Flores, em 1847 Bento já era detentor do grau 33,¹⁸⁰ a posição máxima dentro da loja maçónica.

Nos bastidores, as ideologias liberais e republicanas eram difundidas através da Maçonaria, instrumento fundamental para o desenvolvimento dos acontecimentos. A primeira loja maçónica oficial foi criada no dia 25 de Dezembro de 1831, a Filantropia e Liberdade.¹⁸¹ Teriam sido os laços maçónicos a colocar Bento na suspeita de traição à Pátria: um dos seus irmãos de Maçonaria era o amigo Juan Lavalleja. Teriam sido os contactos que estabeleceram nesta qualidade que conduziram à denúncia que levou o líder farrapo a defender-se na Corte.

A Maçonaria chegou ao Brasil no final do séc. XVIII, dividia-se em Maçonaria Azul e Maçonaria Vermelha. A Maçonaria Azul defendia a Monarquia Parlamentar e a Vermelha a República Constitucional. Os farroupilhas eram, na sua maioria, membros da Maçonaria Vermelha, cujos símbolos podemos encontrar nos lenços farroupilhas e nas cores da bandeira adoptada. Contudo, não podemos reduzir a revolução a um movimento singular, Bento Gonçalves, por exemplo, pertencia à Maçonaria Azul.

Não podemos aceitar que a revolução farroupilha tenha sido um movimento de orientação maçónica porque entre os revolucionários havia maçons azuis e vermelhos [...] nenhuma loja orientou o movimento farroupilha porque seus membros dividiram-se no campo de lutas e de idéias. Bento Gonçalves da Silva, um maçom azul e anti-republicano, terminou temporizando com os vermelhos republicanos, ao encontrar a república e sua eleição de presidente como fatos consumados...¹⁸²

As relações maçónicas influenciaram o decorrer das batalhas: parceiros da mesma loja maçónica defrontavam-se nos campos de batalha e aliados militares integravam lojas opostas.¹⁸³ O jornal da maçonaria *O Delta*, datado de Setembro de 2002, assegura mesmo que a Revolução foi programada nas reuniões secretas, presididas por Bento Gonçalves.¹⁸⁴

Os rumores na Província dão conta de que Bento Gonçalves assumiu o comando da rebelião, o próprio Presidente da Província manifesta a sua desconfiança em relação às intenções rebeldes. Ter-se-á manifestado em relação a um ataque a decorrer no dia 18

¹⁸⁰ Moacyr Flores, *Modelo Político dos Farrapos*, 4ª edição, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996, p. 42

¹⁸¹ Carlos Urbim, *Os Farrapos*, Porto Alegre, Zero Hora Editora Jornalística S.A., 2003, p. 40

¹⁸² Moacyr Flores, *Modelo Político dos Farrapos*, 4ª edição, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996, p. 43

¹⁸³ *Ibid.*, p. 42

¹⁸⁴ AAVV, *O Delta*, ano I, nº2, Setembro de 2002

de Setembro: “movimentos anárquicos deverão romper talvez em poucas horas”.¹⁸⁵ Contudo, não foi Bento Gonçalves quem introduziu os ideais republicanos e liberais na Província. Existem indícios que remetem para a década de vinte as primeiras manifestações que viriam a resultar no golpe político-militar de 1835.¹⁸⁶

Quanto ao Riogrande em particular, leia-se o que depõe uma testemunha presencial: “Desde 1828 troavam revoltas no céu tão sereno e puro desta Província, e choviam os sarcasmos e injúrias, ante-correios da tempestade, contra o governo geral e provincial”. “FALTAVA SÓ UM HOMEM DE ALGUM PRESTÍGIO”, dizia essa testemunha imparcialíssima, – tanto no seu conceito estava tudo preparado, como sufficientemente “atizado” o “fogo revolucionário” que se fez homem e “encarnou em o coronel de um dos regimentos de cavallaria”!...¹⁸⁷

Nada, conseguintemente, legítima a hypothese mais adiante formulada, a que allude um moderno. É cousa hoje mais que visível, para olhos desprevenidos. Segura consciencia da crise tinha o futuro general, muito antes da jornada que fez ao Rio-de-Janeiro; episódio de merito secundario, na origem dos sucessos, então de todo ou quasi de todo amadurecidos. Para elle, chegava a hora em que o civismo se podia manifestar em iniciativas fecundas: chegava a hora em que é licito ao homem de vontade, completar, com o generoso sacrificio proprio ou com o alheio, o que as leis naturaes preparavam e o momento historico lhe segredava ser opportuno e propicio ao bem geral.¹⁸⁸

Segundo Alfredo Varela, Bento Gonçalves, em conjunto com os principais líderes das Guarda Nacional da Província, na sua maioria estancieiros e charqueadores com quem tinham relações de amizade ou de parentesco, definiram as finalidades do movimento que estavam prestes a iniciar: derrubar o Governo da Província e assumir o controlo político-militar.

Para atingir esse, fim era fundamental alcançar objectivos precisos e bem delineados: conquistar Porto-Alegre e derrubar o Governo da Província e substituí-lo por um Governo Revolucionário; neutralizar as acções do Comandante das Armas, o Marechal Sebastião Barreto; conquistar pontos estratégicos como Alegrete, São Borja, Cruz Alta, Jaguarão, Bagé, São Gabriel, Canguçu, Piratini, Encruzilhada, Caçapava, Rio Pardo, Cachoeira, Triunfo, Povo Novo, Mostardas, Estreito, Pedras Brancas, Viamão e Santo Antônio da Patrulha.

¹⁸⁵ Victor Civita (Editor), *Grandes Personagens da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 404

¹⁸⁶ Moacyr Flores, *Revolução Farroupilha*, Porto Alegre, Martins Livreiro-Editor, 1984, p. 36

¹⁸⁷ S. Leopoldo, “Annaes”, p. 304 e 305

¹⁸⁸ Alfredo Varela, *História da Grande Revolução*, 1º volume, Porto Alegre, Oficinas Graficas da Livraria do Globo, Barcellos, Bertaso & Cia., 1933, p.466 e 467. Consultado em versão electrónica de Fevereiro de 2002 editado pelo Grupo de Estudos “Alfredo Varela” em <http://nitedoy.melu.com.br/cjb/et>

Bento contava com o apoio das unidades de linha do Jaguarão, Bagé, São Gabriel, Rio Pardo e São Borja, comandadas por João Manoel de Lima e Silva e José Mariano de Mattos, ambos com o curso da Academia Real Militar do Largo de São Francisco, no Rio de Janeiro, e implicados na Revolução.

Quando todos pensavam que se encontrava de licença em Entre Rios, Bento deixou a sua fazenda de Camaquã e, numa olaria perto de Pedras Brancas, em Guaíba, na casa do primo Gomes Jardim, em conjunto com os seus aliados e amigos prepara o início da Revolução. Era fundamental apurar os detalhes, os embates tinham de ser simultâneos e bem preparados.

No dia 19 de Setembro de 1835, Onofre Pires e Gomes Jardim, ambos primos de Bento Gonçalves, cercam Porto Alegre. Contam com o elemento surpresa e com o apoio da Guarda Nacional e com 300 homens comandados por Manuel Antunes de Porciúncula, também ele com laços familiares a Bento Gonçalves. O Presidente Braga foge, e Porto Alegre é tomada sem percalços significativos. A revolução é bem sucedida, na maioria dos locais não encontrando oposição relevante. Com o desenrolar dos acontecimentos, os legalistas conseguiram refazer-se da surpresa e manter ou alcançar o domínio de algumas zonas. Numa manobra estratégica arriscada, Bento Gonçalves tenta submeter simultaneamente Pelotas, Rio Grande e São José do Norte. Apesar de complexa, a estratégia militar é bem sucedida e o Governo Revolucionário é reconhecido pelas três localidades, o plano revolucionário farrapo concretizou-se.

A 20 de Setembro, o combate na Ponte da Azenha dá início à Revolução Farroupilha. Depois da vitória esmagadora dos rebeldes neste confronto, os rebeldes manifestam as suas intenções.

No dia seguinte, os muros e paredes das casas amanheceram cobertos de proclamações de Bento Gonçalves: só a renúncia do presidente da Província poderia restabelecer a ordem. [...] Os rebeldes, sem dar mais um tiro, entraram em Pôrto Alegre, aplaudidos pela população.¹⁸⁹

Assinando como Coronel-Comandante, Bento Divulga quatro manifestos em que declara as intenções dos revoltosos: o primeiro, datado do dia 20 de Setembro, serve apenas para assinalar o “faustoso” acontecimento; o segundo é dirigido aos portugueses pedindo-lhes que não intervenham e que mantenham a calma; o terceiro faz referência

¹⁸⁹ Victor Civita (Editor), *Grandes Personagens da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 404

ao Presidente deposto, pedindo-lhe que acate a nova liderança; o quarto manifesto, o mais extenso, aborda os motivos e os passos que levaram à movimentação rebelde.¹⁹⁰

A *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, datada do final do século XIX, apresenta uma colectânea de vários documentos subordinados ao tema farroupilha; entre eles encontram-se trechos da autoria de Antônio Rodrigues Fernandes Braga, Presidente da Província. Obviamente, a imagem apresentada do herói gaúcho não é a mais abonatória:

Eu tenho deixado de falar a V. Ex. no coronel Bento Gonçalves, esperando que o tempo fizesse conhecer a V. Ex. e a toda a província as pessimas qualidades d'este omem ambiciozo.¹⁹¹

Bento Gonçalves fez a sua entrada na cidade de Porto-alegre no dia 21, e proclamando que a patria estava livre, como se eu tivesse abandonado o lugar de prezidente, fez convocar a camara municipal...¹⁹²

Em resposta às acusações de Braga e dos jornais do governo, o jornal *O Recopilador Liberal*, de 7 de Outubro de 1835, defende “que não era um pobre e desacreditado coronel [Bento Gonçalves] com meia dúzia de anarquistas e assassinos, mas, sim, ricos fazendeiros, abastecidos proprietários, pacíficos lavradores e homens independentes que de todos os distritos contíguos à cidade, expontaneamente se lhe ofereceram e apresentaram para vingarem a Pátria, e expulsaram do mando aqueles que, acobertados com o manto da legalidade, cometiam as mais escandalosas e ofensivas arbitrariedades: não foi a canalha da cidade que a quis roubar pescando em águas turvas, como outrora se dizia, mas sim a mocidade porto-alegrense, que se vendo há um ano privada do seu comandante e mais oficiais de sua escolha, foi ao campo ajudar a expelir aquele que abusando de sua confiança, havia desarmada a Guarda Nacional.”¹⁹³

Bento era um homem carismático, tinha carisma de líder. O povo, em geral, parecia simpatizar com a sua figura forte e viril. Ainda que estes sejam os atributos idílicos procurados no típico gaúcho; Bento parecia ter uma preocupação sincera pela comunidade Sul-Rio-Grandense. É possível que esta perspectiva tenha sido nutrida pelo

¹⁹⁰ Francisco Riopardense de Macedo, *Lições da Revolução Farroupilha*, Porto Alegre: Assembléia Legislativa do RS, 1995, p. 18

¹⁹¹ AAVV, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Instituto histórico, geografico e ethnographico do Brasil, 1882, p. 38

¹⁹² *Ibid.*, p. 42

¹⁹³ Moacyr Flores, *Revolução Farroupilha*, Porto Alegre, Martins Livreiro-Editor, 1984, p. 32

mito e pela lenda, contudo, várias são as fontes, inclusive documentos institucionais, que parecem dar credibilidade a esta característica do grande General.

Bento logo procurou tranquilizar a todos e desfazer os boatos assustadores que o Governo deposto espalhara a respeito dos revoltosos. No longo manifesto que dirigiu ao povo, disse que não tivera outro propósito senão o de “restaurar o império da lei, afastando [...] um administrador inepto e faccioso”.¹⁹⁴

A maioria dos militares em Porto Alegre aderiu ao exército farroupilha. Chamados a assegurar a Presidência da Província, os três primeiros da lista à vice-presidência deram parte de doentes, o quarto, o chefe do partido Farroupilha, Dr. Marciano Pereira Ribeiro, aceitou o cargo.

O movimento alastrou-se pela Província, o Marechal Sebastião Barreto fugiu em busca de refúgio no Uruguai, Fernandes Braga escapou para a Corte do Rio de Janeiro. Bento Gonçalves, confiante no apoio militar e popular da Província, fez um ultimato ao Regente Feijó, exigindo um Presidente submisso aos interesses da Província, caso contrário o Rio Grande proclamaria a luta armada até alcançar os seus objectivos.¹⁹⁵

Exigimos que o Governo imperial nos dê um governador de nossa inteira confiança, que olhe pelos nossos interesses, pela nossa dignidade, ou nos separaremos do centro e com a espada na mão saberemos morrer com honra ou viver com liberdade.¹⁹⁶

O objectivo da revolta era o afastamento dos “tiranos” impostos pelo Império. A 25 de Outubro, Bento Gonçalves enviou emissários a Montevideu com cartas para o encarregado dos negócios do Brasil, Manoel de Almeida Vasconcellos, e para o Presidente Oribe. Nas cartas declarava “completa a pacificação da provincia e satisfeitas as aspirações revolucionarias que se cifravam na expulsão do presidente e do commandante de armas”.¹⁹⁷ Contudo, o Império desvalorizou o movimento e o poder dos seus autores e o novo Presidente escolhido assumiu a presidência contra a vontade dos revolucionários. Discordando com a tomada de posse do novo Presidente da Província eleito, a guerra civil começou. Alguns dos revoltosos opunham-se à luta, o seu objectivo, o afastamento de Braga e de Sebastião Barreto, já havia sido alcançado, por isso, voltaram a incorporar-se nos exércitos legalistas. Essa foi a atitude de Bento

¹⁹⁴ Victor Civita (Editor), *Grandes Personagens da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 404

¹⁹⁵ Carlos Urbim, *Os Farrapos*, Porto Alegre, Zero Hora Editora Jornalística S.A., 2003, p. 55

¹⁹⁶ Victor Civita (Editor), *Grandes Personagens da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 405

¹⁹⁷ [Joaquim Francisco de] Assis Brasil, *A Guerra dos Farrapos*, Rio de Janeiro, Adersen-Editores, p. 143

Manuel Ribeiro. Durante os dez anos da Revolução, conforme os seus interesses e proveitos pessoais, trocou várias vezes de facção.

A literatura dá ênfase a essa dupla invulgar: Bento Gonçalves da Silva e Bento Manuel Ribeiro. Os dois homens, líderes natos, surgem como adversários dignos da mitologia perpétua. A Literatura tanto os afasta, ao ponto de surgirem como verdadeiras antíteses, como os apresenta como semelhantes. A paz poderia ter sido alcançada se a opinião inicial de Bento Gonçalves em relação ao novo Presidente se tivesse mantido. Em carta a um irmão, Bento afirma: “Estive com o novo presidente: José de Araujo Ribeiro: pareceu-me muito boa pessoa e creio que fará muito bom governo”.¹⁹⁸

O novo Presidente, Araújo Ribeiro, tinha instruções claras da Regência e a proclamação do Regente Feijó, de 4 de Dezembro, que oferecia a amnistia, ainda não tinha chegado à Província. Araújo Ribeiro tentou acelerar o processo de juramento e de posse, a Assembleia, na sua maioria partidária à Revolução, tentou adiar esse procedimento. Bento Manuel, que tinha uma relação próxima com o novo Presidente, protestou contra essa medida. Os revolucionários, então a par da proclamação de 4 de Dezembro, desiludiram-se com o Império que os encarava como criminosos e que lhes oferecia amnistia. Araújo Ribeiro tomou posse em Rio Grande, destituiu do comando da Guarda Nacional Bento Gonçalves e Neto, passando a contar com Bento Manuel, novo Comandante das Armas, para retomar a cidade de Rio Grande e São José do Norte.

Quasi n'estes momentos chegou a noticia da rebellião do Rio Grande do Sul [...]. A 25 publicou o Coronel Bento Gonçalves da Silva um Manifesto, em que expunha as razões do seu inaudito procedimento. Esta rebellião, no momento em que ia cessar a Regencia trina, foi quasi como um protesto contra o primeiro Regente do Acto additional [...]. O Regente Feijó, apreciando mal as causas d'aquella rebellião, contentou-se com enviar, para suffoca-la, um Presidente acompanhado do poderoso cortejo de uma proclamação. Todavia, o novo Presidente José de Araujo Ribeiro logrou tomar posse, e ganhando-se um dos caudilhos rebeldes, o Coronel Bento Manoel Ribeiro, fe-lo pronunciar-se pela ordem legal, formando um corpo de tropas para combater a rebellião.¹⁹⁹

Do lado farrapo também não se apelava à paz. O revolucionário Lima e Silva, no dia 2 de Março, surpreendeu um grupo de legalistas e aprisionou e matou alguns desses elementos. Os combates voltaram à ordem do dia.

¹⁹⁸ [Joaquim Francisco de] Assis Brasil, *A Guerra dos Farrapos*, Rio de Janeiro, Adersen-Editores, p. 150

¹⁹⁹ J. I. de Abreu e Lima, *Compendio da Historia do Brasil*, 2º volume, Rio de Janeiro, Editores Eduardo e Henrique Laemmert, 1843, p. 115 e 116

Os farroupilhas sofreram um rude golpe com a fuga do Major Marques de Sousa da prisão, onde estava encerrado em Porto Alegre. O Major fugido, de imediato deu início a uma contra-ofensiva. Algumas figuras de destaque dos farrapos, — entre eles o jornalista e entusiasta rebelde Pedro José de Almeida, conhecido como Pedro Boticário —, caíram prisioneiros dos legalistas.

A notícia inesperada e repentina da restauração de Porto Alegre impressionou dolorosamente todos os revolucionários e particularmente Bento Gonçalves [...], enquanto se passavam os sucessos referidos, trabalhava na campanha com grande actividade, correndo a provincia por todos os pontos, animando os seus amigos e com elles combinando, perseguindo os inimigos, impulsionando enfim, a revolução por todos os meios.²⁰⁰

Sabendo da viragem brusca dos acontecimentos, Bento Gonçalves rumo a Porto Alegre. A cidade resiste a um impetuoso ataque de três horas. Reconhecendo a importância vital do controlo da cidade, Bento volta a sitiá-la em Setembro; o cerco não termina favorável aos farroupilhas. Após combates ferozes, Bento Gonçalves, agora General do exército farrapo, levanta o bloqueio e rumo ao interior gaúcho para se juntar a Antônio de Sousa Neto e Domingos Crescêncio.

Em Setembro de 1836, nos campos de Seival, Antônio de Sousa Neto declara a República Rio-Grandense após uma vitória estrondosa.

E ergueu vivas á Republica Riograndense, aos seus defensores, á religião e a Bento Gonçalves. Toda a columna respondeu com fervorosos brados. Foi assim que, na tarde do dia 12 de Setembro, na margem esquerda do Jaguarão, foi proclamada a Republica Riograndense.²⁰¹

A prisão de Bento Gonçalves produziu no ânimo de todos os revolucionários como que um estado de desespero propício ao desenvolvimento das idéias extremas. E Antônio Neto destarte continua sustentando a Independência da nossa terra cujos laços políticos com o império brasileiro se desfizeram após a vitória do Seival.²⁰²

Ao atravessar o rio Jacuí, aparentemente por influência de Onofre Pires, na zona da Ilha do Fanfa, Bento Gonçalves viu-se açoitado pelo antigo companheiro, Bento Manuel. Melhor armados e com apoio da Marinha Imperial, os legalistas cercaram o reduto rebelde. Bento Gonçalves liderou a resistência suicida durante três dias. Apesar

²⁰⁰ [Joaquim Francisco de] Assis Brasil, *A Guerra dos Farrapos*, Rio de Janeiro, Adersen-Editores, p. 180

²⁰¹ *Ibid.*, p. 202

²⁰² Jorge Salis Goulart, *A Formação do Rio Grande do Sul*, 3ª edição, Caxias do Sul, Martins Livreiro Editor, UCS-EST, 1978, p. 144

do espírito bélico do General farrapo e do alento destemido dos seus homens, Bento Gonçalves terá cometido um crasso erro estratégico:

Suspeitoso, Bento Gonçalves mandou sustar a passagem, e o dia inteiro esteve em critica indecisão e ansiedade, sem se determinar a avançar nem a retroceder: avançando, podia ser victima das canhoeriras; retrocedendo, teria de empenhar um combate duvidoso resultado com Bento Manoel, alem de que perderia a junção com Crescencio, que já estava do outro lado no lugar denominado Xarqueada. A indecisão foi sempre o lado fraco de Bento Gonçalves. [...]... resolveu-se, porem, pelo peor dos alvitres...²⁰³

Vendo o desembarque de reforços legalistas e temendo pela sobrevivência das suas tropas, Bento Gonçalves accitou o acordo que lhe havia sido proposto por Bento Manuel e que implicava a cessação da Revolução. Bento Gonçalves, que estava com um ferimento de bala desde Viamão, rendeu-se. Bento Manuel não cumpriu as condições da rendição, onde estava incluída a libertação dos vencidos em Fanfa.²⁰⁴

Mas os republicanos estavam extenuados; temeram que sua ilha se transformasse numa ilha de cadavres [...] Bento Manoel quanto seria difficil pela força: escreveu a Bento Gonçalves, pedindo-lhe que capitulasse; este perguntou-lhe em que condições accitava a capitulação; Bento Manoel respondeu que deixaria livres a todos, uma vez que entregassem as armas [...]. Com Bento Gonçalves e outros officiaes não foi, porem, o mesmo o seu procedimento. Tendo este coronel de passar o rio para entender-se com Crescencio, oppoz-se o chefe imperialista, e na mesma tarde do dia 5 mandou prendel-o e remetter para Porto Alegre, com Onofre, Zambicari e outros.

Admira que um facto tão claro como o da capitulação do Fanfa tenha sido até hoje controvertido, sustentando muitos que Bento Gonçalves se rendeu á discricão, não capitulou, e avançando que nunca houve prova da existencia de tal capitulação. A verdade é que, á vista do que se passou depois, parece que ambos os chefes tractaram com perfidia, perdendo Bento Gonçalves qualquer escrúpulo diante dum inimigo que os não tinha; mas o trahidor foi só Bento Manoel desgostou-se com o procedimento que teve depois o governo para com os vencidos.²⁰⁵

Bento Manoel parece, ele próprio, confirmar a existência de um acordo através de um documento que o próprio Bento Gonçalves levou com ele aquando da sua prisão, o documento é datado do dia 4 de Outubro de 1836. Nas palavras de Bento Manuel: “Recebo como irmãos e affianço serem livres de perseguições, conforme as ordens do

²⁰³ [Joaquim Francisco de] Assis Brasil, *A Guerra dos Farrapos*, Rio de Janeiro, Adersen-Editores, p. 210 e 211

²⁰⁴ Victor Civita (Editor), *Grandes Personagens da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 405

²⁰⁵ [Joaquim Francisco de] Assis Brasil, *A Guerra dos Farrapos*, Rio de Janeiro, Adersen-Editores, p. 214 e 216

governo do Brasil, os indivíduos que se apresentarem e reconhecerem o governo legal do mesmo Brasil e da provincia; os que se acham nesta ilha hoje mesmo, os que estão na Charqueada dentro de quatro dias e os de Jaguarão e Pelotas no praso de quinze dias, inclusos nestes todos os chefes que têm acompanhado o coronel Bento Gonçalves da Silva e o mesmo coronel, entregando todo o parque de artilharia, armamentos e munições na ocasião de se apresentarem.²⁰⁶

Bento Gonçalves cai prisioneiro durante a batalha da Ilha do Fanfa, a 4 de Outubro de 1836. Juntamente Onofre Pires, Zambecari, Corte Real e Pedro Boticário são enviados para a fortaleza do Rio de Janeiro. Segundo testemunhou Caldeira, episódio que é apresentado por Tabajara Ruas, Bento terá acusado Onofre de ser o responsável pela situação em que se encontravam, tendo partido dele a iniciativa de estratégia que os levou à emboscada do Fanfa. Não fora a intervenção de Greenfel, comandante do navio que transportava os prisioneiros, e os dois revolucionários teriam chegado a vias de facto. Esta inimizade viria a crescer tendo o nefasto desfecho de que falaremos posteriormente.

Bento, ainda que preso, foi eleito Presidente da República, a 6 de Novembro de 1836, Gomes Jardim assumiu no seu lugar.

Nas prisões adversárias, os presos tinham uma intenção primordial: a fuga.

Recorrendo aos escravos, foi possível trocar correspondência com o exterior. Bento pede a colaboração do ilustre Irineu Evangelista de Sousa, o futuro Visconde de Mauá, amigo e irmão de maçonaria do Presidente da República. Por carta, assume as perspectivas da criação de uma República Federal do Brasil:

Lutando pela implantação da República Federal no Brasil, não temos outro intento que constituir uma pátria grande, unida e forte, para os brasileiros, que não mais precisam da tutela lusa.²⁰⁷

A Maçonaria assume as rédeas da libertação de Bento. A teia maçónica é deveras complexa e intrínseca; movendo-se nos mais altos bastidores políticos e sociais, pôs em engrenagem movimentos ainda hoje por desvendar.

Durante a sua permanência na prisão, Bento aprofundou os seus conhecimentos em relação à *Federação* e à *República* através de intensas leituras subordinadas ao

²⁰⁶ [Joaquim Francisco de] Assis Brasil, *A Guerra dos Farrapos*, Rio de Janeiro, Adersen-Editores, p. 219 e 220

²⁰⁷ Victor Civita (Editor), *Grandes Personagens da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 406

tema.²⁰⁸ Manteve contacto com os aliados gaúchos através de cartas de alento e incentivo à luta que enviava sempre que possível.

Foi na prisão, na Fortaleza Imperial da Laje, que Bento recebeu a visita de dois italianos: Giuseppe Garibaldi e Luigi Rossetti. Os dois italianos vinham oferecer os seus préstimos à causa gaúcha, depois de terem procurado Zambecari, também ele prisioneiro, foram direccionados para Bento para que este deliberasse sobre a sua participação na luta. Bento aceitou a colaboração dos dois estrangeiros e deu-lhes cartas para que as entregassem aos farrapos na frente de batalha.

Na madrugada do dia 11 de Março de 1837, um barco aguardava que o General farrapo e o seu companheiro de cela, Pedro Boticário, conseguissem a fuga da prisão. As grades de ferro já haviam sido cerradas, Bento, homem robusto mas delgado, conseguiu transpor a pequena abertura. Pedro Boticário, corpulento, não conseguiu seguir o seu Presidente. Neste episódio, a lenda e a realidade confundem-se, não sendo possível descortinar onde uma começa e a outra acaba. Pedro Boticário terá impellido Bento a consumir a fuga a deixá-lo para trás e a seguir o seu destino. Bento, no entanto, recusou abandonar o companheiro temendo as represálias que este viria a sofrer por parte dos seus carcereiros. Terá avisado o barco para que partisse, tendo regressado para a cela e para a companhia do seu aliado.

Os prisioneiros de Santa Cruz foram melhor sucedidos, Onofre Pires e Corte Real conseguiram a fuga, apesar de terem de fazer parte do trajecto a nado; Zambecari, que não sabia nadar, ficou na fortaleza.

Bento e Pedro foram transferidos, o jornalista para o Recife e Bento para o Forte do Mar, na Bahia de Todos os Santos, em frente à capital. Não desmotivando com a distância, Bento entra de imediato em contacto com as Lojas Maçónicas da Bahia. A sua fuga vai ser preparada pelo Dr. Francisco Sabino Vieira da Rocha, futuro líder da *Sabinada*, rebelião que tem lugar alguns meses depois. A relação entre rebeldes nas várias províncias não se limitou a Bento Gonçalves e ao Dr. Sabino, a troca de informações e de auxílio e colaboração era frequente. Há relatos de soldados que tinham participado na *Sabinada* e que, com o fim desta, viajaram para lutar no Rio Grande do Sul ao lado dos farrapos.²⁰⁹

²⁰⁸Victor Civita (Editor), *Grandes Personalidades da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 406

²⁰⁹ Paulo Markun, Fernando Henrique Cardoso, *Anita Garibaldi: uma heroína brasileira*, Senac, 2003, p.81 e 82

Apesar da importância do preso, as condições em que Bento estava aprisionado não eram de todo boas. A austeridade da prisão, aliada à humidade e sujidade, aceleraram o declínio físico do General que acabou por cair vítima de doença pulmonar. As cartas de Bento Gonçalves davam conta das suas condições de cárcere, o chefe farroupilha pedia camisas, um capote e um par de tamancos uma vez que tinha frio de noite e apenas dispunha de um lençol para se cobrir.

Na manhã de 10 de Setembro de 1837, após treze dias de prisão no Forte do Mar, o revolucionário, então com 49 anos, tomava o seu banho de mar, previamente autorizado pelo Comandante do Forte, ele próprio um maçom. Bento nadava sob a supervisão dos soldados que, de início, não se alarmaram com a distância que o General ia ganhando. Quando o alarme foi dado era tarde demais, Bento já se tinha afastado um quilómetro da costa e um barco, até hoje por descobrir se intencionalmente à espera ou não, resgatou o General consumando a sua fuga. Após uma breve estadia na Ilha de Itaparica, Bento embarcou num navio de transporte de farinha para Pelotas e Montevidéu. Desembarcou na actual Florianópolis tendo concluído a sua viagem a cavalo.

A história oficial, redigida para consumo do Império, evitou apresentar o carácter épico da fuga do general:

Bento Gonçalves, que tinha sido mandado para uma fortaleza da Bahia ainda em tempo da administração do primeiro Regente do Acto adicional, logrou evadir-se d'alli no dia 10 de Setembro de 1837, e voltar para o Rio Grande, onde reassumiu de novo suas funções de Presidente, dando com sua presença impulso á rebellião.²¹⁰

Bento regressou ao sul do Brasil, após um ano e sete meses de prisão, não era apenas um General da República, mas sim o seu Presidente. Durante a ausência do chefe revolucionário a presidência foi assumida por José Gomes de Vasconcelos Jardim. No dia 16 de Dezembro de 1837, Bento tomou posse em Piratini, capital da jovem República. Apesar de enfrentar alguma oposição por parte de Onofre Pires, que hesitou em entregar-lhe o poder, Bento encontrou uma situação mais estável do que a que deixara aquando da sua prisão.

²¹⁰ J. I. de Abreu e Lima, *Compendio da Historia do Brasil*, 2º volume, Rio de Janeiro, Editores Eduardo e Henrique Laemmert, 1843, p. 122

O ano de 1838 começou com o retorno de um velho aliado: Bento Manuel Ribeiro regressou às hostes farroupilhas após ter entrado em conflito com os seus companheiros legalistas.²¹¹

A situação não era favorável para os farrapos: haviam sofrido duras derrotas e eram incapazes de tomar Porto Alegre.

Bento Gonçalves lançou o seu mais famoso manifesto, em 29 de Agosto de 1838. Apesar de se continuarem a questionar as intenções republicanas do líder farrapo, este manifesto é de forte ideologia e temática republicana e “uma peça preciosa de política revolucionária”.²¹² Expôs aí as causas da revolução, e deixou claro que lutava pela injusta exploração económica de que a Província era alvo, alegando que o movimento era um acto de autodefesa: “Sobre povo algum da terra carregou mais duro e mais pesado o tempestuoso aboletamento: transformou-se o Rio Grande numa estalagem do Império”.²¹³ Sublinhou as características federativas da revolução, pondo de parte qualquer intenção separatista. Contudo, em resposta ao conflito gerado pelo Império, não lhes tinha restado outra saída que não a separação. O General argumentava ainda que se tratava de uma situação provisória e que, assim que outras Províncias declarassem a República, as “províncias irmãs” se aliarium numa Federação.²¹⁴

A República não atravessava uma situação fácil, a capital da República era itinerante e as derrotas militares seguiam-se. Dispostos a alargar o ideal republicano pelas demais Províncias, ficou decidido que iriam tomar Laguna, em Santa Catarina. Para essa missão foram destacados David Canabarro, que faria a tomada por terra, e Giuseppe Garibaldi, comandando uma coluna por mar.²¹⁵

A República Juliana cumpriu-se, mas teve uma existência breve: apenas seis meses.

As revoltas começaram a eclodir em vários pontos do território brasileiro. O Império queria a paz, mas exigia a rendição completa, tal condição não foi aceite pelos revoltosos e a luta armada no sul brasileiro prolongou-se ainda que a República de Piratini fosse já considerada agonizante.

²¹¹ Victor Civita (Editor), *Grandes Personagens da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 407

²¹² Moacyr Flores, *República Rio-Grandense: Realidade e Utopia*, Porto Alegre, Edição de EDIPUCRS, 2002, p. 13

²¹³ Francisco Riopardense de Macedo, *Lições da Revolução Farroupilha*, Porto Alegre: Assembléia Legislativa do RS, 1995, p. 16

²¹⁴ Victor Civita (Editor), *Grandes Personagens da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 407

²¹⁵ Foi neste contexto que se deu a famosa trasladação por terra dos barcos farroupilhas.

Um dos episódios mais ambíguos e complexos da Revolução Farroupilha ocorreu em São José do Norte, em Julho de 1840, apesar da importância deste conflito, o aguerrido combate acabou com a retirada dos farroupilhas liderados por Bento Gonçalves. Ainda que difícil de provar, a literatura utiliza esta “derrota” como um dos principais pilares para a formação do mito de Bento Gonçalves da Silva: a vitória esteve ao alcance de Bento mas implicava sacrificar Sul-Rio-Grandenses inocentes, o líder farrapo terá abdicado da vitória para poupar essas vidas.

Julho de 1840. [...]. A luta violenta transforma-se aos poucos num corpo-a-corpo encarniçado. Pelas ruas da chuva a chuva espalha o sangue dos combatentes. Os farroupilhas vão avançando, tomando uma por uma as posições dos imperiais. [...]. As sugestões sucedem-se: continuar a devastação da vila; investir novamente contra o quartel. O tempo passa e é preciso encontrar uma solução rápida, pois a tropa está exausta. Então, ouve-se uma proposta entusiasmada:

- Incendiemos as casas vizinhas. A chuva parou, o vento levará o fogo para o quartel e êles terão de sair da toca. – Os companheiros aplaudem a idéia, mas o general permanece quieto, pensando, os olhos fixos no chão. [...]... a vitória justificaria a destruição de lares pacíficos? Quantos inocentes seriam vitimados por um capricho da guerra?

- Sim, incendiar as casas é a única maneira de vencermos. Mas, por êste preço, não quero a vitória.

E o general Bento Gonçalves da Silva ordena ao corneteiro:

- Toque retirada!²¹⁶

Foi ainda durante este episódio bélico que Bento, humildemente, não se inibiu de pedir auxílio para os seus feridos, revelando que a vida dos seus aliados era superior ao seu orgulho:

Quando, por ocasião do assalto a S. José do Norte, na revolução de 35, Bento Gonçalves viu, cheio de angústia, grande número dos seus soldados agonizarem por falta de medicamentos, apelou para o comandante inimigo, a fim de conseguir os recursos necessários, no que foi cabalmente atendido.

Então, com as lágrimas nos olhos, soltou todos os prisioneiros que havia feito no memorável assalto, infelizmente malogrado, àquela praça, dizendo-lhes: “Ide dizer ao vosso comandante como sabem os rio-grandenses agradecer um favor que se lhes presta”.²¹⁷

A grandeza de Bento Gonçalves eclipsou alguns dos acontecimentos menos favoráveis aos farroupilhas. Como ocorre em todos os mitos, acabam por sobressair os actos que saem do trivial e os homens cujas acções ultrapassaram a barreira do tempo.

²¹⁶ Victor Civita (Editor), *Grandes Personagens da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 397 e 398

²¹⁷ Jorge Salis Goulart, *A Formação do Rio Grande do Sul*, 3ª edição, Caxias do Sul, Martins Livreiro Editor, UCS-EST, 1978, p. 78

Os aspectos negativos e a crueza dos combates em São José do Norte foram apagados da memória colectiva dos Sul-Rio-Grandenses.

Os farrapos pilharam as casas, violentaram as mulheres e se embriagaram. De Rio Grande vieram barcos trazendo reforços. Da trincheira que Garibaldi não conseguiu tomar partiu a reação legalista. Os farrapos bêbados e sem armas foram empurrados para fora da cidade, fugindo pelo campo. Bento Gonçalves não permitiu que fosse incendiada a vila.²¹⁸

No seguimento do confronto em São José do Norte, teve lugar a chamada *Setembrina*, palco de heróis.

A ação mais importante, porém, foi nos campos de Vacaria. [...]. Bento Gonçalves e Davi Canabarro dividem o exército farrapo, e em dias de luta sangrenta e incessante realizam o maior feito estratégico do decênio: a marcha da serra das Antas. [...]. Ambos os generais farroupilhas cumpriram sua parte: reuniram-se diante de Passo Fundo, onde Labatut se concentrara. O chefe legal, vendo reunidos e prontos para o ataque aquêles a quem supunha encurralados, retirou-se. Tão precipitadamente que foi levado a conselho de guerra.²¹⁹

Após cinco anos de conflitos, a economia do Rio Grande do Sul encontrava-se bastante fragilizada. A pecuária, que financiava a Província, começou a demonstrar sinais de exaustão. Por sua vez, tanto o endividamento externo como interno começou a aumentar assolapadamente. Para além das calúnias de parte a parte, presentes em qualquer conflito político, o apoio exigido para manter uma Revolução levou à insatisfação de muitos dos estancieiros, até então solidários para com a causa farroupilha, iniciando alguma oposição para com as medidas de Domingos José de Almeida.

As divergências dentro do Rio Grande do Sul eram evidentes. Convocado por Bento Gonçalves, o Conselho de Procuradores Gerais dos Municípios reuniu-se a 21 de Setembro de 1839, dos catorze municípios convocados, nove²²⁰ não se fizeram representar. Os conflitos não eram já apenas entre farroupilhas e imperialistas, as contendas também se manifestavam dentro do grupo farroupilha.

Esta oposição acabou por se materializar em 1840 com a eleição da Assembleia Constituinte, em Alegrete. Os 36 deputados dividiam-se entre 30 partidários de

²¹⁸ Moacyr Flores, *Dicionário de história do Brasil*, Porto Alegre, Edição de EDIPUCRS, 2001, p. 556

²¹⁹ Victor Civita (Editor), *Grandes Personagens da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 409 e 410

²²⁰ Porto Alegre, Santo António da Patrulha, São José do Norte, Rio Grande, Pelotas, Alegrete, São Borja, Cruz Alta e Triunfo.

Domingos de Almeida e 6 partidários a Antônio Vicente da Fontoura, entre eles Onofre Pires que cada vez mais fazia oposição ao primo Presidente, Bento Gonçalves da Silva. As altercações aumentaram à medida que o Duque de Caxias, enviado para solucionar o problema no sul do país, se aproximava. O Império estrategicamente foi bem sucedido nos seus propósitos, conseguiu fragilizar a República através de agentes que levantaram dúvidas e calúnias de parte a parte.

Bento Gonçalves terá tentado obter a pacificação em Outubro de 1840, contudo, as suas exigências não foram acatadas: reconhecimento da República Rio-Grandense federada ao Império; amnistia para os desertores do exército monárquico; pagamento de indemnizações aos farroupilhas pelos danos causados nas suas propriedades; conservação do posto pelos militares que desejassem continuar a carreira militar no exército imperial; liberdade para os escravos que tivessem lutado pelos farrapos e transporte e protecção para os que quisessem partir para outra Província.²²¹

Oficialmente, o Império apresentou a iniciativa de paz como sua, acusando os rebeldes de falta de senso:

No dia 22 de Agosto houve por bem o Imperador conceder uma amnistia geral para todos os crimes políticos, acompanhando o Decreto, que a outorgava, uma Proclamação aos rebeldes do Rio Grande, na qual expunha com candura suas vistas paternaes a respeito d'aquelles súbditos descarreados, que elle chamava de novo ao gremio da Sociedade Brasileira; porém desgraçadamente para o Brasil suas vozes não foram ouvidas, e a rebelião continuou como d'antes sua carreira de iniquidades e desatinos.²²²

Apesar dos actos heróicos, a situação militar dos revoltosos era frágil, para além de várias derrotas e instabilidade política, viram a defecção de Giuseppe Garibaldi que, acompanhado de Anita, a mulher que havia conhecido em Laguna, e do filho que então já tinham, partiu para o Uruguai.

O ano de 1842 foi parco em combates, os farroupilhas procuraram orientar-se institucionalmente e assegurar a segurança política e económica. O Governo de Bento Gonçalves tomou medidas para aumentar o número de rezes e criou incentivos para a

²²¹ Moacyr Flores, *Modelo Político dos Farrapos*, 4ª edição, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996, p. 129 e 130

²²² J. I. de Abreu e Lima, *Compendio da Historia do Brasil*, 2º volume, Rio de Janeiro, Editores Eduardo e Henrique Laemmert, 1843, p. 136

exportação de charque e de ouro, exportação que triplicou em relação ao período pré Revolução.²²³

Bento Gonçalves foi politicamente ambíguo, favorável à monarquia e ao Imperador, Presidente de uma República, solidário com os ideais liberais... contudo agiu como um líder absolutista até ser forçado a aceitar a Assembleia Constituinte e Legislativa em 1842:

cessa desde já o poder discricionário de que fui investido pelas atas de minha nomeação, cumprindo pois as condições com que fui eleito, eu o deponho em vossas mãos.²²⁴

Bento Gonçalves da Silva dizia que não confiava na Assembléia Legislativa, talvez porque ela lhe tiraria os poderes discricionários de que estava investido desde que assumira a presidência.²²⁵

O fato de o Vice-presidente convocar de imediato a reunião do Conselho de Procuradores Gerais dos Municípios, que fora sempre adiada pelo Presidente, reforça a assertiva de que Bento Gonçalves da Silva não pretendia colocar parte de seus poderes em mãos dos Deputados.²²⁶

O Presidente Bento Gonçalves da Silva viajou para Paissandu, após conhecer os resultados das eleições, dizendo que voltaria antes da instalação marcada para 6 de novembro de 1842. Imediatamente circulou o boato de que Bento não voltaria a tempo de instalar a Assembléia porque pretendia continuar com o poder absoluto.

A casa estava sendo reformada para as sessões do Poder Legislativo, mas não ficou pronta na data prevista, sendo transferido o dia de instalação para 1º de dezembro de 1842.

Graças a este atraso o Presidente retornou a Alegrete em tempo, no dia 9 de novembro de 1842, trazendo cartas de Frutuoso Rivera a diversos oficiais do exército republicano, aconselhando-os a se unirem a Bento Gonçalves da Silva.²²⁷

Com o número de combates reduzido, o ano de 1842 ficou marcado pela intriga política. Os opositores de Bento Gonçalves conspiravam para o afastar do poder. A 6 de Dezembro de 1842, Bento Gonçalves reuniu os deputados eleitos e alertou-os para o conluio protagonizado por Bento Manuel Ribeiro. Numa ameaça velada, apaziguou os deputados com a promessa de protecção exercida por 200 a 300 militares fiéis que se encontravam no Trem de Guerra. Dada a situação em que se encontravam, Bento Gonçalves exigia a suspensão de garantias políticas e impôs um regime de censura

²²³ Victor Civita (Editor), *Grandes Personagens da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 410

²²⁴ Moacyr Flores, *Modelo Político dos Farrapos*, 4ª edição, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996, p. 34

²²⁵ Manifesto dos deputados da Minoria, 18 de Fevereiro de 1843

²²⁶ Moacyr Flores, *Modelo Político dos Farrapos*, 4ª edição, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996, p. 155

²²⁷ *Ibid.*, p. 157 a 159

impedindo que os jornais apresentassem a opinião dos deputados da oposição. O melindre político mantinha Bento Gonçalves como líder absoluto não reconhecendo este, nestas circunstâncias, o Poder Legislativo. O General, através dos militares do Trem de Guerra acampados junto à Assembleia Legislativa, tinha instalado o pânico entre os deputados e pressionava os adversários políticos. Uma vez que o local escolhido para o acampamento não oferecia condições (sem água, sem lenha e sem sombra), podemos concluir que a escolha do local serviu, de facto, para intimidar os adversários.

Após diversas tentativas, devido à ausência dos deputados durante as votações, o decreto que suspendia, durante 6 meses, os direitos políticos foi promulgado. Os parágrafos suspensos alteraram alguns dos direitos até então vistos como fundamentais. As novas medidas impediam a retirada do território com a totalidade dos seus bens; permitiam a entrada em casas particulares em caso de suspeita; permitiam a prisão preventiva por suspeita; impediam a fiança; permitiam a prisão de suspeitos em outras circunstâncias que não o flagrante delito e permitiam a apreensão de bens privados por parte do Estado.

Deste modo, o Governo podia confiscar todos os recursos de que necessitasse, entregando apenas o recibo correspondente; para além do mais, era-lhe permitido prender qualquer cidadão, sem que contra este houvesse uma culpa formada, e executar buscas à noite nas casas que entendesse. Possivelmente, o medo das buscas nocturnas terá refreado os adversários políticos e as reuniões conspiradoras. Por sua vez, o “fornecimento” forçado de recursos à causa farroupilha poderá estar na origem das acusações de ladrão que foram incutidas a Bento Gonçalves da Silva.

A oposição recorreu à Imprensa para difamar Bento Gonçalves, os mesmos métodos utilizados anteriormente contra Antônio Rodrigues Fernandes Braga eram agora usados para difamar o Presidente da República Rio-Grandense.²²⁸

A ditadura²²⁹ exercida por Bento, durante os primeiros anos da Revolução, era justificável, segundo as teorias de Rousseau: em momentos de turbulência militar o poder ditatorial é benéfico para o povo que não encontra, nesses momentos, capacidade de se governar e de tomar decisões políticas.

²²⁸ Moacyr Flores, *Modelo Político dos Farrapos*, 4ª edição, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996, p. 160 e 166

²²⁹ *Ibid.*, p. 133

Como já abordámos, o republicanismo de Bento é duvidoso. Em carta a Domingos José de Almeida, de Janeiro de 1836, referia-se ao movimento republicano que se manifestava em Porto Alegre:

escreve a nossos inimigos que se existe esse sonhado partido republicano, que nos mostrem que nós seremos os primeiros a debelá-lo.²³⁰

Meses antes, previamente ao início da Revolução de 20 de Setembro de 1835, durante uma reunião maçónica, Bento opôs-se à República convencendo os companheiros a ela favoráveis a não avançar com essa possibilidade.²³¹

O ano de 1843 ficou marcado pelo assassinato de Paulino da Fontoura, forte oponente a Bento Gonçalves dentro do Partido Republicano. Após a realização de novas eleições para a Presidência, Bento voltou a consagrar-se vencedor, mas para Vice-Presidente foi escolhido Paulino da Fontoura. Paulino comandava um grupo minoritário que hostilizava a chefia de Bento. Ainda que não provado, Bento surgiu como suspeito da morte do seu adversário, quer como mandatário quer como executante, dependendo da fonte e devido à anteriormente mencionada interferência dos agentes imperialistas.

Sobre Bento Gonçalves, o nobre, o abnegado chefe da Revolução, convergiam os piores e mais sórdidos ataques.²³²

Em conjunto com estas acusações, tentaram desmitificar a imagem do General dentro do exército, como se pode comprovar através do manifesto dos deputados da minoria, datado de 18 de Fevereiro de 1843:

Não é de agora que uma opinião fortíssima se tem declarado contra o Presidente da República. A maioria do nosso exército o considera um general que trazia a desgraça apar de si; [...] a infelicidade acompanhou sempre estes senhores e marcou todos os seus passos e operações como comandante em chefe do exército excetuando unicamente as batalhas de Setembrina, a retirada sobre o Gravataí e a acção sobre o Arroio dos Ratos.²³³

Algumas fontes sugerem um motivo passional para o atentado que terá sido aproveitado para incriminar o General farrapo, ainda que tal não se tenha confirmado.²³⁴

²³⁰ Moacyr Flores, *Modelo Político dos Farrapos*, 4ª edição, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996, p. 137

²³¹ *Ibid.*, p. 137 e 138

²³² Arthur Ferreira Filho, *Rio Grande Heróico e Pitoresco*, Série História Gaúcha 2, Porto Alegre, Martins Livreiro Editor, 1985, p. 22

²³³ Moacyr Flores, *Modelo Político dos Farrapos*, 4ª edição, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996, p. 167

²³⁴ Victor Civita (Editor), *Grandes Personalidades da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril Cultural Ltda., 1969, p. 410

Perante a acusação, e apesar de contar com o apoio da maioria, Bento renunciou à presidência e abandonou a liderança do exército farrapo a 4 de Agosto de 1843, subordinando-se à chefia de David Canabarro e entregando a Presidência a Gomes Jardim. Esta situação causou mais uma baixa: Onofre Pires acusou o primo e amigo de ser responsável pela morte de Paulino e, por carta, Bento exige satisfações. Incentivado pelos adversários de Bento, Onofre volta a fazer acusações. Algumas das ofensas proferidas por Onofre foram de “ladrão da fortuna, ladrão da vida, ladrão da honra e ladrão da liberdade.” Não lhe restando outra saída, Bento exige o duelo para limpar a honra. Onofre Pires morre no dia 3 de Março de 1844, três dias após se envolver em duelo com o primo, vítima de um ferimento mortal no antebraço. O próprio Bento, em carta enviada a Domingos de Almeida, revela saber que Onofre fora apenas um peão utilizado pelos seus adversários políticos. A enorme estatura de Onofre era vista como uma garantia de que Bento Gonçalves seria eliminado perante a corpulência do adversário: “o julgaram um gigante e eu um pigmeu”.²³⁵ Bento lamentava ainda a forma como Onofre fora tratado por aqueles que tiraram partido da sua impulsividade. Com a derrota no duelo, os amotinados afastaram-se de Onofre, não o acompanhando sequer nos últimos momentos a que o tinham condenado. Bento encarava-os como os maiores culpados do trágico final do primo, uma vez que ele tinha agido dentro dos parâmetros de um homem honrado, que fizera o que lhe era exigido pela honra, não se deixando amedrontar perante a importância e a força do adversário. Para além da estatura física de Onofre, Bento tinha então 54 anos, sendo o seu adversário dez anos mais novo. Tal como ocorrera antes do início da Revolução, fora a luta entre o poder Executivo e Legislativo que conduziu a este desfecho.

Desde 1842 que o exército legalista era chefiado pelo Barão de Caxias, o General Luís Alves de Lima e Silva. Caxias contava com Bento Manuel entre os seus oficiais. Mais uma vez o ousado militar se tinha integrado nas fileiras do Império.

Em 1843, os dois exércitos defrontaram-se em Ponche Verde. A dureza do combate levou à retirada simultânea dos dois exércitos, deixando por esclarecer de quem tinha sido a vitória. O mesmo não aconteceu em Cerca das Pedras e em Piratini, com a clara derrota por parte dos farroupilhas.

Os farrapos não dispunham da abundância do Império: as armas, a alimentação e os cavalos começavam a escassear. Essa falta manifestava-se nos confrontos: os

²³⁵ Excerto de uma carta de Bento Gonçalves da Silva a Domingos de Almeida, apresentada pelo Coronel Cláudio Bento.

farroupilhas tinham, frequentemente, que buscar protecção em território Uruguaio, saindo deste para fazer confrontos furtivos.

Os farrapos tinham uma nova oportunidade: Rosas, Presidente da Argentina, estava disposto a desempenhar um papel activo de apoio à República Rio-Grandense. Era importante para o Império conseguir a paz, uma vez que o Rio Grande do Sul podia, com o apoio estrangeiro, almejar a separação que até então lhe era negada e, quiçá, não ambicionada. Os farroupilhas, desgastados da guerra e antevendo uma aliança platina que não projectavam, ansiavam por um acordo de paz. O Ministro da Justiça do Império, o Marquês do Paraná, extremamente pacificador, prontificou-se a acelerar a paz.

Bento Gonçalves da Silva escreveu ao Barão de Caxias, em 13 de outubro de 1844, que desejava ardentemente o término da guerra civil, porém jamais se desviaria de seus princípios, lembrando ao barão que Rosas, o ditador de Buenos Aires, ameaçava o Império do Brasil com suas hostes. [...] Bento Gonçalves pediu demissão da presidência e do comando em chefe do exército da República Rio-grandense para evitar a continuação da guerra civil e conseguir uma paz honrosa, pela qual o barão de Caxias, apesar das negociações, ainda não se definira. [...] Bento Gonçalves da Silva classificou como uma estupidez o ato do grupo que escolheu pessimamente os negociadores da paz. Afirmou que só a amizade de Caxias pelos rio-grandenses permitiu que houvesse uma paz honrosa, pois Canabarro ainda se conservava em armas.²³⁶

Afastando-se de uma posição de evidência, Bento não compareceu à assinatura do Tratado de paz de Ponche Verde, a 27 de Fevereiro de 1845, para a qual trabalhou dissimuladamente, a fim de que a sua interferência não servisse como argumento para um impasse ou para uma recusa. A sua saúde, segundo fontes da época, estava já seriamente debilitada. Não participando na deliberação, enviou uma carta onde manifestava concordar com a maioria, desde que no interesse da Província. Enaltece ainda o Barão de Caxias que lhes havia proposto uma paz extremamente benéfica que, de outro modo, não obteriam. Na sua carta, Bento acrescenta que David Canabarro devia frisar a fundamental questão do perdão dado a todos os que cometeram actos condenáveis contra o Império, assegurando que não sofreriam represálias pelas acções realizadas em nome da República. Por confirmar fica a hipótese levantada por Francisco Riopardense de Macedo que, em *Lições da Revolução Farroupilha*, baseando-se na sua interpretação da colectânea de documentos de Bento Gonçalves que se encontra no

²³⁶ Moacyr Flores, *Modelo Político dos Farrapos*, 4ª edição, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996, p. 130 e 131

Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, declara que “assinaram o documento, com protestos vivos, algumas das principais figuras rebeldes: Souza Neto, o proclamador, Bento Gonçalves, o líder primeiro, ambos consideravam débil o documento e se retiraram sob protesto”.²³⁷ Na mesma fonte podemos encontrar referências à discordância de Bento Gonçalves quer em relação aos artigos do acordo de paz, a que chama de conciliação, uma vez que “uma conciliação é sempre preferível aos azares de uma derrota”, quer em relação ao momento escolhido, tendo o momento ideal para assegurar a paz sido ultrapassado por não acatarem a sua opinião.²³⁸

O Tratado foi assinado ao fim de seis dias desta missiva ser redigida: assegurava a escolha do próximo Presidente da Província por parte dos republicanos; a dívida contraída pelos farrapos seria assegurada pelo Império; todos os prisioneiros farroupilhas seriam amnistiados e os oficiais do exército, que assim o desejassem, seriam integrados no exército imperial com os mesmos postos.

O Império facilitou as condições do Tratado por motivos táticos mais do que altruístas. As movimentações de Rosas e Oribe implicavam a imposição da paz no sul brasileiro:

O projecto político de Rosas que não podia prescindir da aliança com Oribe perturbava a livre navegação no Prata, necessária ao Império como via de acesso ao Mato Grosso. Quando ao Império ficou evidente que essa livre navegação só poderia ser assegurada à força e, portanto, o Brasil deveria fazer-se presente no Prata através de uma ação armada, o Rio Grande do Sul tornou-se crucial para a operação. Assim, as condições de paz propostas e aceitas por Caxias revelavam que o Rio Grande do Sul não estava sendo tratado como vencido. É que subjacente à aceitação dessas condições havia um interesse nacional a preservar [...] Quando o governo monárquico e os farrapos compreenderam que um precisava do outro, o acordo se concretizou, consubstanciando-se na Paz de Ponche Verde.²³⁹

Bento era um homem debilitado pelas lutas constantes e pelas preocupações políticas. Perdeu os seus bens no Uruguai devido à oposição a Artigas (1816-1821) e com os conflitos da Cisplatina (1825-1828). Com a Revolução Farroupilha os seus bens foram consumidos pelas despesas de guerra. Bento teve de reiniciar a sua vida. Voltou para a estância de Camaquã e dedicou-se à vida campeira, a riqueza foi desbastada durante os longos anos do conflito farroupilha, e o General viu-se obrigado a aceitar a

²³⁷ Francisco Riopardense de Macedo, *Lições da Revolução Farroupilha*, Porto Alegre: Assembléia Legislativa do RS, 1995, p. 10 e 11

²³⁸ *Ibid.*, p. 51

²³⁹ AAVV, *A Revolução Farroupilha: História & Interpretação*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, p.57

generosidade de um amigo que lhe emprestou duzentas²⁴⁰ cabeças de gado. Spencer Leitman²⁴¹ argumenta que os líderes farrapos e legalistas, mas principalmente os farrapos, continuaram a enriquecer com os anos de guerra, contudo, esse não parece ter sido o caso de Bento Gonçalves. O General contava com a colaboração dos filhos, que também o haviam assistido na guerra, e de Antônio Ribeiro, o velho, corajoso e leal corneteiro que sempre o havia acompanhado. Apesar da debilidade física, Bento não perdeu o orgulhoso que sempre o marcou. A 10 de Dezembro de 1845, foi recebido pelo Imperador, tendo mostrado todo o seu brio e altivez.

Bento sentiu o fim que se aproximava e, acometido de forte nostalgia, desejou visitar a vila natal, Bom Jesus do Triunfo. Acostumado aos rigores do Inverno sulino, Bento montou no seu cavalo e partiu. No regresso, sentiu-se mal e buscou assistência na casa do velho amigo Gomes Jardim, onde dera início ao movimento revolucionário, Bento não voltou à sua estância: no dia 18 de Julho de 1847, com 59 anos, Bento morreu em Pedras Brancas vítima de pleurisia.²⁴²

Os sintomas da doença são integrados nas obras mais recentes como elementos da caracterização de Bento Gonçalves da Silva: “uma dor localizada perto da área da inflamação, que pode ser agravada pela respiração, tosse ou pelos movimentos”.²⁴³

“Os principais homens da revolução de 35 entraram para ela abastados e saíram paupérrimos. [...] Bento Gonçalves e João Antônio morreram na miséria cercados de respeito e de bênçãos”.²⁴⁴

Durante a revolução Bento Gonçalves revelou a desambição mais completa. Para salvar a causa da República de Piratini comprometida, renunciou o poder em favor de Jardim. Teve dois filhos no exército revolucionário, os quais jamais elevou a altos comandos.

Terminada a revolução estava paupérrimo, tendo de começar a vida de novo. Para isso, pediu emprestadas cem reses de criar a Dionísio Amaro da Silveira. [...]. Ao terminar a revolução, em carta, dizia Bento Gonçalves: “Reputo-me, hoje, o homem mais pobre do Rio

²⁴⁰ Carlos Urbim, *Os Farrapos*, Porto Alegre, Zero Hora Editora Jornalística S.A., 2003, p. 59

²⁴¹ AAVV, *A Revolução Farroupilha: História & Interpretação*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, p.119

²⁴² Os sintomas da pleurisia consistem em febre, tosse, respiração difícil e dores no peito. Normalmente resultam de pneumonia, tuberculose, neoplasia do pulmão, doenças renais ou cardíacas, podendo ainda resultar de um enfarte pulmonar, de um ferimento que penetre na pleura ou mesmo de uma condição cancerígena. Bento Gonçalves sem dúvida que levou uma vida propícia ao aparecimento da mortal doença. Todos os sintomas da pleurisia são apresentados nas obras mais recentes do corpus literário analisado como parte da caracterização da personagem, tal pode dever-se à humanização evolutiva que a figura de Bento Gonçalves tem sofrido ao longo da História. Uma vez que a figura mítica do gaúcho é saudável e vive em total comunhão com a natureza, o omitir desta fragilidade do grande líder na literatura poderá ter sido consciente.

²⁴³ James Bevan, *Enciclopédia Médica da Família*, 2º volume, Cacém, Círculo de Leitores, 1984, p. 128

²⁴⁴ Fernando Osório(pai), *História do General Osório*

Grande do Sul; não possuo, de meu, um cavalo para montar e uma vaca para carnear".²⁴⁵

A linhagem guerreira de Bento não esmoreceu, o exemplo do herói farrapo foi seguido por seus filhos e netos, com especial relevo para o filho Caetano, na Guerra do Paraguai, e o neto Bento Gonçalves da Silva, Major do Exército como Comandante do Corpo de Transportes em Rio Negro e Bagé.

Durante o decênio farroupilha, Bento Gonçalves tomou diversas medidas políticas de relevância histórica:

Bento Gonçalves da Silva marcou sua administração com diversos atos: convocação do Conselho de Procuradores Gerais; libertação de prisioneiros; cartas de corso; elevou Viamão à categoria de vila com o nome de Setembrina, que com Triunfo, passou a formar a comarca de Abrilina; nomeou Bento Manuel Ribeiro general do exército republicano e também a David Canabarro no mesmo posto; considerou traidores os contrabandistas de víveres para os cercos imperiais; perdoou aos que se alistassem nas fileiras republicanas; decretou e regulamentou a emissão de valores e moedas; deu cidadania aos colonos de S. Leopoldo e Três Forquilhas e demais estrangeiros dignos; fomentou o movimento comercial de gado de corte; concedeu indulto aos inimigos da República; prescreveu a forma de habilitação de pensão aos inválidos e órfãos de guerra e o recrutamento de pessoas maiores de 14 anos;²⁴⁶ decretou fuzilamento dos militares brasileiros que depois de soltos retornassem a pegar armas contra a república; obrigou o uso do lenço nacional; isentou de direitos a erva mate nacional; franqueou o comércio; decretou a perda de cidadania a todos aqueles que se negassem a servir a pátria e permitiu a extração de uma loteria em benefício dos hospitais do exército. Há vários decretos seus sobre a organização do exército republicano.²⁴⁷

Bento Gonçalves da Silva, no geral da sua existência, tem de ser julgado dentro do contexto em que se movimentou. Bento não era um Deus, um ser superior e imaculado, era um homem, tinha defeitos e qualidades. Todavia, após 160 anos da sua morte, a figura de Bento Gonçalves da Silva continua a inspirar os seus conterrâneos e a sua presença, onnipresente, é, cada vez mais, um bastião que dá honra às gerações

²⁴⁵ Jorge Salis Goulart, *A Formação do Rio Grande do Sul*, 3ª edição, Caxias do Sul, Martins Livreiro Editor, UCS-EST, 1978, p. 109

²⁴⁶ Até então apenas se recrutavam indivíduos solteiros entre os 18 e os 35 anos (brancos, mestiços, índios e negros libertos). Estavam isentos de recrutamento, até 4 de Outubro de 1837, os casados; órfãos que cuidassem de irmãos mais novos; filhos de viúvas; o filho mais velho de lavradores (ou outro de sua escolha se tivesse mais de um filho); os feitores ou administradores de fazendas (com mais de seis escravos ou com mais de mil reses); os tropeiros; os artesãos e funcionários de lojas em funcionamento e os estudantes com certificado de habilitações passado pelo professor, altura em que o recrutamento se tornou obrigatório *não excetuando um só homem que possa montar a cavalo*. In Moacyr Flores, *Modelo Político dos Farrapos*, 4ª edição, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996, p. 143 e 144

²⁴⁷ Moacyr Flores, *Modelo Político dos Farrapos*, 4ª edição, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996, p. 136

vindouras. Algumas das características que lhe são embutidas, como a possessão de escravos e as perspectivas de manter essa situação, podem não ser bem encaradas hoje e conduzir ao aligeirar da realidade legando essas circunstâncias para um plano secundário de modo a não “destruir” a imagem do herói. Contudo, as personagens históricas têm de ser analisadas à luz da mentalidade da época em que se movimentaram. Bento nasceu em 1788, oito anos após ser criada a primeira grande charqueada no Rio Grande do Sul, em Pelotas, por Domingos José Martins. Os negros começaram então a entrar maciçamente no território Sul-Rio-Grandense, Bento Gonçalves não conheceu outra realidade que não a da escravatura.

Considerado como um homem infiel, a própria literatura o apresenta como “apreciador” de escravas adolescentes. No entanto, é fundamental contextualizar a sua vivência. Durante os séculos do jugo escravagista, os donos de escravos encararam as escravas como objecto de sua pertença. Assim, Bento Gonçalves agia de acordo com as normas da sociedade. A historiografia deixou vários relatos que dão conta desses relacionamentos,²⁴⁸ resultantes na miscigenação da comunidade brasileira. O seu relacionamento com jovens escravas deve ser enquadrado dentro da sociedade escravagista em que estava integrado, ambas as actividades criticáveis segundo os valores actuais, mas uma realidade do século XIX. Como observa Philippe Hamon,²⁴⁹ a caracterização de uma personagem está dependente de códigos culturais. Os modelos aceites como positivos são associados ao herói, enquanto que os negativos são imputados ao anti-herói. Com a evolução da sociedade os códigos culturais alteram-se. Deste modo, o herói pode deixar de o ser ao longo de gerações de leitores.

Há, por outro lado, a suspeita de que Bento estava envolvido em contrabando e a acusação, encarada actualmente, é bem mais gravosa do que o era então. Na verdade, o contrabando teve um papel fundamental na fronteira sul do Brasil, podendo mesmo ser encarada como uma fonte para a economia Sul-Rio-Grandense. Esta alternativa económica não se resumiu à época da colonização ou ao domínio farroupilha, manteve-se, pelo menos, até ao final do século XIX, já em plena República:

que o Estado do Rio Grande do Sul é, comercialmente falando, “o mais rico departamento da República Oriental do Uruguai”.²⁵⁰

²⁴⁸ Maria Beatriz da Silva, *Donas e Plebeias na Sociedade Colonial*, Lisboa, Editorial Estampa, 2002, p.46

²⁴⁹ Philippe Hammon, *Para um estatuto semiológico da personagem* In ROSSUM-GUYON, Françoise Van, HAMMON, Philippe, SALLENAVE, Daniele, *Categorias da Narrativa*, Lisboa, Colecção Veja Universidade, p. 82 e 83

²⁵⁰ Ramiro Barcellos, Citado no Jornal *Echo do Sul*, Rio Grande, 24 de Janeiro de 1890, p.1

As acusações a Bento Gonçalves são feitas também a Domingos José de Almeida, acusado de beneficiar com a guerra. Ainda que as acusações a Bento possam ser refutadas e encaradas como incidentes de guerra, as acusações feitas a Domingos José de Almeida parecem ter fundamento, uma vez que usou a sua posição para enriquecer.²⁵¹ Talvez Bento Gonçalves tenha sido acusado por associação ou por amizade com Domingos José de Almeida e não por culpa formada.

ELEVAÇÃO A MITO

E então, aquelas aspirações que estão subjectivamente no interior do espírito de uma pessoa ou de um grupo, são materializadas, personificadas na figura do líder, que passa a encarná-las e representá-las de corpo inteiro.²⁵²

Bento Gonçalves da Silva foi elevado à condição de mito pelas suas atitudes nas lutas de fronteira e na Revolução Farroupilha, contudo, foi a sua condição de caudilho que o encaminhou nesse sentido. O caudilhismo era comum na América espanhola, mas no território brasileiro apenas se manifestou no Rio Grande do Sul. O caudilho tinha características específicas que o transformavam no líder Sul-Rio-Grandense por excelência: carisma, poder que era aceite pela maioria, autoridade, seguidores fiéis, domínio militar e agir como símbolo da identidade colectiva.

essa obra²⁵³ foi caminho para a idealização da figura de Bento Gonçalves. Ele representa a alma pampa, símbolo da coragem, da honra, da justiça e da virtude. Com isso mantém intacta a dupla face do mito: o gaúcho é um ser heróico e Bento Gonçalves, sua encarnação rediviva no plano histórico.²⁵⁴

O imaginário popular serve de alicerce para a nossa individualidade, são as raízes da nossa cultura e autonomia, usualmente associada à idealização de um passado glorioso.

²⁵¹ AAVV, A Revolução Farroupilha: História & Interpretação, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, p.69

²⁵² Definição de Bento Gonçalves da Silva feita por Morivalde Calvet Fagundes In AAVV, A Revolução Farroupilha: História & Interpretação, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, p. 57

²⁵³ *O Gaúcho*, de José de Alencar.

²⁵⁴ Flávio Loureiro Chaves, *Os farrapos na literatura*, In *Zero Hora*, ZH Farrapos, Porto Alegre, 20 de Setembro, 1985, p. 20

A Literatura, tal como antes a tradição oral, tem a capacidade de entrelaçar história e fantasia. Bento Gonçalves é elevado à condição de mito, ele é o *monarca das coxilhas* por excelência, o ser superior que serve de bitola para todos os outros.

Esses fatos confirmam a suposição de Evêmero de ser a mítica, no mais das vezes, a tradução de feitos espectaculares de pessoas ímpares, consideradas heróicas pela qualidade de suas realizações.²⁵⁵

No *corpus* literário analisado não encontramos esta argumentação em discurso directo, a superioridade de Bento Gonçalves é apresentada de forma indirecta: quer por atitudes quer através de comentários de terceiros. Na obra *O Corsário*, de Caldre e Fião, é o próprio Bento Gonçalves que se caracteriza:

Não sou escravo das vontades alheias: a minha espada que cingi desde os tenros anos, e que me deu o posto militar de capitão de guerrilhas das antigas milícias, quando me achava nos campos do Cerro Largo, jamais serviu senão em defesa da pátria.²⁵⁶

Daysi Albeche faz referência à obra *O Conde de Piratini e a estância da Música*, de Guilhermino Cesar, onde o autor apresenta antecedentes para a concepção de um estancieiro como herói, ao invés do simples gaúcho: para o autor os verdadeiros heróis da fronteira “são os grandes estancieiros, eternos inimigos dos castelhanos, que sacrificaram seus bens e sua tranquilidade para impedir a assimilação estrangeira no território rio-grandense”.²⁵⁷

Vários são os elementos retirados do *corpus* literário analisado que remetem Bento Gonçalves para a condição de mito: ser imortal que vive para além da sua existência humana:

- Guarde-a consigo. Para sustentar a espada de Bento Gonçalves só conheço um homem. E esse homem se chama Bento Gonçalves.²⁵⁸

No mesmo barco que o trouxe de Triunfo, seu corpo é levado até o Camaquã. O enterro é simples. Poucos amigos estão na Estância do Cristal. Mas um deles guardará seu túmulo. Nico Ribeiro, o ex-escravo e corneteiro. E os gaúchos, passando pela estrada, ouvirão muitas vezes o clarim. É o toque de silêncio de uma guerra. Que até hoje não chegou ao fim.²⁵⁹

²⁵⁵ Maria Zelia Alvarenga, *Mitologia Simbólica: Estruturas da Psique E*, Edição de Casa do Psicólogo, p.36

²⁵⁶ José Antônio do Valle Caldre e Fião, *O Corsário*, Porto Alegre, Movimento, 1979, p. 193

²⁵⁷ Daysi Lange Albeche, *Imagens do gaúcho: história e mitificação*, Porto Alegre, EDIPUCRS, 1996, p.36

²⁵⁸ Alcy Cheuiche, *A Guerra dos Farrapos*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, p. 157 a 161

²⁵⁹ *Ibid.*, p. 170

É em *A Prole do Corvo* que melhor visualizamos a mitificação de Bento Gonçalves: Laurita tem no seu altar, para além da imagem da Santa, a figura de Bento Gonçalves da Silva. As constantes batalhas e a imensidão dos pampas fizeram com que os habitantes do sul do Brasil transferissem a devoção divina para aqueles que os conduziam, e aos seus destinos, no campo de batalha e na instituição política.

Não morreu, entretanto, o sentimento religioso no espírito do gaúcho. Ele voltou-se para a personalidade dos seus guias nos campos de batalha, cuja galhardia venerou com um fervor místico. [...] Bento Gonçalves, Antônio Neto, David Canabarro, foram os ídolos deste povo, que adorava os seus heróis com o mesmo misticismo com que os crentes se prosternam ante os deuses.

Por falta de educação clerical, o inato pendor místico, sem nunca desaparecer, se dirigia para aqueles que eram, aqui, senhores de toda a força e do maior prestígio.

Acabadas as lutas com os estrangeiros, o misticismo coletivo com que eram admirados os heróis rio-grandenses, saídos do seio do povo invencível, continua a se fazer sentir de maneira apreciável.

Bento Gonçalves era amado com um ardor extraordinário.

De todos os pontos acorriam pessoas só para ouvir o gaúcho querido discorrer sobre façanhas guerreiras.

Em roda do caudilho os gaúchos reunidos o escutavam de maneira tão respeitosa como outrora de todos os pontos da Grécia os homens procuravam ouvir a voz profética dos oráculos. [...] Estendidas no terreno as alfaias campônias, os xairéis bordados e os macios coxinilhos para os mais graduados, enquanto a peonada mais distante se sentava sobre a alfombra verde da planície, exercia Bento Gonçalves os deveres da hospitalidade como um chefe do deserto. Quando falava, o silêncio mantinha-se nos lábios, quebrando unicamente pelo passe cauteloso das cuias, em ondas de fumo com o chimarrão fervente. Até os cavalos, diz Varela, pareciam envolvidos no encanto sugestivo da assembléia semiparalisada. E acrescenta que ele possuía aquela beleza que no Pampa obtinha as honras do culto universal, erguidos os mais sólidos altares de sincera, ardorosa, apaixonada idolatria.

Na opinião desse erudito historiador, “o temperamento indomável e a bravura em grau heróico eram os traços distintivos dos semideuses do olimpo gaúcho”.

A alma popular, de boca em boca, repetia:

“O herói Bento Gonçalves

Foi a nossa salvação”.²⁶⁰

A fuga do Forte do Mar é, também ela, fonte de especulações, mitos e lendas. A crença de que o líder farrapo rapidamente se iria evadir e regressar ao Rio Grande é uma delas.

²⁶⁰ Jorge Salis Goulart, *A Formação do Rio Grande do Sul*, 3ª edição, Caxias, Martins Livreiro Editor, UCS-EST, 1978, p. 61 – 62

Bento Gonçalves, pelo contrário, era o ídolo querido dos rio-grandenses. Quando o grande herói da revolução de 35 voltou ao nosso Estado, depois de ter fugido do Forte do Mar, na Bahia, onde tinha sido encerrado pelos seus inimigos, chega à casa de uma senhora, de quem as forças combatentes haviam arrebatado todos os cavalos. Guarda, entretanto, a genuína patriota um único que ela desde muito destinava a Bento Gonçalves quando esse conseguisse evadir-se da prisão.²⁶¹

Bento Gonçalves é imbuído das características que fazem os heróis. Os heróis não podem apresentar características fracas ou débeis. No entanto, são as características gerais que transformam o gaúcho num herói que são transplantadas para o chefe revolucionário: é forte e altivo, cuidadoso em relação à sua aparência e apresentação. Segundo Eunice Moreira, a literatura apresenta o gaúcho sadio e forte, representante de uma raça singular.

O gaúcho, tão bem apresentado por João Simões Lopes Neto, é o herói:

Enquanto o herói é moreno e delgado, o anti-herói é loiro e de pequena estatura; Enquanto o primeiro é sadio e carnívoro, o segundo é fraco e vegetariano; Enquanto o primeiro usa tirador²⁶² de couro e anda a cavalo, o segundo usa pala²⁶³ de seda e anda de charrete.²⁶⁴

Essa parece ser a representação de Bento que encontramos em obras como *A Casa das Sete Mulheres* ou nos *Contos Gauchescos*, contudo, os livros *Os Farrapos*, *Varões Assinalados* e *Prole do Corvo* humanizam o protagonista ao invés de o deificar. Vários são os momentos concretos que vão sendo repassados de modo a caracterizar os valores do herói. É-lhe atribuída a recusa veemente de um projecto revanchista de Pedro Boticário, afirmando que não buscava a vingança ou a violência gratuita.

O saudosismo exige, por imposição humana, que exista um espaço de vazio, de ausência. Acabado um período, terminada uma época, a especulação em relação aos erros cometidos é incontornável. Como ocorre actualmente com os movimentos políticos, quando erros são cometidos, ou quando o sucesso ambicionado não é alcançado, os intervenientes maioritários são, naturalmente, indicados como os responsáveis. Após a Revolução Farroupilha, os heróis farrapos tornaram-se polémicos. Admirados por seus contemporâneos fiéis, odiados por seus opositores, incómodos para

²⁶¹ Alfredo Ferreira Rodrigues (direcção), *Almanaque do Rio Grande do Sul*, In Jorge Salis Goulart, *A Formação do Rio Grande do Sul*, 3ª edição, Caxias, Martins Livreiro Editor, UCS-EST, 1978, p. 110 e 111

²⁶² Tira ou avental de couro que os laçadores usam à volta da cintura quando laçam a pé.

²⁶³ Poncho leve, de lã, brim ou até de seda, com as pontas franjadas.

²⁶⁴ Maria Eunice Moreira, *Regionalismo Gaúcho: um estudo tipológico*, Porto Alegre, PUCRS/ILA, 1979, p. 63-69

os oportunistas, mas ausentes do poder. Com a morte apenas dois anos após a paz, Bento Gonçalves não esteve presente para ver o seu nome reerguer-se da obscuridade. Actualmente os heróis farroupilhas são homenageados, a distância permite compreender o conflito de forma fria, sem rancores. Apenas os momentos grandiosos ficaram para a memória, ou foram transformados para a glória. Os erros, os enredos, as derrotas e as especulações diluíram-se e o passado voltou a erguer-se altaneiro.

APROPRIAÇÃO E RECONFIGURAÇÃO DA REVOLUÇÃO

FARROUPILHA

A Revolução Farroupilha tornou-se símbolo de heroísmo, audácia e coragem. Foram os caudilhos e estancieiros que ganharam honras de heróis mas foram, na sua maioria, os humildes e simples gaúchos que tombaram em nome dela. Os estancieiros conseguiram “convencer” os gaúchos de que a revolução era feita por eles e em nome deles, que foram os interesses do “gaúcho” que motivaram a revolta.

Por todo o Rio Grande do Sul, os monumentos relacionados com a temática da Revolução Farroupilha proliferam. Muitos deles erigidos em plena República, como o de Bento Gonçalves na cidade de Rio Grande construído por iniciativa do Dr. Conrade Miller de Campos, administrador da cidade, na Praça Tamandaré a 20 de Setembro de 1909. Era fundamental criar um “panteão da República” que apelasse ao interesse da população. Tal como havia ocorrido com a figura do gaúcho, que se transformou em “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas” por decreto, também os heróis farroupilhas foram incorporados como símbolos de um período que a população da época não conheceu. A própria estátua do herói, efectuada pelo português Teixeira Lopes em bronze, apresenta Bento Gonçalves com sinais indicadores da sua apropriação pela República: a espada e a posição de ataque revelam o típico herói militar; a bandeira protegida de encosto ao corpo demonstra a defesa da sua pátria, da sua nação, do seu Brasil, a sua luta era por uma reestruturação do Brasil e não pela sua abolição, Bento lutou contra o Império e nunca pôs em dúvida o seu patriotismo; os dois leões, ainda que especulando, poderão representar o Império e os farroupilhas, o leão que se encontra em baixo não está de todo dominado (o Império não obteve uma vitória clara).

Os farroupilhas deixaram marcas que mais tarde se materializaram na República que os homenageou.²⁶⁵

A memória farroupilha foi apropriada por grupos culturais, sociais e políticos exteriores ao movimento de 1835. Estes grupos são, essencialmente, de predomínio urbano e de classe média, mundo em que a Revolução Farroupilha não se manifestou tão intensamente. Independentemente do passado, da origem e da etnia, a Revolução tornou-se herança do povo sulino, simbolizando a luta contra o poder central. O passado foi recriado segundo os interesses e as necessidades dos grupos tradicionalistas e políticos.

Actualmente emergem no território do Rio Grande do Sul, movimentos que reivindicam, mais uma vez, a independência política e administrativa do Estado. Como refere por Bronislaw Baczko,²⁶⁶ quando uma comunidade se sente ameaçada ou agredida pelo exterior, procura no interior das suas fileiras e no seu dispositivo e imaginário cultural as bases para fortificar a sua posição. No caso do Rio Grande do Sul, esse alicerce manifesta-se nos heróis do decénio farroupilha que, para todos os efeitos, ousaram enfrentar o poder institucionalizado para defender os interesses do seu povo. Deste modo, os interesses que eram inicialmente os da classe dominante (caudilhos e estancieiros na sua maioria) passam a ser os ideais da comunidade Sul-Rio-Grandense em geral.

Dada a relevância da Revolução Farroupilha para o Estado do Sul do Brasil, é normal que esta seja a época histórica mais representada pela Literatura Regionalista rio-grandense.²⁶⁷

Escrever, dizer e ensinar que o gaúcho pegou em armas “heróicamente” em 1835 tem muita importância, porque isto que é escrito, dito e ensinado ajuda a que aquilo que está por trás não venha à luz, de modo que a exaltação seja substituída pela reflexão.²⁶⁸

²⁶⁵ Elvo Clemente(Org.), *Integração: História, Cultura e Ciência 2004*, EDIPUCRS, 2006, p. 40 e 41

²⁶⁶ Bronislaw Baczko, *Imaginação Social*, In Einaudi, nº5, Anthropos-Homem, 1986

²⁶⁷ Marilene Weinhardt, *A Revolução Farroupilha como tema ficcional*, In AAVV, *Limites, Associação brasileira de Literatura Comparada – Congresso*, EDUSP, 1992, p. 419

²⁶⁸ Luiz Roberto Lopez, *O mito do gaúcho*, In *A Revolução Farroupilha*, Jornal do Unificado, Porto Alegre, Maio, 1985, p. 5

CAPÍTULO III: *Bento Gonçalves: Personagem Literária*

Para apresentar a personagem literária de Bento Gonçalves da Silva, na tentativa de associar História e Literatura, estudaremos as obras *Contos Gauchescos*, de João Simões Lopes Neto; *A Guerra dos Farrapos*, de Alcy Cheuiche; *A Prole do Corvo*, de Luiz Antônio de Assis Brasil; *Os Varões Assinalados*, de Tabajara Ruas e *A Casa das Sete Mulheres*, de Leticia Wierzchowski. Para o desenvolvimento deste trabalho, serão tidas em conta a perspectiva familiar, elaborada em redor do mito do decénio farroupilha, e a perspectiva histórica, vista através dos feitos heróicos e das fragilidades humanas.

CONTOS GAUCHESCOS DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO

Muitos escritores gaúchos inspiram-se no tema da Revolução Farroupilha. Um dos que mais se destacou nesse processo foi João Simões Lopes Neto.²⁶⁹ O seu valor literário foi confirmado postumamente e foi o resultado de sua cultura letrada²⁷⁰ e da sua observação pessoal. Foi João Simões Lopes Neto que transformou o homem dos pampas do Rio Grande num mito, em obras como: *Cancioneiro Guasca* (1910), *Contos Gauchescos* (1912), *Lendas do Sul* (1913), *Casos do Romualdo* (1952, edição póstuma).²⁷¹

A sua obra regista aspectos locais que a transformaram numa das mais emblemáticas do Regionalismo. Infelizmente, é possível que o próprio Lopes Neto seja responsável pelo facto de o seu valor literário não ter sido dignamente reconhecido previamente:

²⁶⁹ João Simões Lopes Neto nasceu nos primeiros anos do declínio Rio-Grandense, após a abolição da escravatura e durante o enfraquecimento das charqueadas.²⁶⁹ Nasceu em Pelotas em 1865. Descendente da elite rural do Rio Grande, era neto do Visconde da Graça. Com treze anos foi para o Rio de Janeiro, estudou no Colégio Abílio e frequentou a Faculdade de Medicina, no entanto, não chegou a concluir a sua formação. Regressou a Pelotas, então uma importante cidade, onde iniciou uma variada e atribulada vida profissional. Criou uma fábrica de vidros, uma destilaria, uma fábrica de cigarros, uma firma de moagem e de torrefacção de café, uma empresa de mineração. Todos os seus projectos empresariais fracassaram e consumiram a herança familiar. Empobrecido, Lopes Neto sobreviveu da sua actividade jornalística. Morreu na cidade que o viu nascer em 1916, com apenas cinquenta e um anos.

²⁷⁰ Eram amplamente conhecidas as obras de autores como Caldre Fião e Apolinário de Porto Alegre em que o “monarca das coxilhas” era a figura central.

²⁷¹ Escreveu para o teatro as obras: *O Boato* (1894); *Mixórdia* (1894/95); *Os Cacharéis* (1896); *A Fifina e Iaiá* (1901); *O Maior Credor* (1914).

Talvez Simões Lopes Neto seja o principal culpado da injustiça de que é vítima. Não conheço, com efeito, outro caso em que o autor tenha limitado tanto o alcance e o valor da própria obra.²⁷²

Simões Lopes Neto não pensou nessa hipótese, talvez por modéstia, talvez por cegueira de quem vivia para o amor da *pequena pátria*, e em vez de se dirigir aos brasileiros de todos os outros Estados, dizendo-lhes: «Eis o vosso irmão gaúcho», limitou-se a apresentá-lo aos conterrâneos: «Patrício, apresento-te Blau, o vaqueano».²⁷³

O seu regionalismo era extremamente saudosista, Pelotas estava a empobrecer, as charqueadas começavam a perder poder, e o passado glorioso servia de alicerce a uma nostalgia forte que se agarrava a uma época ultrapassada. As suas obras têm como cenário os grandes momentos da história do Rio Grande: a Revolução Farroupilha, as Guerras Platinas, a Guerra do Paraguai.²⁷⁴ No entanto, apesar de estar patente a contextualização histórica, são a tragédia e a experiência humana que são apresentadas. O autor tenta humanizar as personagens e dar-lhes atitudes próximas daquelas dos seus leitores. Apela assim aos valores gaúchos, para remete-los aos heróis farrapos. Bento Gonçalves é então descrito como forte, corajoso e honrado.

Ela só não pode foi mudar o preceito de honra deles: brigavam, de morte, mas como guascas de lei: leais, sempre!
Pois não viu, naquelas duas vezes?... Pra um que quisesse aproveitar...²⁷⁵

Ao descrever o duelo entre Bento e Onofre, as razões do duelo são omitidas. O facto de se dever a causas políticas e a presença de uma emissária deixam perceber que o duelo se realiza nos bastidores de uma conspiração. Contudo, os pormenores são omitidos, de modo a impedir especulações, passíveis da provocação de conflitos políticos e culturais.

Não se pode esquecer que os *Contos Gauchescos* possuem forte influência popular. Desde o final da Revolução Farroupilha começam a desenvolver-se histórias orais, com o tempo transformadas e adaptadas, até apenas restarem os aspectos fulcrais. Para a massa populacional do Rio Grande do Sul, as conspirações mantiveram-se, em grande parte, desconhecidas. Era difícil para o homem comum compreender que primos, amigos e companheiros do mesmo partido viessem a entrar em conflito por questões

²⁷² José Osório de Oliveira, "O Escritor Gaúcho Simões Lopes Neto" In António Ferro, Oscar Fontenelle (Dir.), *Atlântico: Revista Luso-Brasileira*, Nova Série, Nº2, Lisboa, Edição do S.N.I. e D.N.I., p. 102

²⁷³ *Ibid.*, p. 102

²⁷⁴ A Guerra Civil de 1893 não serve de cenário uma vez que tinha sido recente e ainda era, provavelmente, motivo de atitudes mais exaltadas.

²⁷⁵ João Simões Lopes Neto, *Contos Gauchescos*, Editora Martin Claret, 2002, p. 103

políticas. Podemos argumentar, dando razão a autores como Luiz Antônio de Assis Brasil, que o povo nunca compreendeu os motivos da luta e nunca lutou por ideologia. A perspectiva de João Simões Lopes Neto, que apenas aflora os motivos do duelo, indicando-o como casualidades da guerra, apresenta a versão simplista que o povo tinha do conflito. As conspirações internas dentro dos Farrapos mantinham-se dissimuladas, apenas as características individualizadas do Rio Grande eram tidas em conta e transmitidas numa corrente regional de enaltecimento local. Os aspectos negativos do conflito não serviam aos interesses nem do autor nem da época e foram, deste modo, suavizados.

Os *Contos Gauchescos* são compostos por dezanove contos que apresentam as aventuras e desventuras de peões e soldados. Nos seus *Contos Gauchescos*, Lopes Neto dá a palavra a Blau Nunes, um velho e experiente peão de estância que sintetiza todas as qualidades do gaúcho. As histórias vão sendo apresentadas a partir da sua experiência pessoal. Deste modo o autor deu à obra uma credibilidade de que não seria dotada, se o narrador fosse um ilustre e cidadão letrado. A apresentação do gaúcho deixa evidentes as qualidades que o tornam merecedor de confiança:

E, por circunstâncias de carácter pessoal, decorrentes da amizade e da confiança, sucedeu que foi meu constante guia e segundo o benquisto tapejara Blau Nunes, desempenado arcabouço de oitenta e oito anos, todos os dentes, vista aguda e ouvido fino, mantendo o seu apurmo de forriol farroupilha, que foi, de Bento Gonçalves, e de marinheiro improvisado, em que deu baixa, ferido, de Tamandaré. Genuíno tipo – crioulo – rio-grandense (hoje tão modificado), era Blau o guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sóbrio e infatigável; e dotada de uma memória de rara nitidez brilhando através de imaginosa e encantadora loquacidade servida e floreada pelo vivo e pitoresco dialeto gauchesco.²⁷⁶

Será através da voz de Blau Nunes que as histórias serão apresentadas. Os contos resultam da experiência pessoal de Blau, situações por ele vividas ou presenciadas, ainda narrativas que ouviu contar e que agora recupera. Ao transformar Blau no narrador, Lopes Neto possibilitou o uso da linguagem oral. Afastando-se da linguagem que era própria de um homem culto como João Simões Lopes Neto, a personagem/narrador permite o uso de uma linguagem campeira. Fortemente marcado pela subjectividade e pela emoção, o narrador homodiegético de Lopes Neto narra as aventuras dos protagonistas de modo a situar o seu leitor nos corredores da História e

²⁷⁶ João Simões Lopes Neto, *Contos Gauchescos*, Editora Martin Claret, 2002, p. 16

da tradição Sul-Rio-Grandense. Ao longo da obra, é insinuada a presença de um diálogo constante entre Blau e o seu acompanhante, que acaba por ser o próprio leitor. Através desta espécie de oralidade, é reforçada a presença do dialecto tradicional – timbre do Regionalismo. Segundo Álvaro Lins, as marcas de oralidade vincadas poderão ser, em parte, responsáveis pela pouca difusão das obras de Simões Lopes Neto além das fronteiras do Rio Grande:

Confesso que jamais pude compreender e sentir de modo completo a arte de Simões Lopes Neto. A sua linguagem regionalista constitui um obstáculo quase invencível. Quase direi que para entendê-lo será preciso o aprendizado de uma nova língua, a sua língua.²⁷⁷

O narrador é também personagem e as suas características são as mesmas de todos os outros gaúchos por ele apresentados.

A narrativa constrói a imagem idealizada do gaúcho: homem honrado e corajoso. Para além desta personagem colectiva, surgem algumas personagens históricas, entre elas a figura de Bento Gonçalves da Silva.

No Prefácio, um dos sinais usados para qualificar Blau Nunes é o facto de este ter servido sob as ordens de Bento Gonçalves. Blau Nunes faz referência a diversas personalidades históricas que, apesar de não serem apresentadas como superiores²⁷⁸, lhe merecem respeito e a quem teve orgulho em servir:

mantendo o seu aprumo de forriol farroupilha, que foi, de Bento Gonçalves...²⁷⁹

Blau Nunes é dotado de uma memória precisa, enumerando acontecimentos que decorreram ao longo dos seus oitenta e oito anos de vida e que marcaram a história do Brasil. Não esquecendo nenhum pormenor significativo da história Sul-Rio-Grandense, esta memória aqui apresentada é, sem dúvida, uma memória colectiva mas não deixa de ser subjectiva e individual à personagem ficcional.

O narrador da história, o humilde e genuíno Blau Nunes, deixa transparecer ao longo dos contos a sua admiração por Bento Gonçalves, como se lê em “Duelo de Farrapos”. Ainda que não critique directamente os seus opositores, como é o caso de

²⁷⁷ António Ferro, Oscar Fontenelle (Dir.), *Atlântico: Revista Luso-Brasileira*, Nova Série, Nº2, Lisboa, Edição do S.N.I. e D.N.I., p. 109

²⁷⁸ *Chasque do Imperador*.

²⁷⁹ João Simões Lopes Neto, *Contos Gauchescos*, Editora Martin Claret, 2002, p. 16

Onofre Pires, a superioridade dos valores e das qualidades de Bento Gonçalves acaba por servir de exemplo e modelo aos líderes rio-grandenses:

Os ferros iam tinindo. E nisto, o coronel deu um – ah! – furioso, caiu-lhe da mão a espada... e a sangueira coloreou pelo braço abaixo, desarmado, entregue!...
Pra um que quisesse aproveitar... Mas qual! aqueles não eram gente disso, não!
O general tornou a cravar a espada na terra e veio ao ferido com bom jeito.
Pegou no braço, viu o ferimento; e com um lenço grande que levantou do chão, do lado do chapéu, atilhou o talho para estancar o sangue.
O outro, calado, nem gemia.
Depois o coronel tornou a pegar da espada, fez uma inclinação de cabeça ao coronel e caminhou para cá...²⁸⁰

Do mesmo modo que Blau Nunes serve de medida para o gaúcho corajoso e honrado, Bento Gonçalves surge como personagem-modelo, a partir da qual todos os líderes devem tirar inspiração.

A GUERRA DOS FARRAPOS DE ALCY CHEUCHE

As obras de Alcy Cheuche²⁸¹ são de temática histórica, contudo, abrangem uma vasta linha temporal não se resumindo aos episódios mais destacados.²⁸²

A acção de *A Guerra dos Farrapos* desenrola-se no Rio Grande do Sul e centra-se nos principais acontecimentos da Revolução Farroupilha. Por motivos de ascendência de simpatizantes dos imperiais, Cheuche não toma um partido claro: ele enaltece os

²⁸⁰ João Simões Lopes Neto, “Duelo de Farrapos”, In *Contos Gauchescos*, Editora Martin Claret, 2002, p. 103

²⁸¹ Alcy Cheuche nasceu em Pelotas a vinte e um de Julho de 1940. Com apenas quatro anos mudou-se para Alegrete, local onde passou a infância e adolescência. Cheuche, tendo origens libanesas, descende de família de fortes tradições gaúchas, que esteve presente nos grandes momentos do Rio Grande do Sul e é descendente directo do tenente-coronel João da Silva Tavares, Visconde do Serro Alegre, um dos primeiros opositores ao movimento farrapo. Cheuche conciliou o curso de medicina veterinária com a produção literária. Após a conclusão do seu curso partiu para a Europa onde continuou a sua formação não deixando de manter ligação ao Rio Grande e à literatura.

²⁸² Romances: *O Gato e a Revolução*; *Sepé Tiarajú – Romance dos Sete Povos das Missões*; *O Mestiço de São Borja*; *A Guerra dos Farrapos*; *Ana Sem Terra*; *Lord Baccarat*; *A Mulher do Espelho*; *Nos Céus de Paris – Romance da vida de Santos Dumont*; *Jabal Lubnàn, as aventuras de um mascate libanês*; *Sepé Tiarajú – Revista em quadrinhos*.

Crónicas: *O Planeta Azul e Na Garupa de Chronos*.

Teatro: *O Pecado Original*.

Poesia: *Meditações de um Poeta de Gravata*; *Entre o Sena e o Guaíba*; *Versos do Extremo Sul*; *Antologia Poética*.

heróis farroupilhas, reconhece o seu valor, reconhece o heroísmo e capacidade de liderança de Bento Gonçalves. O autor retrata-o como um ser humano que tem desejos, dores, capacidade de sofrer. Não se inibe de referir que o herói farroupilha procurou conforto no álcool no início da clausura; não evita abordar o suplício passado por este devido à infestação de pulgas. Naquele espaço não se coíbe de referir os desejos sexuais que assolam o líder farrapo.

Alcy Cheuiche apresenta de forma admirável a melancolia e a dor de Bento Gonçalves prisioneiro no Rio de Janeiro. Numa descrição que o afasta do ideal imaginário e que o aproxima das mais elementares emoções humanas, o autor encaminha para o herói farroupilha as saudades que ele próprio sente dos pampas sulinos. Num apelo à simpatia do leitor, Bento Gonçalves da Silva é caracterizado com valores que o ligam ao receptor. Dotado de características humanas com que o leitor se pode identificar, o líder farrapo ganha a confiança e a admiração dos leitores.

O homem barbudo acordou em sobressalto. Banhado em suor. Um tique nervoso a lhe entortar a boca. Por alguns instantes, apertou os olhos fechados. Queria manter na mente a ilusão do sonho. O sonho em que dormira nos braços da sua mulher. Por duas vezes tinham feito amor. Com tanta verdade e paixão que o sêmen brotara espontâneo de suas entranhas. Ofegante, respirando pela boca, foi abrindo lentamente os olhos. No sonho, fora acordado pelo relincho de um cavalo. Saltara da cama, abrira a janela do quarto e ficara a contemplar o amanhecer. [...] O homem abriu os olhos, devagarinho. A escuridão era completa. Gotas de suor lhe salgavam a boca. Como recebera ao acordar, ainda estava na prisão.²⁸³

Desde sempre que a Literatura molda e altera factos históricos de modo a enriquecer os seus enredos. Por vezes, essas alterações provocam uma deturpação na história que a afasta muito da realidade em que é baseada. Essa “história alternativa” acaba por se tornar a realidade histórica dos leitores que, em grande número, não distinguem a realidade da ficção.

O Rio Grande do Sul tem como representante máximo o gaúcho, o homem da campanha que teve na Revolução Farroupilha o palco para as suas façanhas, os heróis da Revolução não foram esquecidos e continuam hoje a ser símbolos do Rio Grande. Cheuiche apresenta os dois lados do combate, ao longo da obra é possível encontrar marcas da sua subjectividade mas não se inibe de criticar os dois lados da Revolução quando o acha conveniente:

²⁸³ Alcy Cheuiche, *A Guerra dos Farrapos*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, p. 52 e 54

Malditos rio-grandenses! Negrada infame que olhava os brancos como iguais. Gringos de fala atravessada. Índios vestidos de gente. Todos correndo a cavala pelas ruas estreitas. Invadindo as casas dos homens honestos que partiram. Olhando com luxúria para as mulheres. Especialmente para a sua.²⁸⁴

O excerto apresentado critica ambas as facções: os farroupilhas (aqui apresentados como rio-grandenses) são acusados de pilhar as casas abandonadas pela guerra e os legalistas são acusados de xenofobia em relação a diferentes raças (negros e índios) e a diferentes nacionalidades.

OS VARÕES ASSINALADOS DE TABAJARA RUAS

A obra *Os Varões Assinalados*, do autor rio-grandense Tabajara Ruas,²⁸⁵ apresenta cronologicamente os dez anos da Revolução Farroupilha. São narrados os momentos fulcrais da Revolução, desde as negociações que fracassaram e deram início à longa guerra, às marchas, aos amores, ódios, vitórias e derrotas, prisões e fugas. O romance permite ainda compreender todos os elementos que este conflito envolveu. O espaço da narração não se limitou às fronteiras do Rio Grande, transbordou por todo o Império.

O tempo da narrativa limita-se à duração do conflito, como se se tratasse de um ser orgânico, acompanhamos o nascer da Revolução e terminamos a narrativa com o assinar do tratado de paz. A existência dos protagonistas fora dessa cronologia é ignorada.

O seguimento cronológico apresentado permite testemunhar a evolução dos seus intervenientes, em especial Bento Gonçalves da Silva. O leitor torna-se testemunha do degradar da saúde do grande General. Apesar de a obra não girar exclusivamente em redor da personagem de Bento, ele é um dos protagonistas. Bento era um líder

²⁸⁴ Alcy Cheuiche, *A Guerra dos Farrapos*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, p. 105

²⁸⁵ Tabajara Ruas nasceu em 1942, é um conceituado escritor e reconhecido cineasta. Entre as suas obras destacam-se *A Região Submersa*, *O Amor de Pedro por João*, *Os Varões Assinalados*, *Perseguição e cerco de Juvêncio Gutierrez* e *Netto perde sua alma*. Para além de diversas obras adaptadas ao cinema, Ruas realizou três obras cinematográficas: *Netto Perde Sua Alma*, *Brizola- Tempos de Luta* e *Netto e o Domador de Cavalos*. A proximidade do autor em relação ao cinema transmite à sua literatura características visuais intensas, sendo quase impossível não vislumbrar a movimentação das personagens da narrativa. As suas obras alcançam um ritmo a que a sétima arte nos habituou. As suas descrições épicas parecem ter sido criadas para a adaptação cinematográfica, forçando o leitor a desempenhar um papel activo de visualização dos momentos bélicos.

carismático, era seguido pelos seus homens quase religiosamente. É um homem de personalidade forte e carisma de herói. Ainda que inicialmente não se pretendesse separatista, o movimento liderado por Bento Gonçalves entra em guerra contra um Império em que ele acreditava. Bento não era republicano mas tornou-se no primeiro Presidente da República Rio-Grandense.

era preciso mostrar aos inimigos seu grande trunfo. Era preciso mostrar Bento Gonçalves. E tal foi feito com requintes de cerimonial litúrgico, quando, num crepúsculo de Dezembro quente e avermelhado, o presidente da república visitou as forças republicanas que sitiavam a capital. Bento Gonçalves desfilou nas linhas mais avançadas do cerco, ao lado de Netto, montado num garanhão árabe que ganhara dos oficiais em louvor do seu regresso. Desfilou, lentamente, acenando para os soldados que o aplaudiam.²⁸⁶

Bento Gonçalves da Silva surge-nos, com Tabajara Ruas, como um herói ao estilo do Rei Artur: um líder amado pelos seus companheiros e pelo povo que, tal como os cavaleiros da Távola Redonda, não se inibe de ouvir as opiniões e sugestões dos seus colegas, ainda que estas se venham a revelar desastrosas.

Com Tabajara Ruas, as personagens históricas convertem-se em mitos e a Revolução Farroupilha, em uma aventura épica vivida pelos “varões” verdadeiramente “assinalados”. Contudo, Tabajara Ruas admite que se baseou nas informações do historiador Alfredo Varela que, segundo Moacyr Flores, defendia a Revolução Farroupilha como integrante do ciclo de revoluções do Prata.²⁸⁷ Das suas teses destacam-se a proximidade entre Bento Gonçalves e Lavalleja, para além do seu casamento com uma uruguaia e da sua residência em Cerro Largo, a estância Leonche, onde desempenhou as funções de alcaide. Tabajara Ruas apresenta essa proximidade entre os caudilhos de ambos os lados da fronteira, no entanto, não o faz de modo demasiado ostensivo. Numa época em que os rio-grandenses recorrem ao seu passado para servir de modelo ao seu futuro, o autor sentiu necessidade de manter a individualidade do povo sulino, de acentuar as diferenças que o afastam do restante povo brasileiro sem, todavia, o aproximar demasiado dos vizinhos do Prata.

²⁸⁶ Tabajara Ruas, *Os Varões Assinalados*, Porto Alegre, L&PM, 2003, p. 270 e 271

²⁸⁷ Alfredo Varela apresenta como modelo político dos rebeldes farroupilhas a Federação Argentina, fundamentando-se na correspondência e nos acordos entre os chefes farrapos e caudilhos platinos. [...] Bento Gonçalves da Silva [...] deu cobertura a Lavalleja [...] boatos de que o caudilho oriental pretendia implantar uma federação, desmembrando a província do Rio Grande do Sul do Império do Brasil. In Moacyr Flores, *Modelo Político dos Farrapos*, 4ª edição, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996 p. 20

Estamos esquecendo nossos amigos da Banda Oriental. Pedro, o irmão de Braga, está em Montevideu fazendo contatos, visitando embaixadas. Precisamos tomar providências nesse sentido, e com urgência.” Lucas de Oliveira ergueu a mão. “Não sou dos que acalentam o sonho de uma Federação platina, mas nada poderemos fazer sem uma política inteligente de aliança com nossos vizinhos.” O belo Lucas gostava de ouvir a própria voz e todos sabiam disso. “Precisamos enviar alguém para estabelecer contatos permanentes. Nossas feridas ainda são recentes e a desconfiança é mútua, mas dificilmente o sonho da república na Província germinará sem o apoio, a solidariedade e a compreensão de nossos vizinhos.”²⁸⁸

A PROLE DO CORVO DE LUIZ ANTÔNIO DE ASSIS BRASIL

Luiz Antônio de Assis Brasil²⁸⁹ conseguiu, em *A Prole do Corvo*, editado em 1977, conjugar plenamente História e Ficção. Não se limitando a apresentar os nobres “factos” da História do Rio Grande, Assis Brasil desmitifica a Revolução Farroupilha e enfatiza os aspectos que, até então, tinham sido encobertos. No dizer de Fabrício Flores Fernandes,

Assis Brasil desconstrói a historiografia oficial, acrescentando sentimentos de personagens que são ignoradas pelas crônicas factuais, ou seja, daqueles seres comuns que se deparam com os acontecimentos sem nem mesmo saber por quê, alheios à sua função nos (des)caminhos da história. Através de uma escritura que se utiliza, como cenário, de aspectos conhecidos da história do Rio Grande do Sul, os romances apresentam versões outras das que atestam os livros de História, que se pretendem objectivos. Na obra de Assis Brasil não há heróis, não há personagens míticas; há, apenas, seres de carne e osso, movidos pelos seus próprios interesses.²⁹⁰

Assis Brasil encontra na obra histórica, social e antropológica de Moacyr Flores, o suporte fundamentado que lhe permite enquadrar a sua narrativa. Ambos defendem a

²⁸⁸ Tabajara Ruas, *Os Varões Assinalados*, Porto Alegre, L&PM, 2003, p. 70

²⁸⁹ Luiz Antônio de Assis Brasil nasceu em Porto Alegre a 21 de Junho de 1945. Acumula a sua formação em Direito com o título de Doutor na área das Letras. Para além da formação académica, Luiz Antônio teve formação musical e militar. Foi através da Literatura que Assis Brasil se destacou. Fazem parte da sua bibliografia: *Um quarto de légua em quadro*, 1976; *A Prole do Corvo*, 1978; *Manhã Transfigurada*, 1982; *As Virtudes da Casa*, 1985; *O Homem Amoroso*, 1986; *Cães da Província*, 1987; *Videiras de Cristal (A Paixão de Jacobina)*, 1990; *Bacia das Almas*, 1992; *Perversas Famílias*, 1992; *Pedra da Memória*, 1993; *Os Senhores do Século*, 1994; *Concerto Campestre*, 1997; *Anais da Província-Boi*, 1997; *Breviário das Terras do Brasil*, 1997; *O Pintor de Retratos*, 2001; *A Margem Imóvel do Rio*, 2003; *Música Perdida*, 2006; *Ensaio Intimos e Imperfeitos*, 2008.

²⁹⁰ Fabrício Flores Fernandes, *A ficção de Luiz Antônio de Assis Brasil e o discurso histórico*, In *Vidya*, Revista do Centro Universitário Franciscano, v. 19, nº34, Santa Maria, Julho/Dezembro 2000, p. 124

Revolução Farroupilha como um movimento exclusivo das classes dominantes, em que o povo e demais subordinados intervieram de acordo com a sua condição de inferioridade: “a Revolução Farroupilha, contrariamente ao que se abusou de tanto dizer, foi, na realidade, um movimento liberal, de minoria, apoiada economicamente e militarmente pelas classes dominantes”.²⁹¹ Luiz Antônio de Assis Brasil encara os registos históricos como falaciosos, favoráveis às teorias das classes dominantes. Deste modo, ao invés de procurar, na História, o suporte para a narrativa, o autor apresenta, na ficção, a versão que pensa ter sido ignorada.

O escritor defende o cariz descritivo e reflexivo que a História tem ao analisar um episódio histórico. As conclusões devem ser objectivas e de causa e consequência evitando imprecisões. Por sua vez, a Literatura tem, antes de mais, objectivos estéticos. O autor não critica a associação das duas áreas, não as vê abdicar da sua identidade em situação de associação, contudo, aceita que a Literatura seja subjectiva enquanto que a História é, obrigatoriamente, objectiva.

Luiz Antônio de Assis Brasil tem a percepção de que é impossível para o autor de um romance histórico ser totalmente objectivo. Não tem acesso a todas as circunstâncias que condicionaram um determinado momento na História. É-lhe impossível apreender e expor todas as ocorrências e ângulos que regulam as atitudes das figuras históricas. Para além disso, existe também a possibilidade de recorrer a um contexto histórico simplesmente para inserir temporalmente e geograficamente um enredo ficcional, não recorrendo à veracidade histórica para desenvolver o seu argumento. Neste contexto não existe uma tentativa de verosimilhança em relação à realidade, o autor recorre aos seus valores e critérios atribuindo-os a um contexto distinto.

Nessa forma literária, toma-se o facto histórico e utiliza-se-o apenas como pretexto para explorá-lo até as suas últimas possibilidades e, em especial, para emitir juízos sobre ele. Trata-se do escritor de hoje, com os critérios sociais e éticos de hoje, que julga o episódio de ontem.²⁹²

O autor introduz na obra a sua ideologia em relação à Revolução Farroupilha. No Prefácio de *Modelo Político dos Farrapos*, de Moacyr Flores, Assis Brasil questiona a mentalidade da maioria que aceita a Revolução Farroupilha na sua condição idealizada. Assis Brasil defende que “não há razão plausível para que se “molde” a História, que é

²⁹¹ Luiz Antônio de Assis Brasil “Prefácio” In Moacyr Flores, *Modelo Político dos Farrapos*, 4ª edição, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996, p. 8

²⁹² Luiz Antônio de Assis Brasil, *Escritos açorianos: a viagem de retorno – tópicos acerca da narrativa açoreana pós-25 de Abril*, Lisboa, Salamandra, 2003, p. 68

uma ciência autônoma, com fins próprios e métodos peculiares, para que sirva subservientemente a propósitos de afirmação de supostas virtudes e de possíveis heroicidades que praticaram os vultos que povoam os livros”.²⁹³

As personagens de *A Prole do Corvo* oscilam entre os dois lados da luta fratricida:

Conta-se que foi legalista por acaso. [...]. Procura descobrir a maneira estranha de falar que, imagina, têm os caramurus e decepciona-se de não serem diferentes dos outros.[...] - Toda gente importante da vila agora é imperial.

- E daí? Não é tudo cristão?

- Mas do jeito que tu falava deles! [...]. E depois, tu ainda usa a farda dos republicanos. [...]. E achou que não tinha importância mudar de lado.

- O Bento Manoel já não se bandeou umas quantas vezes? E continua sendo o Bento Manoel, nele ninguém bota a mão. [...] De mais a mais, os republicanos vão de mal a pior, e a Câmara de Aguaclara já se declarou legalista.²⁹⁴

A maioria age de acordo com interesses e regalias monetárias e partidárias. A ideologia da Revolução é-lhes desconhecida. Disso é exemplo Diogo Ferraz, marido de Laurita. A personagem ilustra o que se passava na Província. Ele tinha sido farrapo e tinha mesmo influenciado o sogro para enviar Filhinho para a guerra ao lado dos republicanos. Quando o padre refere a constituição republicana ele parece estar surpreso.

Com quais deles?

- Como, com quais deles? – fica intrigado, aperta os olhos.

- Legalistas ou republicanos?

- Ora, quem senão os legalistas?

O padre abre as mãos largas e grossas.

- Pois se são todos a mesma coisa, escrevente!

Voltam-se para Francisco Antônio. Este continua: pensem comigo, não é verdade que só os proprietários podem ser eleitos? A constituição do Império e a dos Farrapos não dizem a mesma coisa?

- Alto lá! – Diogo, irônico. – Não me diga que os rebeldes têm até constituição.

- Têm, tenente, e admiro-me que não saiba – dá um riso malicioso. – E talvez, constituição melhor que a nossa.

O coronel limpa o rosto: deixe que o padre fale, tenente. Talvez tenhamos um maragato dentro de casa e não sabemos.

- Bem – continua Francisco Antônio – ambas as constituições só permitem que seja eleito alguém que tenha muito dinheiro. E o dinheiro é um partido único, e dos mais poderosos.

²⁹³ Moacyr Flores, *Modelo Político dos Farrapos*, 4ª edição, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996, p. 7

²⁹⁴ Luiz Antônio de Assis Brasil, *A Prole do Corvo*, Porto Alegre, Editora Movimento, Terceira edição, 1982, p. 56 a 86

- Mas quero lembrar -- diz Fagundes -- que há dois partidos, no Império. A política sempre se fez com eles.

- Dois partidos! -- exclama o sacerdote. - É vosmecê ainda acredita niss? Concorde que a aparência não pode ser melhor: na Banda Oriental são os blancos e colorados, no Império os liberais e conservadores, na província os caramurus e os maragatos, tudo certo. Pois bem, meus senhores, feitas as contas, os dois são uma coisa só, e os dois lados têm a mesma gente: estancieiros, bacharéis, grandes comerciantes, e.

- Padres -- ri Diogo.

- Padres também. Quando um partido está por cima, favorece seus estancieiros, seus bacharéis, seus comerciantes -- olha para Diogo -- e seus padres, inclusive. E daí, o que acontece? -- Bate com o punho vigoroso na mesa -- apeados do poder, os outros fazem a mesma coisa!²⁹⁵

Diogo demonstra não ter conhecimentos políticos suficientes para compreender sequer os valores de uma das facções quanto mais de ambas. O marido de Laurita exemplifica o que se passava na Província: lutava-se porque era natural lutar e tomava-se um partido por motivos exteriores às crenças ou ideais.

Ao contrário do que se lê em *Tabajara Ruas* ou em *Leticia Wierzchowski*, Assis Brasil produz uma obra anti-épica, onde o acto de guerra não é encarado como uma actividade nobre e audaz e os seus intervenientes não são descritos como heróis. As personagens são despidas da sua fachada ideológica. Recorre a um protagonista que odeia a guerra e não a compreende sendo, no entanto, forçado a lutar.

Conta muitas peleias, desde o início da guerra, desde o vinte de setembro, tê guerra! Mas não sabe, não, o Bento Gonçalves já não é mais o mesmo. Passados nove anos, a fome vai apertando, os uniformes se estragando, a política degenerando. Ele mesmo, Cássio, agora briga porque está metido nisto, e pra falar ao certo, não vê bem a finalidade. Mas ele não quebra a cabeça, quem deve quebrar, quem deve, é os coronéis e os majores, e os capitães, e os tenentes e os cabos; porque é bom ser soldado, não precisa pensar, os outros é que resolvem tudo, dizem o que é bom e o que não é, resolvem que comer e que vestir. Verdade que andam escassos de comida e de roupas, mas diabo! Isso acontece sempre numa guerra.²⁹⁶

A obra focaliza a personagem Filhinho, obrigado, pelos revoltosos, a incluir-se no campo de batalha. Por esse acto poupa o pai de se desfazer de mais cavalos para as tropas. A obra aborda temas complexos como a homossexualidade²⁹⁷ e o incesto.²⁹⁸ O

²⁹⁵ Luiz Antônio de Assis Brasil, *A Prole do Corvo*, Porto Alegre, Editora Movimento, Terceira edição, 1982, p. 153 e 154

²⁹⁶ *Ibid.*, p. 49

²⁹⁷ Ao longo da obra surgem breves insinuações de uma possível homossexualidade por parte de Diogo Ferraz, o marido de Laurita: "Ouve a voz da irmã, apagada pela grossura do carvalho: e por quê? --

cerne da obra é o homem comum, o soldado que serve como “carne para canhão” que nada ganha com esta luta e que, muitas das vezes, não sabe sequer o motivo por que luta, seguindo os seus superiores ou interesses.

Bento Gonçalves é aqui desmitificado.²⁹⁹ Apesar de parte da população o idolatrar, Bento perdeu o seu vigor. Os últimos momentos da guerra dão-nos um Bento doente e fraco, desmoralizado pelos rigores e infortúnios da guerra. Bento aparece como melancólico, nostálgico e cansado de uma revolução agonizante. Assis Brasil conseguiu desmitificar Bento como personagem heroicamente mitificada que era na consciência colectiva do povo rio-grandense. Regina Zilberman reforça essa ideia dizendo:

ele é o ídolo derrubado de um altar consagrado pela tradição oficial rio-grandense. Em vez da figura exemplar e leal que figura nos textos regionalistas, temos um líder tirânico e muito pouco amado por seus seguidores. É a esta dessacralização que procede o romance, invertendo o modelo heróico corroborado pelo discurso oficial e pelos interesses da classe proprietária, que tinha em Bento Gonçalves seu grande emblema.³⁰⁰

A Revolução Farroupilha vinha sendo utilizada como símbolo máximo da heroicidade e virilidade do povo do Rio Grande do Sul, e Bento surgia como seu baluarte. Assis Brasil apresenta um Bento Gonçalves bastante diferente. Um homem dividido entre duas lealdades, por um lado a sua lealdade a um Imperador, lealdade que sempre foi assumida e apresentada em todas as obras previamente analisadas. Por outro lado, a sua lealdade para com os seus colegas de armas e para com o povo rio-grandense, que o via como modelo a seguir. Durante os dez anos da Revolução, Bento opta pela sua lealdade para com os companheiros de armas, quiçá devido ao orgulho exacerbado que possuía, que o impelia a manter a sua palavra de honra acima de todos os factores. Este dilema interno de Bento é uma constante na literatura regionalista

pergunta Laurita, como se pedisse algo. A voz de Diogo parece mais próxima, talvez esteja quase junto à porta: porque não, ora essa! Tu não me interessa mais”. In Assis Brasil, Luiz Antônio de, *A Prole do Corvo*, Porto Alegre, Editora Movimento, Terceira edição, 1982, p. 38

²⁹⁸ Filhinho apresenta uma clara atracção física e sexual pela irmã Laurita: “Agora, a cama: a irmã tinha os peitos bem erguidos, e Filhinho esconde a cabeça sob o travesseiro, imaginando: são peitos de Sai Dona, têm que ser de Sai Dona, uma perdida, que não são peitos de Laurita, que Laurita não pode ter peitos assim, tão de mulher. Apesar disso, eram brancos e redondos, o bico pedia que se mordiscassem, assim como faz na dobra da fronha” In Assis Brasil, Luiz Antônio de, *A Prole do Corvo*, Porto Alegre, Editora Movimento, Terceira edição, 1982, p. 39

²⁹⁹ *A Prole do Corvo*, de Assis Brasil, está para a imagem de Bento Gonçalves como *A Porteira Fechada*, de Cyro Martins, para a imagem do gaúcho.

³⁰⁰ Regina Zilberman, *A Literatura Gaúcha*, Coleção Universidade Livre, Rio Grande do Sul, LP&M Editores, 1985, p. 98 e 99

subordinada ao tema farrapo. Bento ganha um cunho de tragédia clássica entre dois “amores” que o exaltam e condenam simultaneamente.

A imagem de Bento Gonçalves no altar de Laurita é oposta à imagem de Bento Gonçalves nos bastidores da Revolução. Numa alegoria ao conceito de História, a História defendida pela maioria saudosista é a que permanece no altar, intocável e inquestionável. Por sua vez, a História verdadeira, aquela que aconteceu nos campos de batalha, mantém-se oculta e afastada da ribalta na esperança de permanecer obscura.

A CASA DAS SETE MULHERES DE LETÍCIA WIERZCHOWSKI

A obra mais conhecida de Letícia Wierzchowski³⁰¹ é *A Casa das Sete Mulheres*, adaptada à televisão com grande sucesso. Contudo, a sua bibliografia³⁰² é vasta e comercialmente bem sucedida. A autora não apresenta uma temática constante nas suas obras: tanto recorre a contextualizações históricas, como opta por ficção actual e variada. As suas obras infanto-juvenis têm sido destacadas recebendo prémios e louvores.³⁰³

A Casa das Sete Mulheres combina História e Literatura. Aparecem os elementos típicos do Rio Grande do Sul: o pampa, o gaúcho, o mito, as batalhas, os heróis, a coragem, o cavalo, o gado, associados à perspectiva das mulheres que ficam afastadas da Revolução. A obra apresenta o Rio Grande do Sul da primeira metade do século XIX, em concreto a década entre 1835 e 1845 – a duração da Revolução Farroupilha.

A narração gira em torno do universo sentimental e afectivo das mulheres da família de Bento Gonçalves.

A obra de Letícia Wierzchowski, *A Casa das Sete Mulheres*, pode ser considerada um romance histórico e, simultaneamente, um romance fantasioso em que realidade e ficção se misturam: a temática central do romance, a Revolução Farroupilha, é baseada

³⁰¹ Letícia Wierzchowski, descendente de polacos, nasceu em Porto Alegre em 1972. Frequentou o curso de arquitectura mas foi a Literatura que a conquistou.

³⁰² Romances e Novelas: *O Anjo e o Resto de Nós*, 1998; *eu@teamo.com.br*, 1999; *Prata do Tempo*, 1999; *A Casa das Sete Mulheres*, 2002; *O Pintor que escrevia*, 2003; *Cristal Polonês*, 2003; *Um Farol no Pampa*, 2004; *Uma Ponte para Terehim*, 2005; *De um grande amor e de uma perdição maior ainda*, 2007; *Os Aparados*, 2009.

Contos e Crónicas: *Anuário dos Amores*, 1998.

Infantil e Juvenil: *O Dragão de Wawel e outras lendas polonesas* (co-autoria), 2005; *Todas as coisas querem ser outras coisas*, 2006; *O Menino Paciente* (co-autoria), 2007; *Era Outra Vez um Gato Xadrez*, 2008; *Semente de Gente* (em edição).

³⁰³ *O Dragão de Wawel e outras lendas polonesas e Todas as coisas querem ser outras coisas*.

em factos reais, do mesmo modo, muitas das personagens e o contexto geográfico também são verdadeiros. No entanto, muitas das personagens foram criadas ou adaptadas de forma a integrar o elenco do romance. A literatura tem um compromisso estético e artístico e não histórico com a verdade.

O objectivo inicial da autora parecia ser o de dar voz a personagens “mudas”, posto que a maioria da literatura baseada em conflitos políticos e militares tinha como personagens quase só figuras masculinas. Leticia Wierzchowski pegou em factos reais e na obra *Varões Assinalados*, de Tabajara Ruas, para contextualizar a personagem Bento Gonçalves da Silva. O propósito nobre da autora não só não foi conseguido como foi contrariado: as personagens femininas, ao invés de se tornarem centrais e emancipadas, surgem como submissas e dependentes das personagens masculinas. A família apresentada é patriarcal, os homens, quer estejam presentes quer estejam ausentes, são o centro da acção. Na ausência dos homens, elas dedicam-se exclusivamente a actividades femininas, como ler, bordar, tocar instrumentos ou fazer comida e agasalhos para o marido e os filhos. Quando os homens regressam, as mulheres da família tudo fazem para lhes agradar. Apesar de afastados, são os homens, em especial Bento Gonçalves, que tomam as principais decisões relacionadas com a administração dos bens. Na obra, é Bento que rege as imposições da guerra e quem determina, através da irmã Antónia, as acções da família e a manutenção da estância.

Seria de esperar que Leticia Wierzchowski desse voz às mulheres mais oprimidas, como era o caso das mulheres escravas, contudo isso não acontece. As escravas aparecem como simples cenário da obra e, quando mencionadas, são apresentadas com comentários pejorativos.

As mulheres e os homens presentes na obra são idealizados. Os dotes de beleza física mais se pautam pelos da actualidade do que pelos da época. Os cabelos negros como a noite, louros como o trigo; os olhos são azuis como o céu ou verdes como a mata; o corpo é perfeito e o amor é fiel.

Rosário era de consistência frágil, pele clara, olhos azuis, cabelos claros e muito lisos. Tinha umas mãos delicadas de segurar cristais. [...] Manuela [...] seu rosto bem-feito, os olhos verdes muito claros, tudo tinha um viço de coisa nova e misteriosa, e a boca abriu-se num sorriso.³⁰⁴

³⁰⁴ Leticia Wierzchowski, *A Casa das Sete Mulheres*, Ambar, 2003, p. 31

A imagem é pouco objectiva e estereotipada de acordo com a época contemporânea. Dúvidas levantam-se quanto à crença de liberdade das mulheres apresentadas na obra. A personagem Perpétua, filha de Bento Gonçalves, apaixona-se por um homem casado e, com o apoio da família, espera ansiosamente que a mulher doente do seu amado morra. Algumas personagens parecem ter sido criadas de modo a dar resposta a uma necessidade comercial da obra, tanto a nível literário como a nível audiovisual. A irmã ficcional de Bento Gonçalves, Maria Manuela, não aparece nos registos históricos da família. Seus quatro filhos, António, Rosário, Mariana e Manuela, surgem como instrumentos de enriquecimento da história: António é o filho perfeito, o preferido da mãe. Ele combate na batalha e sobrevive; Rosário é a filha fútil que introduz o sobrenatural na obra. Vai-se apaixonar por um fantasma, e acaba por se suicidar. Apresenta aspectos similares aos que encontramos numa personagem feminina em *A Prole do Corvo*: Esperança, a filha do estancieiro Emerenciano Gamacho, mantém encontros amorosos com o amado morto. Mariana apaixona-se por um espanhol, Bilbao, inspirado numa personagem real que serviu na Guerra dos Farrapos ao lado de Garibaldi. Com a morte do espanhol, encontra João Gutierrez, um típico gaúcho dos pampas, por quem se apaixona e de quem engravida. Manuela surge como “noiva de Garibaldi”, pois apaixona-se pelo herói italiano. As relações amorosas representadas por estas três irmãs são extremamente actuais, encontramos uma mãe solteira e uma jovem que, contra todos os princípios da época, se recusa a casar com o homem escolhido pela família. Tanto as personagens de Giuseppe Garibaldi como Manuela são inspiradas em pessoas reais. O primeiro é o herói italiano da Revolução Farroupilha e a segunda a noiva de Joaquim Gonçalves da Silva, filho de Bento Gonçalves. A autora tentou ligar duas histórias reais num contexto ficcional, de modo a enriquecê-las. A história de Bento Gonçalves e a História da Revolução Farroupilha não apresentavam os elementos emocionais e românticos pretendidos. Leticia tentou unir duas histórias contemporâneas, mas não intimamente relacionadas. As histórias seriam ricas em aventuras bélicas e amorosas, unidas tornaram-se ainda mais cativantes.

A personagem central deste trabalho é Bento Gonçalves da Silva. Bento Gonçalves é apresentado, no início da obra, como um ser mítico, com uma força e presença que ultrapassam o humano. No final da obra, a personagem vai ganhando aspectos humanos, revelando deterioração física e emocional pelas agruras da guerra.

O próprio narrador expõe a personagem como um ser superior. As únicas personagens que sentem Bento Gonçalves de forma negativa são a sobrinha Rosário e o

próprio Bento, ao admitir a atracção que sente pelas escravas adolescentes. Rosário, desde o início, é apresentada como um ser inferior quando comparada com a família.³⁰⁵ Rosário reprova o tio por motivos fúteis e superficiais: o tio é o responsável por uma guerra que a afastou de bailes e festas. Com o aparecimento de Steban, fantasma de um soldado uruguaio morto, a crítica feita por Rosário fortalece a imagem de Bento Gonçalves como herói militar do Rio Grande do Sul. Portanto, as censuras feitas por esta personagem feminina surgem como modo de enaltecer e não rebaixar o personagem masculino.

BENTO GONÇALVES ENQUANTO PERSONAGEM LITERÁRIA

A personagem ficcional possui características associadas a valores culturais. O herói é imbuído de elementos positivos e o anti-herói de negativos. Ao longo dos anos os valores culturais de uma sociedade modificam-se e, por conseguinte, os aspectos heróicos podem deixar de o ser.

Pode-se exemplificar através da informação sobre a sexualidade de Bento Gonçalves da Silva. Tal como o gaúcho-tipo, Bento é, tanto na Literatura como na Historiografia, descrito como um homem bem sucedido com as mulheres. Ao fazerem essa alusão na Literatura, os autores estudados permitiram uma percepção menos positiva da personagem gaúcha. Segundo as normas culturais actuais, a infidelidade e os romances esporádicos não são vistos como elementos de valorização. O mesmo se pode deduzir da exploração económica, do contrabando. Numa época de limites territoriais imprecisos, a movimentação de pessoas, bens e animais era uma prática vulgar. Ao transpor essa realidade para os padrões actuais, a tradição comercial da época torna-se em acto bárbaro de traição.

Bento Gonçalves, como personagem ficcional, é associado à figura do herói. Por essa via concentra “um certo número de constantes”.³⁰⁶

Na teoria da personagem desenvolvida por Philippe Hammon, são apresentadas algumas constantes que permitem classificar, ou não, a personagem como herói. Essas

³⁰⁵ “Considerou que Rosário era frágil, não herdara a força dos Gonçalves da Silva...” In Leticia Wierzchowski, *A Casa das Sete Mulheres*, Ambar, 2003, p. 37

³⁰⁶ Philippe Hammon, *Para um estatuto semiológico da personagem*, In ROSSUM-GUYON, Françoise Van, HAMMON, Philippe, SALLENAVE, Daniele, *Categorias da Narrativa*, Lisboa, Coleção Vega Universidade

constantes são designadas pelas seguintes expressões: qualificação diferencial, distribuição diferencial, autonomia diferencial, funcionalidade diferencial e pré-designação convencional. O herói é dotado de uma “qualificação diferencial”. Os seus atributos podem ser encontrados em outras personagens, mas em número ou intensidade inferior. Na maioria das obras analisadas, encontra-se a comparação entre Bento Gonçalves e Bento Manuel. Dois homens corajosos de valor inquestionável que se haviam destacado nas lutas de fronteira. Contudo, no confronto entre ambos, Bento Gonçalves da Silva sai destacado pelo sentido de honra e lealdade. Também fisicamente é exercida a distinção entre as personagens, descrito como viril, elegante, atraente e garboso, Bento Gonçalves da Silva suplanta parceiros e adversários.

O herói é investido de uma “distribuição diferencial” está presente em todos os momentos-chave. À excepção da *Prole do Corvo*, Bento Gonçalves da Silva surge em vários episódios das obras, e sempre com papel de destaque. Luiz Antônio de Assis Brasil, ao afastar Bento Gonçalves do herói, remete-o para uma participação efémera e pouco abonatória.

O herói tem uma “autonomia diferencial”: age como personagem individual, afastando-se do colectivo, possui mais autonomia que as outras personagens, embora se relacione com todas. Pode-se encontrar esse perfil da personagem de Bento Gonçalves na descrição dos eventos em São José do Norte, onde, contrariando o grupo farroupilha, ordena a retirada para evitar baixas civis. Tal pode ser encontrado em *Os Varões Assinalados* e em *A Casa das Sete Mulheres*.

Ao herói é associada uma “funcionalidade diferencial”. A personagem assume um papel central para o desenvolvimento dos acontecimentos. Tanto na História como na Literatura, Bento Gonçalves da Silva é uma peça central da Revolução Farroupilha. Sem a sua interferência é provável que o conflito não se tivesse desenvolvido e as suas acções (São José do Norte) foram, sem dúvida, determinantes para o desenrolar dos acontecimentos.

Para além dos traços anteriores, é fundamental que haja um entendimento entre emissor e receptor sobre o carácter excepcional da personagem. Existe uma “pré-designação convencional” daquilo que é o modelo que constitui o herói. Ao descrever a personagem como herói, o autor segue clichés e lugares comuns que, de imediato, o elevam à figura de herói. Ainda que acrescida de outras competências exteriores ao pré-definido, a maioria dos elementos que definem um herói tem de ser comum ao emissor e ao receptor. Por conseguinte, a evolução das qualidades do herói pode alterar a

recepção quanto à intenção do autor. A simples menção do nome de Bento Gonçalves da Silva acciona um conjunto de atributos que lhe são inerentes.

Como personagem histórica, Bento Gonçalves da Silva está dependente do conhecimento que o leitor tem da história e da cultura em que está inserido. As personagens-referenciais, onde se incluem as personagens históricas, “remetem para um sentido pleno e fixo, imobilizado pela cultura”.³⁰⁷ O autor pode sugerir hipóteses e apresentar argumentos mas, no respeito ao facto histórico, não pode alterar acontecimentos.

O romance histórico tenta basear-se em factos reais de modo a contextualizar e apresentar uma verdade possível. Enquanto algumas obras apenas recorrem à História para servir de cenário à acção, e apresentam algumas personagens de maneira a transmitir verosimilhança à narração, outras, mais ambiciosas, buscam retratar elementos históricos que tendem a restringir os acontecimentos narrados a circunstâncias mais precisas (local, data, intervenientes). Ao introduzir documentos históricos o autor deixa clara a sua intenção de mesclar História e Literatura. A selecção dos documentos a introduzir é, ela própria, uma modalidade subjectiva. Ao abordar um tema como a Revolução Farroupilha, onde encontramos uma óptica oficial e uma de simpatia rebelde, a escolha dos documentos exige, desde logo, uma tomada de partido.

Na tentativa de identificar e compreender as diferenças e semelhanças na caracterização da personagem de Bento Gonçalves da Silva, procurar-se-á desenvolver um processo comparativo em relação às cinco obras em estudo.

No que diz respeito à precisão histórica, podemos concluir que *Os Varões Assinalados*, de Tabajara Ruas, é a narrativa mais fiel aos factos históricos. O autor apresenta datas e locais precisos; a sua narrativa dinâmica, verdadeiro documentário bélico, descreve com precisão cinematográfica os conflitos travados nas coxilhas Sul-Rio-Grandenses. Os manifestos de Bento Gonçalves são referidos parcialmente, quer de modo a contextualizar as acções, quer para fortalecer o factor histórico e realista da narrativa. *A Casa das Sete Mulheres*, de Leticia Wierzchowski, age como espelho do trabalho de Tabajara Ruas. As referências históricas são esparsas e pouco relevantes para o desenrolar da narrativa. São referidos em pormenor apenas os factos que interferem com a vida das mulheres na estância: a prisão de Bento Gonçalves em Fanfa

³⁰⁷ Philippe Hammon, *Para um estatuto semiológico da personagem*, In ROSSUM-GUYON, Françoise Van, HAMMON, Philippe, SALLENAVE, Daniele, *Categorias da Narrativa*, Lisboa, Coleção Vega Universidade, p. 88

e a construção dos barcos farroupilhas, junto à propriedade da família.³⁰⁸ As restantes obras analisadas não evocam a totalidade das acções desenvolvidas pelas forças farrapas. Limitam-se à apresentação parcial de momentos concretos, deste modo, não é possível assegurar o rigor histórico da narrativa ou a imparcialidade da mesma.

No caso de João Simões Lopes Neto, para além de referências breves, apresenta-se o duelo entre Bento Gonçalves e Onofre Pires. O narrador salienta o valor dos dois homens, assegura a sua honradez e, para validar a vitória de Bento Gonçalves, defende a sua destreza, coragem e capacidade militar para suplantar Onofre Pires, bem mais jovem e corpulento. Num momento quase bíblico, é a vitória de David frente a Golias. Os recursos históricos parecem apontar para o papel activo e indispensável desempenhado por Onofre Pires, um dos conspiradores iniciais, contudo, na Literatura o seu protagonismo é ofuscado. Num processo que aparenta ter evoluído ao longo das décadas, o papel desempenhado por Onofre sofre decréscimos e surge como o amigo leal de Bento Gonçalves. Onofre, por fragilidade de personalidade, deixa-se influenciar por terceiros que o usam como arma contra o primo Presidente. Numa tentativa bem sucedida de favorecer a inteligência sobre a capacidade física, o duelo entre os dois homens serve de alegoria universal, numa temática que ultrapassa o tempo e o espaço: a capacidade mental, os valores, a honra e a inteligência ultrapassam a força bruta. Bento Gonçalves incorpora assim, para além dos valores intrínsecos ao herói-gaúcho, os valores e qualidades do herói mítico universal. Bento transforma-se num herói que suplanta as fronteiras do Rio Grande do Sul tornando-se um herói ecuménico.

Alcy Cheuiche apresenta episódios esporádicos da Revolução Farroupilha.³⁰⁹ Bento Gonçalves não é o protagonista da narrativa. Os principais intervenientes farrapos são personagens em *A Guerra dos Farrapos*. As acções dos intervenientes são contextualizadas historicamente, mas não são apresentados documentos que fortaleçam o laço entre ficção e História.

Luiz Antônio de Assis Brasil resume a narração de *A Prole do Corvo* ao final da Revolução Farroupilha, evitando os factos históricos fundamentados por documentos

³⁰⁸ A relevância da construção dos barcos remete-se exclusivamente para a possibilidade de interacção entre Manuela e Garibaldi de modo a desenvolver na narrativa a acção sentimental e emocional no romance.

³⁰⁹ Bento Gonçalves surge como personagem nos episódios da invasão de Porto Alegre e consequente resposta por parte do imperiais; na tentativa de fuga da Fortaleza da Laje (gorada devido à incapacidade de libertar o seu colega de prisão, Pedro Boticário); na fuga da Fortaleza do Mar; no regresso ao Rio Grande do Sul e na tomada de posse como Presidente da República Rio-Grandense; nos episódios referentes às acções em Setembrina (Viamão), em Caçapava e em Alegrete no Verão de 1843; no duelo com Onofre Pires e a sua participação no Tratado de Ponche Verde.

que os validem. Assis Brasil dá protagonismo às personagens anónimas, tais como soldados, estancieiros, chinas e mulheres abandonadas ao seu destino. Afastando-se da *mainstream* literária Sul-Rio-Grandense, a ficção não procura fortalecer as tradições e não recorre a factos e documentos históricos que o façam. O autor tenta afastar-se das ideias preconcebidas fortalecidas e reforçadas pelo tradicionalismo gaúcho. Assis Brasil evita as ligações com a História estabelecida.

Através dos documentos fidedignos, que enumeram a existência histórica de Bento Gonçalves, pode-se concluir que o General era um homem de família. Um filho dedicado e bem-amado pelo pai, a quem recorria por afecto e por necessidade económica. As referências a Caetana e aos filhos também abundam: os mais velhos acompanharam o pai na guerra, revelando-se militares dotados, perpetuando o seu legado bélico. Contudo, a Literatura não entra em parceria com a História neste domínio. Dependendo das intenções da narrativa, os contornos familiares de Bento adaptam-se ao projecto literário.

Em *Contos Gauchescos* a família é totalmente ignorada, a situação familiar de Bento Gonçalves não é relevante para os contextos bélicos apresentados.

A Prole do Corvo não faz qualquer referência à família de Bento Gonçalves. Seguindo o propósito do autor, estava na hora de dar protagonismo à família dos menos ilustres intervenientes da Revolução.

Tabajara Ruas, porta-voz da beligerância do confronto, apresenta a família de Bento Gonçalves como cenário fortuito para as acções. A relação com a mulher Caetana é exposta como uma relação saudável, Caetana não é retratada como submissa ao seu marido, não aparenta ser uma mulher intimidada, apesar de lhe tolerar as infidelidades. Caetana é mostrada como uma mulher de vontade própria que contradiz o marido em público, sem se inibir de o caracterizar de forma negativa: “Estou para conhecer criatura mais cheia de vontades do que esta. Parece uma criança.”³¹⁰ É através de Caetana que o narrador nos apresenta as facetas de Bento que ultrapassam o plano familiar e que se manifestam no plano político.

Caetana rezava num oratório. Pedia à Virgem para abrandar seu orgulho. Era homem orgulhoso. Tinha muitos defeitos: gostava da riqueza e do poder, gostava de adolescentes indiáticas na hora da sesta, gostava de pompa. Mas, acima de tudo, tinha esse orgulho de ferro...³¹¹

³¹⁰ Tabajara Ruas, *Os Varões Assinalados*, Porto Alegre, L&PM Pocket, 2003, p. 58

³¹¹ *Ibid.*, p. 181

A relação entre ambos, ainda que próxima, parece ser formal e de cumplicidade mais aparente do que real:

não sabia o que escrever a Caetana. Poderia falar de negócios, recomendar a venda de alguma ponta de gado, dizer que sentia falta dela. Sentou-se à mesa, olhou demoradamente a folha de papel. Melhor não adiar mais.³¹²

Mesmo durante a sua prisão, a maioria das cartas que escreveu eram para amigos e correligionários. Para além de admitir a dificuldade que tem em escrever à mulher, o General reconhece que tem de fazer um esforço para o fazer, ainda que assuma não ter muito jeito para isso.³¹³

Caetana é por vezes apresentada como a mulher troféu, a esposa que o General gosta de exibir em público como forma de reafirmar o seu valor, o seu gosto e o seu sucesso a todos os níveis:

As danças iniciaram-se naturalmente. Bento Gonçalves arrastou Caetana para o centro da sala. Dançaram polcas, valsas, chimarritas. [...] Recolhiam olhares de admiração de todos.³¹⁴

Caetana surge como uma condecoração do General, as suas medalhas validam-no a nível militar e Caetana surge como a sua validação social e pessoal:

Bento Gonçalves cintilava de medalhas. Caetana estava rejuvenescida. Seus olhos brilhavam. Sorrindo sempre, dançou uma valsa sob o olhar de todos, o mais perfeito par do Continente.³¹⁵

Tabajara Ruas faz referência ao lado promíscuo do General farrapo, descobrindo os seus pensamentos mais íntimos, imaginando e “rastreamento gostos de outras salivas quarenta anos atrás”.³¹⁶

Alcy Cheuiche, em *A Guerra dos Farrapos*, não apresenta o General como infiel mas caracteriza o seu casamento de forma menos idealizada e mais humana e física. A ausência de Caetana durante o cativeiro de Bento faz com que ele a deseje sexualmente. Não é em outras mulheres que Bento pensa, não são as adolescentes indiáticas que ele recorda, é com Caetana que ele sonha:

³¹² Tabajara Ruas, *Os Varões Assinalados*, Porto Alegre, L&PM Pocket, 2003, p. 37

³¹³ *Ibid.*, p. 220

³¹⁴ *Ibid.*, p. 58

³¹⁵ *Ibid.*, p. 267

³¹⁶ *Ibid.*, p. 389

Queria manter na mente a ilusão do sonho. O sonho em que dormira nos braços da sua mulher. Por duas vezes tinham feito amor. Com tanta verdade e paixão que o sêmen brotara espontâneo de suas entranhas. Ofegante, respirando pela boca, foi abrindo lentamente os olhos.³¹⁷

Também Leticia Wierzchowski caracteriza sexualmente Bento Gonçalves da Silva, ainda que a obra pretenda salientar o lado familiar do General, as aventuras extraconjugais, abordadas nas outras obras, são recorrentes nesta narrativa.

Encontrou Bento Gonçalves sentado na varanda, tomando um mate. Bento passara boas horas com Caetana, depois tomara um banho, vestira a bombacha, as botas, a camisa branca, bem passada – como eram bons os cuidados femininos –, e agora estava ali, pitando o cigarro de palha que João Congo acabara de fechar. Ainda há pouco vira passar uma cabocla que trabalhava na casa, uma rapariga duns quinze, dezasseis anos, no más, e estava pensando o quanto era apetitosa uma carne jovem daquelas, de moça virgem, que cheirava a coisa nova.³¹⁸

Foi a leitura de *Os Varões Assinalados* que conduziu a autora Leticia Wierzchowski à redacção do livro *A Casa das Sete Mulheres*. Apesar dos distintos modelos de escrita dos dois autores, as duas obras completam-se: *A Casa das Sete Mulheres*, debruçando-se nos aspectos particulares da vida de Bento Gonçalves, remete para informações apresentadas em *Os Varões Assinalados*. Por sua vez, a obra de Tabajara Ruas apresenta um Bento Gonçalves militar. A família raramente é mencionada e, quando o é, aparece num papel secundário e não como uma prioridade para o General. Os filhos aparecem mencionados quando presentes na intriga militar ou no campo de batalha.

Leticia descreve Bento Gonçalves como um marido apaixonado. Apesar dos desejos sexuais por outras mulheres, Bento surge como um bom e dedicado pai, um irmão presente e o patriarca máximo da família. Indo contra a veracidade histórica, a família real³¹⁹ de Bento Gonçalves é substituída pela sua família ficcional.³²⁰ Bento não era o irmão mais velho e, ainda que carismático e líder por natureza, é provável que não assumisse, historicamente, o papel patriarcal que lhe é inculcado. Remetendo para segundo plano os restantes homens da família, literariamente Bento surge como baluarte masculino de um conjunto de irmãs.

³¹⁷ Alcy Cheuiche, *A Guerra dos Farrapos*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, p. 52

³¹⁸ Leticia Wierzchowski, *A Casa das Sete Mulheres*, Ambar, 2003, p. 74

³¹⁹ Bento era o décimo de treze filhos, dos quais nove eram do sexo masculino.

³²⁰ A irmã mais velha Antónia e duas irmãs mais novas Ana Joaquina e Maria Manuela.

Pai dedicado para os filhos, os mais velhos servem com ele na Revolução. Deles exige cumprimento de deveres, não descuidando das suas obrigações. Enquanto líder militar, o General preocupa-se com todos os seus subordinados, os filhos não são exceção. Os filhos mais jovens, ainda que não muito próximos do pai devido às suas constantes ausências, merecem a sua total dedicação e têm nele o modelo a seguir. Em *Os Varões Assinalados*, os filhos de Bento têm necessidade de o fazer orgulhoso, sentem necessidade de provar ao pai o seu valor. Bento alcançou muito ao longo da sua carreira, era bem sucedido pessoalmente e profissionalmente, apenas sendo ambicioso e disciplinado poderia ter alcançado o que conseguiu. Bento não era um modelo fácil de seguir e os seus filhos sentiam essa pressão. Bento Gonçalves era idolatrado, ou temido, sem dúvida respeitado pelos seus familiares que encontravam na sua pessoa, solução para todas as dificuldades.

Marco Antônio e Leão fugiram [...] vendo a mãe rezar horas e horas para a Virgem pedindo vitórias e zelos, quando tudo o que o general Bento, o grande e forte guerreiro e pai, necessitava eram mais espadas para atacar os imperiais. [...] Teve saudades de Bento e sentiu raiva da guerra, que a privava da sua presença e força. Bento já teria achado os filhos, sim, ela tinha certeza. [...] Será que quebrou alguma coisa? Será que chamamos Bento?³²¹

Perpétua, a filha mais velha, ganha, na obra de Leticia Wierzchowski, maneiras que não parecem corresponder à realidade histórica, como seja a ligação com um homem casado. Bento Gonçalves teve uma educação muito marcada pela presença paterna, o homem severo e rígido que aparenta ser, e que surge em *Os Varões Assinalados*, não parece coincidir com a figura apresentada em *A Casa das Sete Mulheres*. Não parece verosímil que Bento tenha, não apenas aceito, mas incentivado a relação amorosa de Perpétua, esperando uma viuvez para realizar um casamento.

Na obra de Leticia Wierzchowski a relação entre Bento e Caetana excede a formal e aparente, insinuada por Tabajara Ruas, o casal mantém uma relação de paixão preparada para suportar a ausência e as traições.

Ser presidente é coisa cheia de compromissos. Mas ser pai é importante para ele. Decerto vem para o Ano Novo, estar com vosmecê e com os filhos dele. [...] Entrou na sal, e o ar pareceu sumir, sugado por seus pulmões. Estava mais magro, sujo de poeira, mas havia nele uma força que se derramava pelo chão, sobre os sofás, pelos cantos dos móveis, e ia trazendo sorrisos aos rostos das

³²¹ Leticia Wierzchowski, *A Casa das Sete Mulheres*, Ambar, 2003, p. 87 a 94

mulheres. - Vem cá, Caetana. Vosmecê precisa me dar um afago. Já estou mui velho para ficar tanto tempo solito.³²²

Sentia uma falta terrível de Bento, da sua presença serena e forte, do seu calor de homem esquentando os lençóis e o seu corpo. Tivera muitos sofrimentos com o marido, coisas das quais nenhum longo casamento escapava; mas sempre soubera fazer vista grossa às sestas de Bento nos quartos dos fundos, aos sorrisos das criadas moças que vinham cuidar da roupa, que coravam ao vê-lo entrar na cozinha. [...] Bento Gonçalves era um homem como outro qualquer, sujeito aos mesmos vendavais da carne, escravo dos instintos, passível de erros. Depois das escapadelas com as criadas, ele voltava para o quarto e sabia ser ainda mais carinhoso; mostrar, enfim, o quanto a queria.³²³

A correspondência, enviada por Bento Gonçalves à família, confirma a intenção de Leticia Wierzchowski de se afastar da relação formal de *Os Varões Assinalados*. As cartas de Bento Gonçalves transmitem os principais acontecimentos políticos e, essencialmente, o seu lado mais humano de irmão, pai e marido:

Sinto muito a sua falta, esposa. Quisera estar ao seu lado, mas os deveres para com a minha terra aqui me seguram. Dê um beijo longo nos meninos, outro nas meninas.³²⁴

Cara Caetana, sei que estas notícias que ora le dou hão de deixar inquieta a sua alma. Peço que tenha calma, e que rezes por esta terra.³²⁵

Ana, aproveito estas linhas, escritas com pressa num alvorecer chuvoso, para contar a vosmecê e às outras o que anda sucedendo connosco. Vamos em plena guerra.³²⁶

Estou vivo, Caetana [...] desde que tive de me entregar ao meu tocaio, o traidor Bento Manuel, meu orgulho tem sido posto à prova, lacerado, forçado nas suas amarras, até o limite da exaustão desta minha alma. E vosmecê sabe, Caetana, o quanto soy un hombre orgulhoso. [...] Que general sou eu, tendo permitido tamanha derrota em Fanfa, e que hoje estou nesta masmorra, confinado numa cela solitária, exposto a suplícios que não hei de le narrar, pois não le quero pensar mais sofredora do que decerto está.³²⁷

Faz muito tempo, Antônia, perguntei se podia contar com usted nesta empreitada, e vosmecê esteve ao meu lado. [...] ainda posso contar com seus préstimos e com a estância?³²⁸

³²² Leticia Wierzchowski, *A Casa das Sete Mulheres*, Ambar, 2003, p. 345 e 346

³²³ *Ibid.*, p. 460

³²⁴ *Ibid.*, p. 50

³²⁵ *Ibid.*, p. 86

³²⁶ *Ibid.*, p. 132

³²⁷ *Ibid.*, p. 153 e 154

³²⁸ *Ibid.*, p. 169

É possível, contudo, vislumbrar nas entrelinhas da narração que a prioridade de Bento Gonçalves não é a família, como podemos concluir através da narrativa aquando da fuga dos filhos Marco Antônio e Leão:

Não queriam mais restar naquela casa com tantas mulheres medrosas, vendo a mãe rezar horas e horas para a Virgem, pedindo vitórias e zelos, quando tudo o que o general Bento, o grande e forte guerreiro e pai, necessitava eram mais espadas para atacar os imperiais.³²⁹

Tabajara Ruas apresenta Bento Gonçalves como um homem com defeitos e como um pai severo:

Caetana rezava num oratório. Pedia à Virgem para abrandar seu orgulho. Era homem orgulhoso. Tinha muitos defeitos: gostava da riqueza e do poder, gostava de adolescentes indiáticas na hora da sesta, gostava de pompa [...]. Bento Gonçalves sempre fora um pai severo.³³⁰

Bento Gonçalves aparenta ser um homem desiludido com os filhos. Os três rapazes mais velhos estudavam no Rio de Janeiro e não tinham aderido ao exército do seu pai. É possível que Bento tivesse preferido que eles estudassem e viessem a ocupar um papel de relevo na Corte. Contudo, a maneira como agem uns com os outros, deixa vislumbrar uma relação fria e pouco emotiva. Os filhos de Bento parecem carecer desesperadamente de aceitação por parte do pai. Apenas após a sua fuga da prisão, quando os rapazes ingressam no exército farroupilha, a relação parece ser mais próxima, ainda que não mais estreita do que com os restantes soldados.

Joaquim aproxima a mão para tocar o rosto enrugado. O general abre um olho. Joaquim retira a mão. “Eu ia acordar o senhor. Está anoitecendo e vai começar o sereno.”³³¹

Aquando da tentativa de resgate de Bento Gonçalves da Fortaleza da Laje, Joaquim sente o perigo da missão, mas deseja que o pai saiba que ele está ali. Joaquim necessita que o pai reconheça o seu envolvimento, que veja que ele é corajoso, que veja que ele é lutador, que ele é idealista. Joaquim necessita que o pai o valorize.

Seu pai está lá dentro e essa verdade não a torna mais bela. Está lá dentro, barba crescida, roupas gastas, sem tomar banho, olhos injetados e unhas compridas, está lá o duro coronel aprisionado e ele

³²⁹ Leticia Wierzchowski, *A Casa das Sete Mulheres*, Ambar, 2003, p. 87 e 88

³³⁰ Tabajara Ruas, *Os Varões Assinalados*, Porto Alegre, L&PM Pocket, 2003, p. 181

³³¹ *Ibid.*, p. 433

vem para salvá-lo. Tem vontade de dizer baixinho, para que o escute, pai, sou eu. [...] Deve manter a calma. É o filho do presidente da República Rio-Grandense e veio na grave missão de libertá-lo. [...] ... desalentados com o fracasso da libertação de Bento Gonçalves. Joaquim era o mais deprimido.³³²

A descrição física retrata Bento Gonçalves como homem de porte atlético. No entanto, os autores contradizem-se.³³³ As suas proezas a cavalo (reconhecidas pelo próprio Garibaldi); as suas façanhas com a espada, quer na adolescência quando derrotou um reconhecido arruaceiro local, quer na meia-idade, quando derrotou o primo Onofre, dez anos mais novo e descrito como um gigante, e a sua fuga a nado do Forte do Mar confirmam esses elementos.

O gaúcho era o herói anónimo. Com o desenvolvimento da situação política e social, tornou-se fundamental associar a figura abstracta a um nome concreto, a um elemento que funcionasse como baluarte, como bandeira para um movimento regional de fortalecimento social e cultural. Garibaldi não era rio-grandense; Neto abandonou o Brasil e partiu para o Uruguai; sobre Canabarro paira a desconfiança da traição em Porongos; restava Bento Gonçalves da Silva. O General liderou a Revolução e foi Presidente da República Rio-Grandense. Sob as suas ordens marcharam exércitos que o idolatravam. A Literatura consagrou-o e a ele associou qualidades superiores formadoras do gaúcho.

A caracterização varia dependendo da intenção do autor. Em João Simões Lopes Neto, nos primórdios da literatura regionalista, a imagem de Bento Gonçalves corresponde à figura do gaúcho-tipo: o gaúcho era viril e atraente, do mesmo modo Bento Gonçalves:

Daí a pouco apareceu um outro oficial, mocetão bonito, que era major. Este chamava-se Bento Gonçalves, que depois foi meu general, nos Farrapos.³³⁴

A coragem e a ferocidade militar eram indispensáveis a um gaúcho, sem nunca recuar no campo de batalha, o gaúcho é o combatente por excelência:

³³² Tabajara Ruas, *Os Varões Assinalados*, Porto Alegre, L&PM Pocket, 200., p. 212 e 213

³³³ As descrições evoluem do muito baixo até um homem de alta estatura, contudo, e uma vez que este trabalho se resume às obras em análise, essa questão não será aprofundada.

³³⁴ João Simões Lopes Neto, *Contos Gauchescos*, Editora Martin Claret, 2002, p. 84

O major Bento Gonçalves formando a cavalaria, aguentava como um taura, as cargas do inimigo, para ir entretanto, e dar tempo à nossa gente de quadrar-se, unida.³³⁵

Com a morte de Paulino da Fontoura, o confronto entre Bento e Onofre deixou claro que ambos os homens, gaúchos verdadeiros, eram honrados e homens de palavra. Suplantando o seu adversário quer pela força quer pela inteligência e pela honradez, Bento Gonçalves sagrou-se vencedor e, por consequência, imortal na literatura rio-grandense:

O general Bento Gonçalves era sacudido no jogo da espada preta; meneava o ferro, que chispava na luz, como uma fita de espelho; o coronel Onofre parava os botes e respondia no tempo, mas com tanta força que a espada assobiava no coriscar.

Nisto o general pulou para trás, fincou a espada no chão e pegou a tirar o tacão da bota, que se despregara.

O coronel encruzou os braços, e a espada dele ficou dependurada da mão, como um prego.

Pra um que quisesse aproveitar... Mas qual... aqueles não eram gente disso, não!³³⁶

Os ferros iam tinindo. E nisto, o coronel deu um – ah! – furioso, caiu-lhe da mão a espada... e a sangueira coloreou pelo braço abaixo, desarmado, entregue!...

Pra um que quisesse aproveitar... Mas qual! aqueles não eram gente disso, não!

O general tornou a cravar a espada na terra e veio ao ferido com bom jeito.

Pegou no braço, viu o ferimento; e com um lenço grande que levantou do chão, do lado do chapéu, atilhou o talho para estancar o sangue.

O outro, calado, nem gemia.

Depois o coronel tornou a pegar da espada, fez uma inclinação de cabeça ao coronel e caminhou para cá...³³⁷

- agora veja vancê si não foi mesmo fungu daquela tal dona-emissária dum dos dois sorros castelhanos – que veio transformar tanta amizade dos farrapos?...

Ela só não pode foi mudar o preceito de honra deles: brigavam, de morte, mas como guascas de lei: leais, sempre!

Pois não viu, naquelas duas vezes?... Pra um que quisesse aproveitar...

E creia vancê, que lhe rezei este rosário sem falha duma conta, apesar de já sentir a memória mais esburacada que poncho de calavera...

Pois faz tanto ano!...³³⁸

³³⁵ João Simões Lopes Neto, *Contos Gauchescos*, Editora Martin Claret, 2000, p. 84

³³⁶ *Ibid.*, p. 102

³³⁷ *Ibid.*, p. 103

³³⁸ *Ibid.*, p. 103

O narrador da história, o humilde e genuíno Blau Nunes, deixa transparecer ao longo dos contos³³⁹ a sua admiração por Bento Gonçalves. Ainda que não critique os seus opositores, como é o caso de Onofre Pires, a superioridade dos valores e das qualidades de Bento Gonçalves acabam por servir de exemplo e modelo, ou seja, do mesmo modo que Blau Nunes serve de bitola para o gaúcho corajoso e honrado, Bento Gonçalves vai surgir como personagem modelo a partir da qual todos os líderes devem tirar inspiração.

Alcy Cheuiche descreve Bento Gonçalves. Autor mais realista do que idealista, aprofunda a faceta mais concreta e humana em vez da metafísica. Bento Gonçalves é caracterizado de acordo com o aspecto físico associado ao gaúcho-tipo, assim sendo, Bento:

era um homem de estatura mediana para alta, esbelto e flexível. O cabelo crespo, de um castanho agrisalhado, coroava-lhe a testa invadia-lhe, em amplas suíças, o rosto cuidadosamente escanhado. Simpático por natureza, tinha o sorriso fácil e as maneiras de um cavalheiro. Mas quem já o vira encolarizado sabia-o capaz de enfrentar qualquer inimigo. Com apenas 13 anos de idade já era um espadachim consumado e matara em duelo um ferrabrás de nomeada na vila de Triunfo, onde nascera. No dia 23 de setembro completaria 47 anos de idade, metade dos quais passara guerreando na Província de São Pedro e na Cisplatina.³⁴⁰

Do mesmo modo que o gaúcho absorve dos pampas a vitalidade que lhe permite sobreviver, apenas a sua china e o seu cavalo o fazem abstrair-se da vastidão das planícies, embora não a substituam. Bento Gonçalves capta essa mesma temática, enquanto está na Corte para se defender das acusações de traição. Os morros o consomem e, fora do seu ambiente, o General apenas tem o consolo da lembrança da sua mulher e do seu cavalo:

Esqueci tudo, menos da minha mulher e do meu cavalo. Essas montanhas todas me abafam, me esmagam. Nasci e me criei nas planícies. Gosto de sentir o vento no rosto e enxergar o pampa a perder de vista. Em quarenta e cinco anos de vida agitada, no meio de guerras desde 1811, nunca tinha me sentido tão abatido moralmente.³⁴¹

³³⁹ *Melancia Coco Verde; O Anjo da Vitória; Duelo do Farrapo.*

³⁴⁰ Alcy Cheuiche, *A Guerra dos Farrapos*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, p. 19

³⁴¹ *Ibid.*, p. 56

A obra de Alcy Cheuiche é menos fantasiosa do que *A Casa das Sete Mulheres*, que aborda o mesmo tema. Na obra de Leticia Wierzchowski, Bento Gonçalves surge retratado de forma quase mítica e superior: ele é como Ulisses, o herói grego que abandona a mulher para ir para batalha. É um ser quase deificado. Em *A Guerra dos Farrapos* a perspectiva é outra, Bento é um ser humano, com defeitos e qualidades, que se destaca devido às suas acções.

Leticia escreveu um romance que se constrói em redor de emoções e sentimentos. O seu principal objectivo era criar uma obra literária que fosse bem aceite pelo público, uma obra *mainstream*, que agradasse e não levantasse dúvidas ou problemas. A obra está contextualizada na Revolução Farroupilha e muitos das personagens envolvidas são baseadas em personagens reais. No entanto, a construção das personagens é pouco realista. O principal objectivo da obra aparenta ser o de corresponder às exigências do mercado, criando personagens cativantes.

Leticia Wierzchowski admite que foi influenciada por Tabajara Ruas, contudo, para além da interferência óbvia de *Os Varões Assinalados*, também se pode encontrar paralelismos com *A Prole do Corvo*, como a recorrência a uma mulher demente (pelas imposições da guerra) que se apaixona por um morto.

Para além das influências de obras concretas, pode-se concluir que a autora foi influenciada por uma cultura global rica em mitos universais: as suas mulheres, tal como Penélope, esperaram submissas durante dez anos para que os seus “Ulisses” regressassem do campo de batalha.

A autora procurou salientar a figura feminina durante os anos da Revolução. A sua prioridade parecia ser a confirmação da capacidade da mulher gaúcha em manter a estância e a casa em funcionamento. Parece ter sido melhor concretizada esta expectativa em *A Prole do Corvo*, apesar de não ser, talvez, esta a intenção inicial de Luiz Antônio de Assis Brasil. Com a ausência de Filhinho e com a morte do Coronel Chicão Paiva, é Laurita quem assume as rédeas da fazenda, tornando-se o símbolo da verdadeira mulher Sul-Rio-Grandense da década farroupilha. Ao invés de se cingir aos labores femininos e à manutenção do lar, a mulher assumiu os encargos masculinos, assegurando as actividades pecuárias e agrícolas.

Simões Lopes Neto apenas retrata a imagem popular de Bento Gonçalves. Aquando da redacção dos *Contos Gauchescos*, a Revolução Farroupilha estava terminada, mas não esquecida. Devido à proximidade dos acontecimentos, os aspectos negativos tendem a ser reduzidos, enquanto os positivos tendem a ser dilatados. Deste

modo, a representação de Bento devia coincidir com a defendida pela população em geral.

A estadia na prisão afectou não apenas a capacidade física de Bento, mas também a sua capacidade moral. Essa é uma perspectiva muito diferente daquela encontrada em *A Casa das Sete Mulheres*, onde a personagem raramente é representada como um típico e frágil ser humano. Ainda que esta perspectiva o afaste da personagem idealizada de Letícia Wierzchowski, Alcy Cheuiche denuncia que o consolo pelo álcool e o gosto pela bebida são, também eles, elementos anteriormente associados à imagem do gaúcho:

Pegou novamente a garrafa de aguardente e bebeu um gole comprido. Não gostava do gosto da bebida, mas necessitava da tontura. Nunca bebera antes de ser aprisionado. A não ser um cálice de vinho do Porto, em ocasiões de festa. Agora beberia muito, se houvesse bebida à vontade. Mas não havia. Seu ordenança, o negro Nico Ribeiro, é que conseguiu a cachaça e alguma comida com amigos da causa liberal e as introduzia na prisão, subornando os carcereiros.³⁴²

Apesar de apresentadas as fragilidades da personagem, o seu altruísmo e coragem são evidenciados. Do mesmo modo que, supostamente, se entregou para poupar a vida aos seus companheiros, Bento Gonçalves recusa abandonar a prisão sem o seu parceiro de cela.³⁴³ Ainda que fragilizado, Bento Gonçalves tenta a fuga a nado por mar. O forte gaúcho, como exemplo eficaz da sua “raça”, consegue atingir os seus objectivos apesar das dificuldades da sua empresa:

Espichando o corpo na horizontal, o prisioneiro começou a nadar com a maior rapidez possível. Nadava com a cabeça fora de água, os olhos fixos na canoa, que crescia cada vez mais a sua frente. Nadava com raiva, com convicção. Não tardou em vencer mais da metade da distância. Depois começou a sentir um entorpecimento no corpo. Um início de câimbra na perna esquerda. Mas não diminuiu o ritmo das braçadas. Até quase bater com a cabeça no casco da canoa. [...] Bento sentia-se melhor. O vento lhe dava em cheio no rosto. O coração voltara ao ritmo normal. Sentia apenas um leve enjoo e muita sede. Mas essas coisas estava acostumado a suportar. [...]

- De que raça o senhor é, moço?
- Sou do Rio Grande. Uma raça dura.³⁴⁴

Mesmo com o azar a acompanhá-lo durante o decénio farroupilha, Bento Gonçalves era um líder por excelência e nem a falta de resultados alterava essa situação:

³⁴² Alcy Cheuiche, *A Guerra dos Farrapos*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985. p. 63

³⁴³ *Ibid.*, p. 67

³⁴⁴ *Ibid.*, p. 84 a 88

A Brigada da Direita não queria receber ordens de Alencastre ou de mais ninguém do governo, com exceção de Bento Gonçalves.³⁴⁵

Seguindo o modelo atribuído ao gaúcho, Bento Gonçalves é leal e honrado. Não tenciona enfrentar o primo, mas as acusações do opositor, dirigidas à sua honra, impossibilitam outra saída que não o embate. Ainda que coagido por Onofre, a todo o custo o General tenta não derramar o seu sangue, tal não é possível. As tentativas fracassadas por parte de Bento para poupar a vida de Onofre saem frustradas, Onofre sucumbe devido aos ferimentos. É recorrente, na literatura rio-grandense, atribuir a responsabilidade do duelo a Onofre que não deixou outra alternativa ao General farroupilha para salvar a sua honra.

Bento apara os golpes com maestria. Cada um capaz de decepar-lhe um braço. Desvia o corpo de repente e espicha uma estocada a fundo. O sangue brota da mão direita de Onofre.

O sangue é o preço da honra ofendida. Bento cumprimenta o adversário e dá-se por satisfeito. Mas o ferimento é leve. Onofre treme de raiva. Ata um lenço na mão e ergue outra vez a espada.

- Em guarda! Um de nós há de ficar aqui.

- Assim o quereis, assim será.

O desenlace não tarda. Onofre ataca em desespero. Bento não o quer matar. Desvia-se com rapidez e enterra-lhe a espada no braço direito. [...] A raiva de Onofre cede lugar ao medo. Vai esvair-se em sangue. Põe um joelho no chão e pede socorro a Bento com um sinal maçónico. O general rasga a própria camisa e amarra o braço do inimigo acima do ferimento. Mas o sangue ainda escorre. Onofre está pálido e espuma nos cantos da boca. [...] É preciso buscar socorro. Monta no mouro e galopa para o acampamento. Toma as providências para a remoção de Onofre e apresenta-se a David Canabarro. O comandante do exército, por tantos anos seu subordinado, ouve-lhe o relato de cenho franzido. E dá-lhe voz de prisão.

Bento cora até a raiz dos cabelos. Seu pulso treme ao desfivelar a espada. A tradição manda que a entregue ao general. Mas Canabarro se faz grande e recusa a arma.

- Guarde-a consigo. Para sustentar a espada de Bento Gonçalves só conheço um homem. E esse homem se chama Bento Gonçalves.³⁴⁶

Em *A Casa das Sete Mulheres*, Bento Gonçalves é mostrado no meio doméstico. Também aí a sua força e carisma são marcantes, subordinando todos os que o rodeiam:

Meu tio Bento também é um homem marcante, de força. Quando pisa no chão, é como se a madeira tremesse um tanto a mais, mas não por seu peso, nem que pise forte, é que tem nos olhos, nas carnes, no corpo todo um poder e uma calma dos quais não se pode escapar. Meu

³⁴⁵ Alcy Cheuiche, *A Guerra dos Farrapos*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, p. 120

³⁴⁶ *Ibid.*, p. 157 a 161

tio, mesmo não estando entre nós, marca-nos a cada uma com a força dos seus gestos: é por um ideal seu que estamos aqui, esperando, divididas entre o medo e a euforia.³⁴⁷

A caracterização de Bento Gonçalves em *A Casa das Sete Mulheres* vai ao encontro aos tópicos utilizados para caracterizar o gaúcho. Verdadeira personagem colectiva, o General assume todas as particularidades do povo que representa.

Bento manifestava as capacidades do “centauro dos pampas”, do cimo do seu imponente cavalo. Elegante e forte, deixava transparecer virilidade, coragem e audácia.

Cactana Joana Francisca Garcia Gonçalves da Silva fez força para conter o leve tremor que assaltou suas carnes, mas foi em vão. Baixou os olhos para a mesa, e em suas retinas dançava ainda o vulto de seu adorado Bento, montado no alazão, usando o dólmã, espada na cintura, as botas negras que cutucavam o cavalo com as esporas de prata. E reviu ainda o seu adeus, naquela alvorada em que partira de casa com Onofre e os outros, para tomar a Capital. Sob a luz tênue do amanhecer, pareciam figuras de mágica, vultos dourados pelos primeiros matizes do dia. E fora assim que o guardara no último instante, as costas eretas, o cavalo troteando, uma mancha negra que ia diminuindo pouco a pouco.³⁴⁸

Dotado de força física e de valores e ideais, o gaúcho superava a capacidade humana para cumprir o seu destino. Homens de ideologia, seguiam o seu destino sem temer a morte.

...ainda Bento, seu Bento, espaçoso e forte como um touro, ocupava cada palmo de seu espírito.³⁴⁹

Nunca ignorei a sua fibra, nem a força dos seus sonhos, e luto para estar eu à altura da sua companhia e da grandeza dos seus atos.³⁵⁰

...ao mesmo tempo tão frágil e tão forte, deve ter-se rendido a essa aura que de Bento Gonçalves exala. Aura de imperador, mesmo que nesse momento ele esteja lutando contra um.³⁵¹

... será que Bento Gonçalves da Silva, quando ainda era um bebê, ao receber na pia batismal esse nome que lhe foi dado, recebia também a herança de comandar este povo?³⁵²

O gaúcho, após o Partenon Literário,³⁵³ era elegante e tinha um porte altivo. Com Alcy Cheuiche, Bento Gonçalves é descrito envergando a tradicional indumentária

³⁴⁷ Leticia Wierzchowski, *A Casa das Sete Mulheres*, Ambar, 2003, p. 41

³⁴⁸ *Ibid.*, p. 35

³⁴⁹ *Ibid.*, p. 36

³⁵⁰ *Ibid.*, p. 39

³⁵¹ *Ibid.*, p. 42

³⁵² *Ibid.*, p. 64

gaúcha. Não se restringe ao aspecto físico, a proximidade entre Bento e o Gaúcho, também se reflectem os hábitos e tradições. Bento tinha as mãos de um homem activo, que dominava as actividades da estância, com o mesmo primor com que desembainhava a espada na defesa das fronteiras do Sul.

Bento Gonçalves era um homem alto, de barba cerrada e negra, e poses de fidalgo. Não aparentava os quarenta e seis anos que tinha, porque em tudo emanava energia, até nos menores gestos, mas era comedido, compenetrado, confiável. Por isso era o homem forte da revolução, um gaúcho, no más. Corajoso e sereno. Usava naquela manhã o dólma azul, bombachas escuras, o chapéu de barbicacho e, presas nas botas de couro negro, suas esporas de prata, muito bem areadas, brilhantes. O lenço vermelho de seda estava preso ao pescoço.³⁵⁴

Caetana riu contente. Fez um carinho na barba daquele coronel cheio de sonhos. [...] D. Ana trocou um longo olhar com o irmão, onde leu alguma angústia, mas seu rosto era firme e orgulhoso, o rosto de um comandante. [...] Bento Gonçalves sorriu e pensou por um instante, escolhendo boas palavras para sua resposta. [...] As mulheres arregalaram os olhos. D. Ana sorriu da efervescente força do irmão. O que tinha de ser, tinha de ser, pensou. [...] D. Antónia passou o mate ao irmão. Viu as mãos calejadas, fortes, másculas agarrarem a cuia com facilidade extrema. A cuia sumiu mansamente entre aqueles dedos. [...] dentro dos olhos de Bento, dos olhos negros e ávidos de Bento, um brilho de fúria ardia como uma chama.³⁵⁵

Bento Gonçalves fixa-se como símbolo do homem do Sul. Como a representação mítica, o centauro era metade homem metade cavalo, Bento Gonçalves da Silva era meio homem meio natureza. Nele desabrochava a força dos pampas que inspirava quem o seguia. Verdadeiro “varão assinalado”, Bento liberta-se das leis da morte ao assumir a sua posição de líder incontornável. Bento canaliza em si a capacidade física e espiritual do homem que abdica da vitória pela defesa dos ideais que o movem.

A voz de Bento Gonçalves ecoou pelo campo e bateu asas como um pássaro, alçando-se para o céu azul. Tinha tanta força que parecia entrar pelos poros de todos ali reunidos.³⁵⁶

Bento Gonçalves virá ver-nos em breve. [...] Com ele, notícias; com ele verdades.³⁵⁷

Aquele homem alto e forte e de gandes silêncios e de palavras medidas que foi meu tio Bento Gonçalves da Silva dá a única ordem

³⁵³ Criado em 1868.

³⁵⁴ Alcy Cheuiche, *A Guerra dos Farrapos*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, p. 68 e 69

³⁵⁵ Leticia Wierzchowski, *A Casa das Sete Mulheres*, Ambar, 2003, p. 71 a 75

³⁵⁶ Alcy Cheuiche, *A Guerra dos Farrapos*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, p. 98

³⁵⁷ Leticia Wierzchowski, *A Casa das Sete Mulheres*, Ambar, 2003, p. 65

possível: enterrar os canhões. [...] Avança em direção a um sonho, mil homens que não existem mais e que sequer voltarão a existir algum dia. Feitos de outra cepa. Madeira extinta. Mil homens do ontem. E da glória. E da coragem.³⁵⁸

Crescêncio, Teixeira, Netto e Bento Gonçalves são como baluartes, o vento não os verga, a chuva não os atinge, míticos centauros desse pampa. [...] Bento Gonçalves entra. A água escorre das suas vestes, desfaz seus cabelos e seu bigode, mas ele ainda é um gigante, calmo e decidido, e seus olhos ardem a mesma chama de convicção.³⁵⁹

Tendo em conta que as obras analisadas foram produzidas depois da Revolução, a humanização de Bento Gonçalves como justificação para a derrota é um elemento fulcral para o entendimento da figura ficcional. Em geral as personagens centrais da ficção são os vencedores. Os derrotados são vítimas da justiça que castiga quem não age de acordo com os cânones idealizados. No romance histórico a alteração dos resultados como forma de fazer prevalecer a justiça não é fácil de concretizar. Assim sendo, é fundamental justificar os motivos da derrota. No caso de Bento Gonçalves da Silva, a justificação enaltece a personagem ao invés de a denegrir.

Alguém diz que a única saída é pôr fogo na vila. Matar os soldados aquartelados. Destruir a cidade e garantir a sua posse. [...] Tem um rígido código de honra. Nem pela guerra, nem pela República, haverá de matar inocentes e civis. [...] Sob as ordens do grande general, os republicanos organizam sua retirada. Há coisas impossíveis de serem feitas por determinados homens. [...] um homem fez uma escolha e pagou por ela com seus sonhos.³⁶⁰

... viram entrar a figura de Bento Gonçalves, alto, forte, enrijecido pelas lutas e pela liberdade, vestido no seu uniforme impecável.³⁶¹

Netinho ficou olhando o grande general e sentiu que aquele era um dos momentos mais importantes da sua vida. Tinha visto Bento Gonçalves outras vezes, mas ali, naquele gabinete, o general parecia maior e mais alto e mais forte do que qualquer homem sobre o chão do pampa.³⁶²

... ficou olhando o rosto impenetrável de Bento Gonçalves da Silva, presidente da República Rio-Grandense, o grande proprietário de terras, o homem que respondia por todo aquele sonho.³⁶³

Como o mais correcto dos gaúchos, Bento Gonçalves da Silva sacrifica-se em prol de um bem maior:

³⁵⁸ Leticia Wierzchowski, *A Casa das Sete Mulheres*, Ambar, 2003, p. 403

³⁵⁹ *Ibid.*, p. 405

³⁶⁰ *Ibid.*, p. 407 e 408

³⁶¹ *Ibid.*, p. 233

³⁶² Alcy Cheuiche, *A Guerra dos Farrapos*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, p. 282

³⁶³ *Ibid.*, p. 289

Ainda uma vez, Bento Gonçalves age com sabedoria. Afasta-se das negociações e deixa Antônio Vicente da Fontoura tomar as iniciativas em nome da república. [...] O sonho chegava ao fim.³⁶⁴

Tabajara Ruas coloca o próprio Bento Manuel a informar a respeito das capacidades de Bento Gonçalves. Nas palavras do rival, Bento Gonçalves é o alicerce que sustenta a Revolução. A derrota de Bento Gonçalves, quer em batalha quer em apelo à deposição de armas, seria uma vitória para Bento Manuel que, assim, superaria o seu tocaio de forma cabal.

Se derrotar Bento Gonçalves amanhã será o fim da revolução. Entrará na Câmara dos Deputados pisando forte, com um sorriso no rosto para os aplausos.³⁶⁵

Derrotara o mais prestigiado guerrilheiro dos pampas de forma absoluta e humilhante.³⁶⁶

Em *Os Varões Assinalados*, o herói farrapo mantém as qualidades comuns aos gaúchos ilustres, a exposição é, contudo mais humana do que a apresentada por Leticia Wierzchowski. Tabajara Ruas descreve Bento como um herói humano, surge como um líder devoto, cheio de coragem e audácia, mas que padece de dor física. É um homem com preocupações e com desejos, que se esforça por fazer o mais correcto. Em *A Casa das Sete Mulheres*, Bento é anunciado como quase mítico, supra-humano. Ainda que descrito como um homem, as suas particularidades são deificadas, a sua força, coragem e audácia ultrapassam o aceitável à aptidão humana.

Instantaneamente com o tiro, sentiu a fígada no ombro, a dor da carne dilacerada. [...] Bento Gonçalves percebeu o sangue descendo pelo braço, viu-o aparecer no fim da manga, manchando a mão. [...] Sentado numa banquetta, mal humorado, deixava o cirurgião Duarte examinar seu ombro. “A bala saiu, graças a Deus”, disse o médico. “Mas há perigo de infecção. Aconselho o senhor a buscar segurança da Campanha, onde pode ser tratado melhor. Meus remédios escasseiam.” “Não vou abandonar meus homens.” “Os homens são importantes”, disse o conde, “mas o movimento é mais.” “A tropa eu não abandono, Tito. Não nessa situação.” “Vosmecê é imprescindível para o movimento. Não pode correr riscos. Tem de ser preservado. Acho que deve seguir o conselho do doutor. Atravesse o Guaíba.” “Vamos atravessar o Gravataí. Todos juntos.” [...] ... fez uma careta de dor, o médico derramava cachaça na ferida.³⁶⁷

³⁶⁴ Alcy Cheuiche, *A Guerra dos Farrapos*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, p. 163

³⁶⁵ Tabajara Ruas, *Os Varões Assinalados*, Porto Alegre, L&PM Pocket, 2003, p. 119

³⁶⁶ *Ibid.*, p. 195

³⁶⁷ Leticia Wierzchowski, *A Casa das Sete Mulheres*, Ambar, 2003, p. 145 e 146

Bento Gonçalves da Silva conjuga o humanismo, a força e a determinação do homem gaúcho, a sua virilidade, tal como a sua complacência, destacam-se nos momentos de maior pressão.

Bento Gonçalves usava a habilidade no manejo da espada. Protegia as costas na muralha e ia abrindo caminho com tão absoluta determinação que os inimigos já se arredavam quando ele se aproximava. Olhavam com assombro para aquele homem de chapéu enterrado até os olhos – olhos que brilhavam com um fogo intenso e assustador – como se ele tivesse poderes sobrenaturais.³⁶⁸

“Vamos incendiar a vila.” “Incendiar a vila?” “Casa por casa. Enquanto apagam o fogo nós tomamos conta. Não há outro modo.” “E os moradores?” “Não há outro modo.” [...]. Bento Gonçalves chama Antunes e Rossetti. “Organizem a retirada.” “O comando é meu”, articula surdamente Crescêncio. “Então, organize-a coronel.”³⁶⁹

Letícia Wierzchowski, inspirada em Tabajara Ruas, vai revelando a decadência física e psicológica de Bento Gonçalves. Como aconteceu com a figura do gaúcho que, de monarca das coxilhas, decaiu até se tornar o gaúcho a pé, com Cyro Martins. Também a figura de Bento Gonçalves evolui nesse sentido.

A boca, um pouco entreaberta, não tinha mais aquele desenho delicado de gravura; a antiga boca miúda, vermelha, sempre sensual, era, agora, esboço enrugado e pálido. Havia grande sulco amargo no meio da testa. Bento Gonçalves da Silva fora, na infância, o deus que vinha a cavalo de longe, trazendo cheiro de campo e vastidão. Era quem, nas longas noites de inverno, junto ao fogão, improvisava versos e contava histórias que provocavam sensação gostosa de medo enquanto o minuano acoitava as janelas e as portas. Agora, é esse velho contra essa árvore nesse fim de tarde.³⁷⁰

Assis Brasil vai consumir o declínio de Bento Gonçalves. Pondo em evidência as imagens opostas do General, tem-se, por um lado, a imagem no altar de Laurita de um Bento deificado, saudável, bonito e inspirador. Por outro lado, tem-se a imagem cruel com que Filhinho se depara. Bento Gonçalves cai do seu altar na obra do autor de *A prole do Corvo*.

Fica de costas, olhando o retrato de Bento Gonçalves, moço e bonito, largas suíças, lábios finos.³⁷¹

³⁶⁸ Tabajara Ruas, *Os Varões Assinalados*, Porto Alegre, L&PM Pocket, 2003, p. 406

³⁶⁹ *Ibid.*, p. 408 e 409

³⁷⁰ *Ibid.*, p. 433

³⁷¹ Luiz Antônio de Assis Brasil, *A Prole do Corvo*, Porto Alegre, Editora Movimento, Terceira edição, 1982, p. 75

Hesita com o quadro do Bambá na mão, o general está belo como antes da guerra, e para ele não se passaram dez anos de luta. Os mesmos olhos decididos, a boca fina.³⁷²

Conta muitas peleias, desde o início da guerra, desde o vinte de setembro, tê guerra! Mas não sabe, não, o Bento Gonçalves já não é mais o mesmo.³⁷³

Bambaqueré está comendo bolachas, à porta da barraca; tira-as de um caixote revestido de folha de zinco, entremeia um sorvo de mate. Por vezes a bolacha é tão dura que tem de quebrá-la com o punho do sabre. Junta os pedaços e enfia-os na boca, mastigando miudinho. [...]. Gostava de ter as botas do Bambá, dizem que verniz é quente.

- Esse é o Bambaqueré! – pensa.

Bento Gonçalves despede o capitão, batendo-lhe amistosamente no ombro; diz algo para dentro da barraca e vem a ordenança, que recolhe o urinol e entrega uma pequena bacia e um estojo de couro. Bamba acomoda-se numa banquetta, levanta o tampo do estojo, retira de dentro um pincel de barba e uma navalha; molha o pincel na bacia e passa-o no rosto, espalhando espuma e, com o dedo fino, contorna os lábios, removendo as sobras; abre a navalha, examina o fio, assenta-a na palma da mão, enquanto os olhos, melancolicamente alçados, seguem o voo manso de um corvo.

- Esse é o Bambaqueré! – diz Cássio. – Tá olhando ele?

- Estou aqui parado há tempo.

Cássio ri, os braços cruzados: tá aí, tanta correria, tanta morte, tá aí, fazendo barba. – Olha pensativo para as nuvens. – Setembro, José, e nada.

- Nada de quê?

- Nada de melhorar o tempo, nada de guerra, se continua ou não. Que adiantou nos reunir com as tropas do Bambá? Antes ficar correndo campo com o louco do Paulino, do que amermado com o Bento Gonçalves. E Bagé tão perto, a um tiro de fuzil!

- Mas não se sabe nada?

- O Bento Gonçalves andou se encontrando com o Caxias, faz pouco. Mas tá tudo na mesma.

- O Caxias não é o chefe dos legais?

- É. É o capataz deles.

- E o Bambá foi no acampamento dele?

- Foi.

- E não brigaram um com o outro?

- Não.

- E por que, se eu vejo um imperial, tenho de ir logo dando um lançaço no peito?³⁷⁴

Apesar de assinalado com menos entusiasmo, nem o próprio Luiz Antônio de Assis Brasil ousa mostrar Bento Gonçalves como alguém inglório ou um anti-herói. Como ocorreu com o gaúcho em Cyro Martins, o General é apresentado como um pobre

³⁷² Luiz Antônio de Assis Brasil, *A Prole do Corvo*. Porto Alegre, Editora Movimento, Terceira edição, 1982, p. 155

³⁷³ *Ibid.*, p. 49

³⁷⁴ *Ibid.*, p. 121 e 122

coitado, um homem honrado, de bom coração mas desmoralizado pelas agruras da guerra e pela incapacidade de triunfar. A dedicação aos seus homens, contudo, continua a ser defendida como se o herói farrapo tivesse alcançado o possível à força humana e mais fosse inalcançável.

Estão formando em linha no meio do campo, e Bambá passa, ereto entre os soldados, montando um baio de cola erguida. [...] Olha a bota de verniz de Bambá, encravada no estribo, as esporas de ouro refletindo um ponto de luz: é o sol, que ziguezagueia no metal. Ergue o olhar, por primeira vez, e vê a mão pálida pousando na coxa, sobre o tecido azul. O rosto do Queré está rígido; as largas suíças, negras e ondeadas, terminam nas extremidades dos lábios que se apertam em desconfiança; os olhos, inquietos, erram pelos fardamentos sujos e rasgados, pelos cavalos clinudos que estão ao lado de cada homem. Pega um freio, que se rompe e fica balançando na mão, coisa inútil. O soldado esconde o rosto debaixo da pala do boné. Bambá apeia, mostra então como aproveitar os restos de couro, completando o faltante com um pedaço de corda. Antes de montar, ainda põe o freio no animal, e experimenta a resistência. Acha bom, entrega as rédeas, abrandando a impassibilidade do rosto: quase toca no ombro do soldado, num gesto amigo; mas detém-se, contraindo o braço vivamente. Logo o pé de verniz crava-se com fúria no estribo, e as esporas rascam o pêlo branco. [...] Segue percorrendo as colunas, e não se importa que falem bonés, que sobrem uniformes nas barrigas e que o peso do corpo se derreie sobre uma perna só.³⁷⁵

A coragem e a capacidade de liderança dão ideia de serem dados adquiridos. No entanto, são-lhe feitas acusações que, nos dias de hoje, em nada o diminuem: Bento Gonçalves evitava derramar o sangue de seus compatriotas, preferindo abdicar de vitórias certas a matar inocentes. O valor de Bento é incontornável, durante o decênio farroupilha. Ele foi o líder quase absoluto, apenas afastado da chefia no final da Revolução. Foram o carisma e a força deste homem que mantiveram, durante dez anos, uma guerra contra um adversário mais rico e mais poderoso. Os legalistas substituíram seus comandantes ao longo dos anos, e só com a chegada do Duque de Caxias, o pacificador carismático, o Império conseguiu inverter a situação.

Bento Gonçalves parece ter encontrado um rival à altura no Duque de Caxias.³⁷⁶ O Barão é descrito como um homem inteligente e justo que percebe que Bento Gonçalves é um adversário digno:

³⁷⁵ Luiz Antônio de Assis Brasil, *A Prole do Corvo*, Porto Alegre, Editora Movimento, Terceira edição, 1982, p. 144

³⁷⁶ O Duque de Caxias foi instrutor de esgrima do jovem príncipe Dom Pedro, desse contacto nasceu uma verdadeira dedicação e afeição pelo futuro Imperador.

É o seu maior segredo era estudar a fundo a psicologia do adversário. Luiz pensa em Bento Gonçalves. Como será realmente o chefe dos farroupilhas? Não lhe parece ser um gênio militar. Mas é experiente e equilibrado. Detesta a violência inútil. É o único oficial republicano que acredita na infantaria e na artilharia. Os demais comandantes, Netto, Canabarro, João Antônio, só sabem liderar cargas de cavalaria. A mobilidade e o conhecimento do terreno têm sido o segredo das vitórias dos rebeldes. A dificuldade em obter armamento, a improvisação tática e a indisciplina justificam a maioria de suas derrotas. Mas Bento Gonçalves lhe merece respeito. Parece-lhe ser um homem leal e cavalheiresco. Será mesmo assim ou essa foi a imagem que seu tio João Manuel lhe havia inculcido?³⁷⁷

O Barão de Caxias e Bento Gonçalves são, apesar de em campos opostos, as duas personagens mais semelhantes: “Sou apenas um soldado, alteza. E nós soldados somos péssimos políticos”.³⁷⁸

Bento Gonçalves e República do Rio Grande tomam-se quase sinónimos. Enquanto Bento tem força anímica para lutar e liderar então também a República mantém o seu fulgor.³⁷⁹

³⁷⁷ Alcy Cheuiche, *A Guerra dos Farrapos*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, p. 133

³⁷⁸ *Ibid.*, p. 135

³⁷⁹ *Ibid.*, p. 154 e 155

CONCLUSÃO

Compreender e estudar a Literatura do Rio Grande do Sul não é o mesmo que analisar a Literatura Brasileira. Os parâmetros a ter em conta são muito diferentes. A literatura sulina é marcada pelos conflitos e pela história militar que tem lugar nos Pampas. A proximidade aos Países do Prata tem influência na Cultura Sul-Rio-Grandense que se desenvolve neste hibridismo literário.

A bibliografia escolhida enquadra-se em redor da personagem de Bento Gonçalves da Silva, quer como personagem literária quer como personagem histórica, e na temática da fronteira entre Literatura e História. Seria impossível abordar, neste trabalho, todos os pontos referenciais entre História e Literatura, tendo-se seleccionado os que eram pertinentes, para alcançar o objectivo deste projecto.

A personagem do líder farroupilha vai sendo alterada ao longo dos anos, de modo a corresponder às expectativas do autor. Variando de acordo com a época e com o contexto político e social, Bento Gonçalves da Silva torna-se o baluarte de gerações e até de um povo. Numa altura em que no Rio Grande do Sul se volta a ouvir falar de independência e federalismo, a imagem do gaúcho e do seu líder histórico continua actual. Para além da Literatura, porta-voz de ideologias, também a arte e a música recorrem ao passado audacioso dos sul-rio-grandenses para servir “de modelo a toda a terra”. (11º verso do Hino Rio-Grandense)

A personagem ficcional de Bento Gonçalves da Silva sofreu alterações consoante o contexto social e cultural dos seus representantes. A figura literária evolui a nível familiar. Ao analisar as obras comprovamos que o relevo dado à família vai crescendo.

Bento oscila entre o herói do decénio farroupilha e o usurpador de um valor que não merece. Contudo, ainda que variando de intensidade, ninguém lhe nega a relevância alcançada. Comandante de uma revolução por mérito próprio, a ambígua personagem de Bento Gonçalves da Silva, vai enfrentar, em nome de um povo e de uma terra que venera acima de tudo, um Imperador de quem é súbdito.

Nas obras analisadas, encontramos a evolução da Revolução Farroupilha e o seu declínio. Deparamo-nos também com a evolução de Bento Gonçalves e o seu declínio. Num trajecto semelhante ao que o gaúcho percorre, encontra-se a mitificação e a desmitificação de Bento Gonçalves da Silva. Ao lado da imagem do gaúcho, encontra-se a mitificação de Bento e de Blau Nunes em João Simões Lopes Neto. Tornando-se

um “o monarca das coxilhas”, e o outro o seu líder incontestado. Marcados pela coragem, honra e virilidade, os gaúchos destacam-se das restantes subculturas brasileiras, pela sua beligerância justiceira. Com Leticia Wierzchowski e com Tabajara Ruas, o herói gaúcho ganha capacidades que o elevam acima do humano. As obras valorosas do General garantem-lhe papel privilegiado na Literatura e elevam-no à imortalidade.

Tal como o gaúcho em *Porteira Fechada*, de Cyro Martins, Bento Gonçalves da Silva vai retornar à humanidade com Luiz Antônio de Assis Brasil. Critico confesso da deturpação histórica, o autor vai resumir o herói farrapo ao seu papel histórico. Não lhe vai negar o valor humano, nem o protagonismo militar de que é detentor, mas vai fazê-lo assumir o seu principal papel, o de ser humano.

Pode-se concluir que a figura do gaúcho e a figura de Bento Gonçalves da Silva são paralelas: ambas ultrapassaram a existência biológica através da Literatura, e ambas foram por ela remetidas à imortalidade. Do mesmo modo, Cyro Martins e Assis Brasil surgem como carrascos para essa imagem, desmitificando, mas não abalando a sua onnipresença.

Já não associado ao gaúcho dos séculos XVIII e XIX que se encontra em João Simões Lopes Neto, o novo Bento Gonçalves da Silva, representado por Tabajara Ruas e Leticia Wierzchowski, associa as características do gaúcho mítico, às pretendidas no líder e homem actual.

Longe de ser uma figura ultrapassada, Bento Gonçalves da Silva continua a ser um elemento central da cultura sulina. Numa altura em que se criam movimentos separatistas, apelando a razões idênticas às que conduziram à revolta de 1835, a figura do Presidente gaúcho ganha um novo fôlego.

No mesmo barco que o trouxe de Triunfo, seu corpo é levado até o Camaquã. O enterro é simples. Poucos amigos estão na Estância do Cristal. Mas um deles guardará seu túmulo. Nico Ribeiro, o ex-escravo e corneteiro. E os gaúchos, passando pela estrada, ouvirão muitas vezes o clarim. É o toque de silêncio de uma guerra. Que até hoje não chegou ao fim.³⁸⁰

³⁸⁰ Alcy Cheuiche, *A Guerra dos Farrapos*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985, p. 170

BIBLIOGRAFIA DO CORPUS ANALISADO

- ASSIS BRASIL, Luiz Antônio de, *A Prole do Corvo*, 3. ed. Porto Alegre, Movimento, 1982.
- CHEUICHE, Aley, *A Guerra dos Farrapos*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.
- LOPES NETO, João Simões, *Contos Gauchescos*, São Paulo, Martin Claret, 2002.
- RUAS, Tabajara, *Os Varões Assinalados*, Porto Alegre, L&PM Pocket, 2003.
- WIERZCHOWSKI, Leticia, *A Casa das Sete Mulheres*, Lisboa, Ambar, 2003.

BIBLIOGRAFIA GERAL

LITERATURA

- AAVV, *Letras de Hoje*, nº77, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Setembro de 1989.
- AAVV, *Luiz Antonio de Assis Brasil*, Autores Gaúchos, v. 18, Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro, 1988.
- AAVV, *O Delta*, ano I, nº2, Setembro de 2002.
- ANTONINI, Eliane Pibernat, *Incidentes Narrativos: Antares e a cultura de massa*, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2000.
- ASSIS BRASIL, Luiz Antônio de, *Escritos açorianos: a viagem de retorno – tópicos acerca da narrativa açoreana pós-25 de Abril*, Lisboa, Salamandra, 2003.
- _____, *História e literatura*, In MASINA, Lea, APPEL, Mirna (orgs.), *A geração de 30 no Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, UFRGS, 2000.
- AZEVEDO, Thales de, *Gaúchos*, Progresso, Bahia, 1958.
- BACZKO, Bronislaw, *Imaginação Social*, In *Einaudi*, nº5, Anthropos-Homem, 1986.
- BARCELLOS, Ramiro, Citado no *Jornal Echo do Sul*, Rio Grande, 24 de Janeiro de 1890.
- BARTHES, Roland, “O personagem histórico”, *S/Z*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992.
- BERTUSSI, Lisana, *Literatura gauchesca: do cancionero popular à modernidade*, Caxias do Sul, EDUCS, 1997.
- CALDRE E FIÃO, José Antonio do Valle, *A Divina Pastora*, Porto Alegre, RBS, 1992.
- _____, *O Corsário*, Porto Alegre, Movimento, 1979.
- CAMEIRÃO, Lurdes, *Teixeira de Pascoaes e o imaginário popular*, Lisboa, Apenas Livros, 2007.
- CESAR, Guilhermino, “Amigos e inimigos de Martin Fierro”, In JOBIM, Leopoldo (org.), *Martin Fierro/ José Hernández*, Caxias do Sul, UCS/EST 1980.
- _____, *O gaúcho morreu – desde quando?*, Correio do Povo, Caderno de Folclore, Porto Alegre, 14 de Dezembro de 1976.
- CHAVES, Flávio Loureiro, *Os farrapos na literatura*, In *Zero Hora*, ZH Farrapos, Porto Alegre, 20 de Setembro, 1985.
- CHIAPPINI, Ligia, MARTINS, Maria Helena, PESAVENTO, Sandra Jatáhy (Org.), *Pampa e Cultura: de Fierro a Netto*, Porto Alegre, Editora da UFRGS/Instituto Estadual do Livro, 2004

- DINIZ, Carlos F. Sica, *João Simões Lopes Neto: uma biografia*, Porto Alegre, AGE 2003.
- ESTEVEES, A. R., *O novo romance histórico brasileiro*, In ANTUNES, L. Z., *Estudos de literatura e lingüística*, Assis, Arte e Ciência, 1998.
- FERNANDES, Fabrício Flores, *A ficção de Luiz Antônio de Assis Brasil e o discurso histórico*, In *Vidya*, Revista do Centro Universitário Franciscano, v. 19, nº34, Santa Maria, Julho/Dezembro 2000.
- FERREIRA FILHO, Arthur, *Rio Grande Heróico e Pitoresco*, Série História Gaúcha 2, Porto Alegre, Martins Livreiro, 1985.
- FERRO, António, FONTENELLE, Oscar (Dir.), *Atlântico: Revista Luso-Brasileira*, Nova Série, Nº2, Lisboa, Edição do S.N.I. e D.N.I.
- HUTCHEON, Linda, *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*, Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes, *O Foco Narrativo*, São Paulo, Ática, 1991.
- MANILA, Gabriel Janer, *Literatura Oral e Ecologia do Imaginário*, Lisboa, Apenas Livros, 2007.
- OLIVEIRA, José Osório de, *O Escritor Gaúcho Simões Lopes Neto* In FERRO, António, FONTENELLE, Oscar (Dir.), *Atlântico: Revista Luso-Brasileira*, Nova Série, Nº2, Lisboa, Edição do S.N.I. e D.N.I.
- ORNELLAS, Manoelito de, "Uma Viagem pela Literatura do Rio Grande do Sul", In FERRO, António, MELO, António Vieira de (Dir.), *Atlântico: Revista Luso-Brasileira*, Nova Série, nº4, Lisboa, Edição do S.N.I. e da A.N.
- REIS, Carlos, *O Conhecimento da Literatura, Introdução aos Estudos Literários*, 2. ed, Coimbra, Almedina, 2001.
- RIBEIRO, João Ubaldo, *Viva o Povo Brasileiro*, Círculo de Leitores, 1996.
- ROSSUM-GUYON, Françoise Van, HAMMON, Philippe, SALLENAVE, Daniele, *Categorias da Narrativa*, Lisboa, Coleção Vega Universidade.
- VERÍSSIMO, Erico, *O Tempo e o Vento*, Lisboa, Livros do Brasil, s/d.
- WILCKEN, Patrick, *Império à deriva: a corte portuguesa no Rio de Janeiro 1808-1821*, Porto, Civilização, 2008.
- ZILBERMAN, Regina, *A literatura no Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980.
- _____, *Literatura Gaúcha*, Porto Alegre, L&PM, 1985. Coleção Universidade Livre.

HISTÓRIA

- AAVV, *A Revolução Farroupilha: História & Interpretação*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.
- AAVV, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Porto Alegre, Instituto histórico, geográfico e ethnographico do Brasil, 1882.
- AAVV, *RS: Cultura & Ideologia*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980.
- ALBECHE, Daysi Lange, *Imagens do gaúcho: história e mitificação*, Porto Alegre EDIPUCR, 1996.
- ALVARENGA, Maria Zelia, *Mitologia Simbólica: Estruturas da Psique E*, Edição da Casa do Psicólogo.
- ASSIS BRASIL, [Joaquim Francisco], *A Guerra dos Farrapos*, Rio de Janeiro, Adersen-Editores, s/d.

- BASTIDE, Roger, *Brasil, terra de contrastes*, Corpo e Alma do Brasil, 8. ed., Rio de Janeiro / São Paulo Difel, 1978.
- BENNASSAR, Bartolomé, MARIN, Richard, *História do Brasil*, Santa Maria da Feira, Teorema, 2000.
- BOEIRA, Nelson, *Cultura e Ideologia*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980.
- BOSSLE, Batista, *Dicionário Gaúcho Brasileiro*, Porto Alegre, Artes e Ofícios, 2003
- BRADLEY, Michael, *O Manual das Sociedades Secretas*, Porto, Fubu, 2005
- BRITO, Francisco Sá, *Memória da Guerra dos Farrapos*, 1875.
- BUENO, Eduardo, *Brasil - uma história: a incrível saga de um país*, São Paulo, Edição de Ática, 2003, p. 190.
- CESAR, Guilhermino, *História do Rio Grande do Sul. Período Colonial*, Porto Alegre, Globo, 1970.
- _____, *O Conde de Piratini e a Estância da Música, A administração de um latifundiário rio-grandense em 1832*, Porto Alegre / Caxias do Sul, EST / IEL / UCS, 1978.
- CIVITA, Victor (Editor), *Grandes Personagens da Nossa História: Bento Gonçalves*, São Paulo, Abril, 1969.
- CLEMENTE, Elvo (Org.), *Integração: História, Cultura e Ciência 2004*, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2006.
- CORREIA, João David Pinto, *Repensar a Nossa Identidade Cultural*, Lisboa, Apenas Livros, 2005.
- DAVIS, David Brion, *The Problem of Slavery in the Age of Revolution 1770-1823*, Ithaca, Cornell University Press, 1975.
- EBELOT, Alfredo, *La Pampa: costumes argentinos*, Buenos Aires, Giordia e Rodriguez, 1943.
- FLORES, Elio Chaves, *O Caudilhismo*, São Paulo, FTD, 1997
- FLORES, Moacyr, *Dicionário de história do Brasil*, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.
- _____, *Modelo Político dos Farrapos*, 4. ed., Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996.
- _____, *República Rio-Grandense: Realidade e Utopia*, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2002.
- _____, *Revolução Farroupilha*, Porto Alegre, Martins, 1984.
- FONSECA, Pedro Ari Veríssimo da, *Formação do Gaúcho*, Diário da Manhã, Passo Fundo, 1982.
- FREITAS, Décio, *O capitalismo pastoril*, Porto Alegre, EST, 1980.
- GOLIN, Tau, *A ideologia do Gauchismo*, Porto Alegre, Tchê!, 1983
- GOLIN, Tau, *Por baixo do poncho: contribuição à crítica da cultura gauchesca*, Porto Alegre, Tchê!, 1987
- GONZAGA, Sergius, *As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura*, In FREITAS, Décio (Org.), *RS: Cultura e Ideologia*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980.
- GOULART, Jorge Salis, *A Formação do Rio Grande do Sul*, 3. edição, Caxias do Sul, Martins Livreiro Editor, UCS-EST, 1978.
- GUIZZO, José C., *Traição e hipocrisia*, In *Já*, História Nº1, Porto Alegre, Outubro, 1985.
- LAMBERTY, Salvador Ferrando, *ABC do tradicionalismo gaúcho*, 7.ed. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1989.
- LAYTANO, Dante de, *O linguajar do gaúcho brasileiro*, Porto Alegre, EST, 1981.
- LESSA, Barbosa, *Rio Grande do Sul, Prazer em Conhecê-lo*, Porto Alegre, AGE.
- LIMA, J. I. de Abreu e, *Compendio da Historia do Brasil*, 2º volume, Rio de Janeiro, Eduardo e Henrique Laemmert, 1843.
- LOPEZ, Luiz Roberto, "O mito do gaúcho", In *A Revolução Farroupilha*, Jornal do Unificado, Porto Alegre, Maio, 1985.

- MACEDO, Francisco Riopardense de, *Lições da Revolução Farroupilha*, Porto Alegre: Assembléia Legislativa do RS, 1995.
- MAGNOLI, Demétrio, OLIVEIRA, Giovana, MENEGOTTO, Ricardo, *Cenário Gaúcho: Representações históricas e geográficas*, São Paulo, Moderna, 2001.
- MARKUN, Paulo & CARDOSO Fernando Henrique, *Anita Garibaldi: uma heroína brasileira*, Rio de Janeiro, Senac, 2003.
- MARTINS, Maria Helena, *Fronteiras Culturais: Brasil - Uruguai - Argentina*, São Paulo, Atelie, 2002.
- MEYER, Augusto. "Gaúcho, história de uma palavra", in *Prosa dos pagos* (1941-1959), Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro, Corag, 2002
- MOURE, Telmo Remião, *História do Rio Grande do Sul*, Editora FTD Ltda, 1994
- MORA, Ferrater, *Visões da História*, Porto, Rés.
- MURALHA, Pedro, *Portugal no Brasil: a colonização portuguesa*, Lisboa, Luso-Grafica, 1927.
- NICHOLS, Madaline Wallis, *O Gaúcho*, Rio de Janeiro, Zelio Valverde, 1946.
- RIBEIRO, Darcy, "Brasis Sulinos: Gaúchos, Matutos e Gringos" In *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 408-444
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da, *Donas e Plebeias na Sociedade Colonial*, Lisboa, Estampa, 2002.
- _____, *Vida Privada e Quotidiano no Brasil na época de D. Maria e D. João VI*, 2. ed., Lisboa, Estampa, 1993.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da (Coord.), *Nova História da Expansão Portuguesa: O Império Luso-Brasileiro, 1750-1822*, volume VIII, Lisboa, Estampa, 1986.
- URBIM, Carlos, *Os Farrapos*, Porto Alegre, Zero Hora, 2003.
- VARELA, Alfredo, *História da Grande Revolução*, 1º volume, Porto Alegre, Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, Barcellos, Bertaso & Cia., 1933.
- VEYNE, Paul, *Como se escreve a História*, Edições 70, 1983
- WEINHARDT, Marilene, *A Revolução Farroupilha como tema ficcional*, In AAVV, *Limites, Associação brasileira de Literatura Comparada - Congresso*, EDUSP, 1992.

OUTROS

- AAVV, *O Livro da Saúde, Enciclopédia Médica Familiar*, Porto, Selecções do Reader's Digest, 1976.
- BEVAN, Dr. James, *Enciclopédia Médica da Família*, 2º volume, Cacém Círculo de Leitores, 1984.

BIBLIOGRAFIA ELECTRÓNICA

<http://alfredoyarela.pampa.ejb.net>
<http://regionalismogaicho.weebly.com>
http://tede.puers.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1307
<http://www.riograndelivre.org/page07.php>
www.ahimtb.org.br/possepiratini.htm
www.aleycheuiche.farrapo.net
www.culturabrasil.org/poetica/artepoetica_aristoteles.htm
www.fapa.com.br/cienciaseletras
www.ihp.org.br/colecoes/lib_ihp/docs/cmb20050930.htm
www.militar.com.br
www.mtg.org.br
www.paginadogaicho.com.br
www.paginadogaicho.com.br/pers/bgs.htm
www.paginadogaicho.com.br/pers/n-bento-gonc.htm
www.resenet.com.br/lanceiros_negros.htm
www.resenet.com.br/users/ahimtb
www.riogrande.com.br
www.riogrande.com.br/revolucao_farroupilha-b498-en.html
www.uel.br/ech/pos/letras/terraroixa
www.viapolitica.com.br/sonhos/06_os_farrapos_negros.php